TRAGÉDIAS

VOLUME I

LÚCIO ANEU SÊNECA

Édipo · Fenícias · Medeia
Hércules furioso · Hércules no Eta

NOTA DESTA EDIÇÃO

Traduções

Édipo — Giovani Roberto Klein

Fenícias — Cíntia Martins Sanches

Medeia — Ana Alexandra Alves de Sousa

Hércules furioso — Luciano Antonio B. S. Marchiori

Hércules no Eta — José Geraldo Heleno

Critérios editoriais

Foram reunidos exclusivamente os textos portugueses das peças. Estudos particulares, notas, bibliografias, textos latinos, chamadas de nota, cabeçalhos e fólios das edições de origem não integram o corpo dramático. Mantiveram-se as divisões, os locutores, as indicações cênicas e a numeração de versos transmitida por cada tradução. Variantes legítimas do português foram preservadas; a uniformização limita-se à apresentação gráfica e à correção de falhas materiais.

Formato A5. Paginação preliminar em algarismos romanos e texto dramático em algarismos arábicos.

SUMÁRIO

Introdução iv

Édipo 1

Fenícias 35

Medeia 53

Hércules furioso 85

Hércules no Eta 119

INTRODUÇÃO

Lúcio Aneu Sêneca nasceu em Córduba, provavelmente por volta do início da era cristã, e morreu em Roma, no ano 65, obrigado por Nero a cometer suicídio. Filósofo, orador, homem de Estado e escritor, viveu no centro das tensões políticas do principado júlio-claudiano. Suas tragédias pertencem a esse ambiente imperial, mas se voltam quase sempre para o repertório mítico grego. Reis ameaçados, famílias condenadas por crimes antigos, heróis incapazes de governar as próprias paixões e cidades submetidas ao medo convertem-se, em sua poesia dramática, em imagens de uma ordem humana permanentemente exposta à violência.

O conjunto trágico transmitido sob o nome de Sêneca ocupa uma posição singular na literatura latina. As peças retomam assuntos conhecidos por meio de Ésquilo, Sófocles e Eurípides, mas não procuram simplesmente reproduzir os modelos áticos. A ação é concentrada em situações extremas; os discursos exploram longamente o conflito interior; as descrições fazem aparecer diante da imaginação aquilo que nem sempre é mostrado em cena. A palavra pode antecipar, prolongar ou até substituir o acontecimento. Por isso, a retórica não constitui um adorno exterior: ela é o meio pelo qual as personagens tentam dominar a realidade e acabam revelando a própria desordem.

Durante muito tempo discutiu-se se essas tragédias teriam sido compostas apenas para recitação. A oposição rígida entre leitura e representação, contudo, explica mal a variedade dos textos. As peças contêm entradas, saídas, mudanças de interlocutor, movimentos corais e situações concebidas segundo uma lógica propriamente teatral, embora admitam formas de apresentação diferentes das convenções modernas. A densidade verbal, os grandes monólogos e certas dificuldades cênicas não anulam a teatralidade; antes, definem uma dramaturgia em que voz, gesto, memória literária e espetáculo imaginado agem conjuntamente.

A relação com o estoicismo também exige cautela. Sêneca foi um dos principais filósofos estoicos de Roma, mas suas tragédias não são tratados dispostos em versos nem ilustrações mecânicas de uma doutrina. Elas investigam o que ocorre quando a razão perde a capacidade de ordenar os impulsos. Ira, medo, desejo, ambição e dor crescem por meio da linguagem até se tornarem mundos completos, nos quais a personagem já não reconhece medida exterior a si mesma. A conhecida oposição estoica entre razão e paixão oferece um horizonte interpretativo importante, mas a poesia permanece aberta a ambiguidades que uma leitura puramente moral reduziria.

Este primeiro volume adota uma ordem mítica ampla, e não uma hipotética cronologia de composição. Édipo e Fenícias formam o núcleo tebano. A primeira peça acompanha a investigação pela qual o rei de Tebas descobre ser ao mesmo tempo filho e assassino de Laio e marido de Jocasta. A segunda, conservada em estado fragmentário, parte das consequências dessa revelação: Édipo deseja abandonar a vida, enquanto seus filhos disputam o poder e conduzem a cidade para a guerra. Lidas em sequência, as duas tragédias mostram a passagem da culpa individual para a destruição da casa e da comunidade.

Medeia desloca o volume para a geração dos Argonautas. A princesa da Cólquida, estrangeira em Corinto e abandonada por Jasão, transforma a ameaça do exílio em projeto de vingança. A peça é construída em torno da recuperação deliberada de uma identidade terrível: Medeia recorda os crimes cometidos pelo esposo, mede o alcance dos novos delitos e procura superar a própria fama. O desfecho não restaura a ordem. A fuga no carro do Sol deixa Jasão sem filhos e sem resposta, diante de um universo cuja justiça se tornou impossível de distinguir da força.

As duas tragédias de Hércules completam o percurso do volume. Em Hércules furioso, o herói retorna do mundo dos mortos, derrota o usurpador de Tebas e parece restabelecer a segurança de sua família. Juno, porém, converte sua força em instrumento de destruição: tomado pela loucura, Hércules mata a esposa e os filhos. A verdadeira prova começa quando ele recupera a consciência e precisa escolher entre o suicídio e uma vida marcada pelo crime involuntário. A intervenção de Anfitrião e Teseu desloca o heroísmo da vitória física para a difícil aceitação da existência.

Hércules no Eta apresenta o término da vida do herói. A túnica impregnada pelo sangue de Nesso, enviada por Dejanira na esperança de recuperar o amor do marido, produz uma agonia que nenhuma força pode vencer. A morte na pira e a voz final vinda do alto transformam o sofrimento em apoteose. A autoria da obra é discutida: diferenças de extensão, estrutura e linguagem levaram muitos estudiosos a atribuí-la a outro poeta, embora ela tenha sido transmitida no corpus senecano e dialogue intensamente com Hércules furioso. Nesta edição, sua presença é determinada tanto pela tradição textual quanto pela conclusão que oferece ao ciclo de Hércules.

A influência do teatro de Sêneca foi particularmente profunda a partir do Renascimento. Suas peças forneceram modelos de monólogo, aparição sobrenatural, vingança familiar e imaginação do horror para dramaturgos italianos, franceses, espanhóis e ingleses. O teatro elisabetano, inclusive Shakespeare,

encontrou nessa tradição uma linguagem poderosa para representar a violência política e doméstica. A permanência das tragédias, entretanto, não depende apenas dessa descendência. Elas continuam atuais porque interrogam a fabricação verbal do poder, a conversão do sofrimento em espetáculo e a facilidade com que o indivíduo passa a chamar de destino aquilo que também resulta de suas escolhas.

As traduções reunidas neste volume provêm de trabalhos independentes e conservam suas opções próprias. Foram mantidas as diferenças legítimas entre o português brasileiro e o português europeu, assim como a colocação original da numeração dos versos e as indicações cênicas de cada tradutor. O trabalho editorial eliminou elementos alheios ao texto dramático — estudos, notas acadêmicas, textos latinos, cabeçalhos e rodapés das edições de origem — e corrigiu apenas falhas materiais inequívocas. A diagramação unifica títulos, nomes de personagens, hierarquia das divisões e paginação, sem apagar a individualidade das traduções.

REFERÊNCIAS ESSENCIAIS

BOYLE, A. J. Tragic Seneca: An Essay in the Theatrical Tradition. London: Routledge, 1997.

FANTHAM, Elaine. Seneca's Troades: A Literary Introduction with Text, Translation, and Commentary. Princeton: Princeton University Press, 1982.

FITCH, John G. Seneca: Tragedies. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2002–2004. 2 v.

LITTLEWOOD, C. A. J. Self-Representation and Illusion in Senecan Tragedy. Oxford: Oxford University Press, 2004.

SCHIESARO, Alessandro. The Passions in Play: Thyestes and the Dynamics of Senecan Drama. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SEGAL, Charles. Language and Desire in Seneca's Phaedra. Princeton: Princeton University Press, 1986.

ÉDIPO

LÚCIO ANEU SÊNECA

Tradução de Giovani Roberto Klein

ARGUMENTO

Uma peste devasta Tebas, e Édipo, seu rei, promete descobrir a causa do flagelo. O oráculo declara que a cidade somente será purificada quando o assassino de Laio for punido. A investigação conduz Édipo a Tirésias, aos ritos de evocação dos mortos e aos testemunhos de um mensageiro coríntio e do pastor Forbas. As informações que deveriam salvá-lo fecham progressivamente o círculo: Édipo é o filho abandonado de Laio e Jocasta, matou o próprio pai e tomou a mãe por esposa. Jocasta, incapaz de suportar a revelação, mata-se. Édipo arranca os próprios olhos e deixa Tebas, levando consigo, como derradeira forma de governo, os males que haviam contaminado a cidade.

PERSONAGENS

ÉDIPO, rei de Tebas
JOCASTA, sua esposa
CREONTE, irmão de Jocasta
TIRÉSIAS, adivinho
MANTO, sua filha
VELHO CORÍNTIO, mensageiro de Corinto
FORBAS, pastor dos rebanhos reais de Tebas
MENSAGEIRO
CORO de cidadãos tebanos
SERVOS

A cena é em frente ao palácio real de Tebas.

PRIMEIRO ATO

Prólogo

Édipo, Jocasta

ÉDIPO

Já, expulsa a noite, dúbio o Titã retorna
e, abatido pela nuvem escura, ergue-se seu disco:
a chama funesta, mostrando sua luz triste,
divisará nossas casas assoladas por ávida peste
e a carnificina que a noite fez o dia mostrará.
Alguém se alegra com o poder real? Ó bem falaz,
quantos males em quão meiga face escondes!
Assim como os altos cimos recebem sempre os ventos,
como os penhascos que com suas rochas dividem as vastas águas
são vergastados pelas ondas do mar, mesmo calmo,
assim os altos impérios enfrentam a Fortuna.
Fiz bem em fugir ao cetro de meu pai Pólibo!
Livre de cuidados, exilado, intrépido vagando
(tomo como testemunhas o céu e os deuses), obtive por acaso o poder;
o infando temo: que por minha mão meu pai
pereça; disto os loureiros délficos me advertem
e um outro crime ainda maior me indicam.
Há infâmia maior do que matar o pai?
Ó mísera piedade (repugna-me narrar meu fado),
com o tálamo do pai e com funestas núpcias,
incestuosas, iluminadas por fachos ímpios, ao filho Febo ameaça;
este é o temor que me expulsou do reino de meu pai,
por isso, fugitivo, deixei meus penates:

pouco confiando em mim mesmo, coloquei em segurança as tuas,
Natureza, leis. Quando tens horror a algo grande,
embora não creias que possa acontecer, temes mesmo assim;
atemorizo-me com tudo e não confio em mim mesmo.
Já os fados se preparam para tramar algo contra mim.
Pois o que pensar se essa peste hostil ao povo de Cadmo,
com desolação tão longe espalhada,
só a mim poupa? A que mal estou reservado?
Entre as ruínas da cidade, os funerais a lastimar
com lágrimas sempre novas e as pilhas de corpos do povo,
incólume permaneço - certamente condenado por Febo.
Poderias esperar que de tantos crimes te seria dado
um reino salubre? Tornei o céu nocivo.
Nenhuma brisa branda com seu gélido sopro alivia
os peitos arquejantes de febre, nenhum Zéfiro ligeiro
sopra, mas aumenta a chama da ardente canícula
o Titã, premendo o dorso do leão de Neméia.
Abandonou as correntes a água e as ervas, a cor,
está seca Dirce, o Ismeno flui tênue
e com sua onda enfraquecida rega a custo os vaus nus.
Obscurecida, no firmamento desliza a irmã de Febo,
e, sombrio, o céu empalidece com o dia encoberto.
Nenhum astro cintila nas noites serenas,
mas um pesado e negro vapor pesa sobre a terra;
envolve as moradas celestes e os elevados palácios
uma aparência infernal. Nega o fruto Ceres
amadurecida, embora, dourada, com altas espigas ondule;
com a cana ressecada as sementes estéreis morrem.
Nenhuma parte, imune, está livre da destruição,
mas todas as idades igualmente e os sexos arruína,
e os jovens aos velhos e os pais aos filhos une sob o mesmo jugo
a funesta peste; uma só fogueira queima os tálamos.
E os funerais carecem de lágrimas amargas e de gemidos:
mais, esse flagelo obstinado de tamanho mal
secou os olhos, e, como sói acontecer em situações extremas,
pereceram as lágrimas. O pai moribundo leva este filho
ao fogo supremo, este outro o traz a mãe desvairada,
que se apressa para levar um outro à mesma pira.
Mais, do próprio luto um luto novo nasce,
em torno do corpo tombam os que o levavam.
Depois os mortos próprios queimam em alheias fogueiras;
disputam-se as chamas: não há pudor para os infelizes.
Distintos túmulos não cobrem os ossos santos:
tê-los incinerado basta - e quanto deles se transforma em cinzas!
Falta terra para os túmulos, já as florestas negam as piras.

Nenhum voto, nenhuma arte levanta os enfermos:
caem os médicos, a doença arrasta os que vêm em auxílio.
Prosternado diante dos altares estendo as mãos súplices,
rogando um fado preste, a fim de me antecipar
à ruína da pátria e não morrer depois de todos
nem me tornar o último morto de meu reino.
Ó demasiado cruéis numes, ó fado severo!
É com efeito negada só a mim, dentre este povo,
morte tão preste? Afasta-te deste reino tocado
pela tua fatal mão, deixa as lágrimas, os funerais,
a atmosfera pestilenta que contigo trazes,
infausto hóspede, foge o quanto antes -
ainda que para junto de teus pais.
JOCASTA [que entrara a tempo de ouvir as últimas palavras do marido]
De que serve, esposo, os males
agravar com queixas? Isto é o que considero digno de um rei:
suportar as adversidades, e por mais que a situação
esteja incerta e o fardo do poder cadente vacile,
tanto mais a coragem deve resistir acirradamente, de pé firme:
não é viril dar as costas à Fortuna.

ÉDIPO

Está longe de mim essa acusação e pecha de covardia,
e minha virtude ignora esses medos frouxos:
se as armas estivessem apontadas contra mim, se a violência horrenda
de Mavorte contra mim se arrojasse - defronte os ferozes
Gigantes, audaz, apresentaria mãos opositoras.
Nem à Esfinge, com as frases obscuras que compunha,
fugi. Os cruentos lábios desse infame vate suportei
e o solo embranquecido pelos ossos espalhados;
quando do alto do rochedo, já a presa ameaçando,
preparava as asas e, brandindo o açoite da cauda,
como um sevo leão concebia ameaças,
os seus versos exigi: soou horrendo sobre mim,
estalaram suas mandíbulas, e as pedras, impaciente com a demora,
arrancava com as garras, esperando minhas vísceras;
as tortuosas palavras do enigma e as emaranhadas astúcias
e os sombrios versos da besta alada decifrei.
Por que, tarde demais agora, demente, fazes votos de morte?
Era-te permitido morrer. Este cetro é um prêmio pela tua glória,
e pela destruição da Esfinge esta paga te é dada.
Ela, a terrível cinza do astuto monstro
contra nós se rebela, aquela peste destruída por mim agora
põe a perder Tebas! Resta já uma única salvação,
que Febo nos indique uma via de salvação.

Primeiro Canto Coral

CORO

Pereces, de Cadmo generosa prole,
com toda a cidade; viúvas de lavradores
vês as terras, miseranda Tebas.
É colhido pela morte, ó Baco, aquele teu famoso
soldado, que te acompanhou até o extremo da Índia,
que ousou cavalgar nos campos eôos
e fincar tuas insígnias no começo do mundo.
Viu os Árabes ricos em florestas de cinamomos
e as flechas voltadas dos cavaleiros,
as costas temíveis dos pérfidos Partos;
penetrou as costas do mar vermelho,
ali onde se levanta o sol nascente e abre sua luz
Febo, tingindo, com sua chama muito próxima,
os desnudos indianos.
De uma estirpe invicta descendentes, perecemos,
somos abatidos por um cruel fado que nos arrebata;
conduz-se sempre uma nova pompa fúnebre;
longa fileira de uma multidão aflita
apressa-se em direção aos manes, e a triste fieira
se embaraça, e para a turba que busca os túmulos
nossas sete portas não são suficientemente largas.
Não recua a funesta carnificina, e são premidos cadáveres
por cadáveres que se lhes juntam.
Primeiro o flagelo atingiu as indolentes bianejas;
a lanígera ovelha mal pascia as pingues ervas.
Pusera-se em posição para golpear o pescoço, o sacerdote:
quando a mão elevada prepara o golpe certo,
o touro de chifre áureo e rutilante
tomba enfraquecido; o pescoço aberto se fendeu
sob o golpe de grande peso:
e não sangue, mas um pus torpe,
vertido da negra ferida, maculou o ferro.
Mais lento na carreira, o ginete tombou
no meio da pista e o seu senhor lançou
do reclinado flanco.
Deita-se no pasto o gado abandonado,
o touro, em meio à manada que perece, definha:
expira o pastor em meio ao rebanho reduzido,
morrendo entre os bezerros debilitados.
Aos lobos rapaces os cervos não temem,
cessa o rugido do iracundo leão,
nenhuma ferocidade nos hirsutos ursos.

Perdeu a pestilência a oculta serpente:
resseca-se e, seco o veneno, morre.
A floresta, não ornada com sua folhagem,
não espalha suas sombras pelos escuros montes,
os campos não verdejam com a fertilidade da gleba,
a videira não se curva com os ramos cheios
dos dons de Iaco:
tudo sentiu o nosso mal.
Rompeu os claustros do Érebo profundo
a turba das irmãs com tocha tartárea,
e o Flegetonte misturou o Estige,
movido do seu leito, nas águas sidônias.
A morte negra escancara a boca ávida
e estende totalmente as asas;
aquele que com a ampla barca os turvos 166a
rios guarda, 166b
duro piloto de robusta velhice,
com esforço move os braços fatigados
pela vara incessante,
esfalfado de sempre transportar uma turba nova.
Mais, diz-se que o cão do Tênaro rompeu
suas correntes de ferro e erra pelas
nossas paragens, o solo retumbou,
pelos bosques sagrados vagam
espectros de homens, maiores que homens,
duas vezes a floresta de Cadmo treme u 176a
com a neve derretida, 176b
duas vezes a fonte Dirce se turvou de sangue,
e no silêncio da noite
uivaram os cães Anfiônios.
Ó terrível aspecto da inaudita morte,
mais funesto que a morte:
indolente langor constrange os entorpecidos
membros, rubor no enfermo semblante,
e ligeiras manchas espalham-se pela pele.
Então uma exalação ardente abrasa 185a
a cidadela do corpo 185b
e incha as faces com abundante sangue,
os olhos fixam-se,
o fogo sacro devora os membros.
Zumbem os ouvidos, pinga negro
sangue do nariz curvado e rompe 190a
as veias abertas; 190b
um gemido estridente e repetido sacode
as vísceras mais profundas.

Já com amplexo apertado os doentes fatigam 193ª
as pedras gélidas; 193b
vós, cuja morada mais livre, tendo o vigia
sido levado para a cova, permite, vos atirais às fontes, 195
e vossa sede é aumentada pela própria água ingerida.
Uma turba prostrada jaz pelos altares 197a
e roga pela mort e: 197b
somente isto os deuses concedem de bom grado;
buscam os templos, não para com votos
agradar os nume s, 200
mas porque lhes apraz saciar os deuses.
Quem é aquele que com passo rápido se dirige ao palácio?
Não é Creonte, nobre pelo sangue e pelos feitos,
ou meu espírito aflito vê o falso no lugar do verdadeiro?
É Creonte, solicitado pelos votos de todos nós! 205

SEGUNDO ATO

Édipo, Creonte

[Édipo entra depois do anúncio da chegada de Creonte]

ÉDIPO

Sou sacudido pelo horror, temendo para onde se inclina nosso fado,
meu peito trépido titubeia com um sentimento duplo:
quando a alegria e as penas jazem confundidas na dúvida,
o espírito incerto teme saber, embora o deseje.
Ó irmão de minha esposa, se trazes alguma esperança 210
aos aflitos, com voz pressurosa ensina-a.

CREONTE

As respostas enigmáticas jazem num oráculo dúbio.

ÉDIPO

Quem dá aos aflitos uma salvação dúbia nega-a.

CREONTE

É costume do deus délfico encobrir seus mistérios
com rodeios sinuosos.

ÉDIPO

Fala, nem que seja dúbio: 215
só a Édipo é dado compreender enigmas.

CREONTE

O deus ordena expiar a morte do rei com o exílio
e punir o assassinato de Laio:
não antes o dia percorrerá luminoso o céu
e dará a respiração segura de um ar puro. 220

ÉDIPO

E quem foi o assassino do ilustre rei?
Revela quem Febo indica, para que sofra as penas.

CREONTE

Seja, suplico, seguro dizer coisas horríveis de ver e ouvir;
um torpor se insinua pelos meus membros, meu sangue enregelado coagula.
Quando entrei no templo sagrado de Febo com pé súplice
e, tendo rogado ao nume, segundo os ritos, ergui as pias mãos,
o duplo cimo nevoso do Parnaso lançou um frêmito terrível;
o elevado loureiro de Febo estremeceu e sacudiu o templo,
e repentinamente a sacra água da fonte Castália se deteve.
Principiou a sacerdotisa Latóide a soltar a hórrida coma
e a suportar, abalada, a Febo; ainda não havia ela alcançado o antro,
rompe, com imenso fragor sobre-humano, a voz:
"Amenos astros retornarão a Tebas Cadméia,
se, fugindo, deixar a fonte de Dirce Ismênia o estrangeiro
culpado do assassinato do rei, de Febo já conhecido desde criança.
E não te permanecerá por muito tempo o gozo do celerado assassínio:
contigo mesmo travarás guerra, também a teus filhos legarás guerras,
ser torpe, novamente retornado ao ventre materno."

ÉDIPO

O que me preparo para fazer, ordenado pelo oráculo divino,
convinha ser oferecido às cinzas do finado rei,
para que ninguém violasse com perfídias o santo cetro.
É sobretudo ao rei que cabe defender a realeza:
ninguém sente a falta do morto a quem, vivo, temia.

CREONTE

Um temor maior expulsou a preocupação com o assassinato.

ÉDIPO

Algum medo impediu o pio ofício?

CREONTE

Proibiram-no as sombrias ameaças dos nefandos versos.

ÉDIPO

Que agora se expie esse crime conforme as ordens dos numes.
Qualquer que sejas dos deuses que olhas propício pelos reinados:
tu, tu que tens em mãos o poder sobre os altos céus,
e tu, ó supremo ornamento do sereno céu,
que no teu curso variado guias os doze signos,
que com o rápido carro os lentos séculos desenrolas,
e tu, sua irmã, que sempre vais ao encontro do irmão,
ó noctívaga Febe, e tu, senhor dos ventos,
que conduzes teu cerúleo carro pelo mar profundo,
e tu que dispões da morada privada de luz,

sede favoráveis: que aquele cuja destra matou Laio
não tenha teto tranqüilo, nem penates fiéis,
nem país hospitaleiro que se lhe apresente no exílio:
que se aflija com casamento vergonhoso e com prole ímpia;
e que mate com sua própria destra seu pai
e faça (pois o que se pode desejar de mais grave)
tudo de que eu fugi. Não haverá lugar para perdão:
juro pelos reinos, pelo que agora eu, estrangeiro, governo
e pelo que deixei, pelos meus deuses familiares,
e por ti, pai Netuno, que com ondas breves
brincas, duplo, de ambos os lados de meu solo;
e vem também como testemunha de minhas palavras
tu que moves a boca fatídica da sacerdotisa cirréia:
assim como meu pai, seguro, leve uma velhice serena
e chegue ao derradeiro dia no seu alto trono,
e Mérope conheça só o himeneu de Pólibo,
da mesma forma nenhuma graça me arrancará o culpado.
Mas recorda em que lugar esse nefando crime foi cometido:
o rei tombou em ataque aberto ou por meio de perfídias?

CREONTE

Aos frondosos bosques da sacra Castália dirigindo-se,
trilhou um caminho juncado de espessos espinheiros,
no lugar onde a estrada se divide em três em direção aos campos.
Um dos caminhos corta a Fócida, solo grato a Baco,
de onde deixa os campos, buscando o céu,
por meio de colinas de suave aclive, o duplo cume do Parnaso;
outro se dirige às terras de Sísifo, banhadas por dois mares,
nos campos olênios; a terceira estrada,
serpenteando por um vale profundo, toca as águas errantes
e divide o leito gélido do rio Ôlmio:
aqui a ele, na paz confiante, subitamente bando de salteadores
atacou com ferro e o crime misterioso cometeu.
Agora mesmo, chamado pelo oráculo de Febo,
o vagaroso Tirésias acelera os joelhos trêmulos,
e sua companheira Manto condu-lo, privado de luz.

[Entram Tirésias e Manto]

ÉDIPO

Ó indivíduo consagrado aos deuses, o mais próximo de Febo,
explica a resposta; diz a quem as penas se aplicam.

TIRÉSIAS

De que minha língua tarde a falar, de que peça alguma dilação,
não deves, todavia, ó magnânimo, admirar-te:
para o privado de visão grande parte da verdade oculta-se.
Mas para onde a pátria, para onde Febo me chama, seguirei:

desvende-se o fado; se meu sangue fosse jovem
e ardente, receberia no peito o deus.
Trazei ao altar um boi de dorso alvo
cuja cerviz jamais se rebaixou sob o curvo jugo.
Tu, filha, guiando teu pai desprovido de luz,
relata os signos manifestos desse sacrifício fatídico.
[As vítimas são trazidas para o altar]

MANTO

A gorda vítima se pôs diante do sacro altar.

TIRÉSIAS

Clama aos deuses superiores, em voz solene, pelos nossos votos,
e cobre o altar com o dom do incenso oriental.
MANTO [Tendo lançado o incenso no fogo]
Já lancei o incenso nos fogos sagrados dos deuses celestes.

TIRÉSIAS

E a chama? Já abrasou as ricas oferendas?

MANTO

Ela refulgiu com um clarão súbito e de súbito se extinguiu.

TIRÉSIAS

Acaso o fogo se ergueu claro e brilhante
e, ereto, levou ao céu sua cabeça pura
e, disperso, dissolveu sua alta crista nos ares?
Ou se roja em volta das laterais, incerto do caminho,
e, perturbado, vacila com a fumaça ondulante?

MANTO

Não foi uno o aspecto da móvel chama:
qual a chuvosa Íris se mescla em diversas cores
e, arqueada sobre grande porção do céu,
com seu arco colorido anuncia borrascas
(qual cor falte ou qual tenha não podes saber),
assim a chama vagou azulada com nódoas fulvas,
depois de um vermelho sangüíneo; por fim desaparece em trevas.
Mas eia!, o fogo violento em duas partes
se divide, e a chama discorde desse sacrifício
único se cinde - pai, horrorizo-me com o que vejo:
os dons de Baco libados se permutam em sangue,
e densa fumaça envolve a cabeça do rei
e se concentra mais espessa em volta de sua face mesma
e, com densa nuvem, lhe ocultou essa sórdida luminosidade.
O que é isso, pai, fala.

TIRÉSIAS

O que eu poderia dizer
em meio ao tumulto agitado de meu espírito atônito?
O que direi? Há terríveis mas profundamente ocultos males;
a ira dos numes costuma mostrar-se por indícios certos:
o que é isso que eles querem que seja revelado
e outra vez não o querem e escondem suas ferozes iras?
Não sei o que envergonha os deuses. Aproxima-te depressa daqui
e esparge a salgada farinha na cabeça dos touros.
De semblante plácido suportam eles os ritos e o toque
das mãos?

MANTO

O touro, alçando a alta cabeça,
voltado para o nascente, assustou-se com a luz
e, tremendo, desvia o rosto e foge aos raios do sol.

TIRÉSIAS

Atingidos com um só golpe caem por terra?

MANTO

A novilha lançou a si mesma contra o ferro colocado sobre ela
e com um só golpe caiu, mas o touro, tendo recebido
dois ferimentos, para um lado e para outro, hesitante, se lança
e, exaurido, com dificuldade expira a alma relutante.

TIRÉSIAS

O sangue, pressuroso, de uma estreita ferida jorra
ou, vagaroso, irriga largas chagas?

MANTO

Quanto a ela, a torrente se derrama pela passagem
que o peito abre, dele as profundas feridas
são maculadas por exíguo sangue; mas, voltando por trás,
pela boca e pelos olhos muito sangue reflui.

TIRÉSIAS

Esse sacrifício infausto incita grandes terrores.
Mas revela-me os sinais certos das vísceras.

MANTO

Pai, o que é isto? As entranhas não palpitam, como costumam,
agitadas por um leve movimento, mas as minhas mãos inteiras
elas sacodem e jorra das veias novo sangue.
O coração, corrompido, está murcho e se oculta mergulhado profundamente,
e as veias estão lívidas; grande parte dos lóbulos está ausente,
o fígado putrefato espuma de fel negro
e (presságio sempre grave para um reinado indiviso)
eis que duas cabeças se erguem da mesma protuberância,

mas uma tênue membrana esconde ambas as feridas
cabeças, negando esconderijo aos ferimentos ocultos.
O lado hostil se ergue com vigorosa força
e estende sete veias; um sulco oblíquo as corta
todas, impedindo-as de voltar para trás.
A ordem está mudada, nada jaz no seu lugar próprio,
mas tudo está revirado: o pulmão, cheio
não de ar mas de sangue, jaz no lado direito;
não é a região esquerda a do coração, gordas pregas não recobrem,
com seu mole invólucro, as membranas das vísceras:
a natureza está revirada, nenhuma ordem subsiste no útero.
Sondemos nas vísceras de onde vem tamanha rijeza.
Que prodígio é este? Um feto da inupta novilha,
posicionado num lugar estranho e não no de costume,
preenche a genitora; move os membros com gemidos,
as juntas débeis agitam-se com espasmos convulsivos;
um sangue lívido impregnou as fibras enegrecidas;

[Ela interrompe a inspeção das entranhas quando os corpos das vítimas começam a se mover]

as vítimas disformes e mutiladas tentam mover-se,
e seu corpo esvaziado ergue-se e avança com os chifres
contra os sacros ministros; as vísceras escapam da mão.
Esse som que chega a ti não é a voz grave duma manada
nem, em algum lugar, um rebanho aterrorizado ressoa:
muge nos altares o fogo, e trepida a lareira.

ÉDIPO

O que esses sinais do terrível sacrifício dizem?
Revela-me: receberei as palavras com ouvido não temeroso:
males extremos costumam tornar os homens plácidos.

TIRÉSIAS

Invejarás esses males contra os quais buscas recursos!

ÉDIPO

Expõe a única coisa que os deuses celestes querem que se saiba:
quem contaminou suas mãos com o assassinato do rei.

TIRÉSIAS

Nem aqueles que com leve pena cortam as alturas do céu
nem as fibras arrancadas às entranhas palpitantes podem
revelar o nome; deve-se tentar um outro caminho:
ele mesmo deve ser evocado dos territórios da noite eterna,
enviado do Érebo a fim de indicar o autor do assassinato.
A terra deve ser aberta, deve-se suplicar
a Dite, implacável nume, a população do Estige infernal
deve ser trazida para cá: dize quem tu enviarás ao ritual,

pois a ti, que tens em mãos o sumo poder real, é interdito
divisar as sombras.

ÉDIPO

A ti, Creonte, esta tarefa demanda,
o segundo a quem meu reino volta os olhos.

TIRÉSIAS

Enquanto nós abrimos os claustros do profundo Estige,
soe o hino do povo em louvor a Baco.

[Saem Tirésias, Manto e Creonte]

Segundo Canto Coral

CORO

Cinge os esparsos cabelos com balouçantes cachos de hera,
tendo armado os delicados braços com o tirso de Nisa,
brilhante ornamento do céu, para cá vem,
para os votos que a ti a tua
nobre Tebas, ó Bac o,
de palmas súplices dirige.
Para cá volta, favorável, tua virgínea cabeça,
com teu semblante sidéreo dissipa as nuvens
e as sombrias ameaças do Érebo
e o ávido fado.
A ti fica bem cingir os cabelos com flores primaveris,
coroar a cabeça com a mitra tíria,
ou atar a fronte delicada
com ervas bacíferas,
espalhar sem ordem a esparsa cabeleira
ou, ao contrário, prendê-la, apertada com um nó;
tal como, temendo a irada madrasta,
cresceste imitando falso corpo,
virgem simulada de cabeleira loira,
a cinta alaranjada retendo as vestes:
daí virias a apreciar os trajes delicados
e a capa flutuante do vestido frouxo.
Viu-te, assentado no teu carro dourado,
com longa veste dirigir teus leões
o vasto território de todo o Oriente,
aquele que bebe do Ganges e o que quebra
o gélido Araxo.
A ti o velho Sileno segue num burrico disforme,
a intumescida fronte cingindo com guirlandas de pâmpano;
os iniciados nos teus mistérios conduzem lascivos secretas orgias.
Contigo como acompanhante, o cortejo das bacantes
ora dançou no solo

do Pangeu edônio,
ora no cume do Pindo trácio;
ora entre as matronas cadméias
vem a ímpia Mênade,
companheira de Iaco Ogígio,
com o flanco coberto pela sacra nébride.
Por ti as matronas, com o peito abalado pelo teu delírio,
soltaram os cabelos,
com as mãos vibrando o leve tirso;
logo depois de dilacerados os membros de Penteu,
as tíades, os corpos liberados do furor divino,
olharam para essa atrocidade como se lhes fosse desconhecida.
Os reinos do mar habita a tia materna do magnífico Baco,
e Ino Cadméia é rodeada pelo coro das Nereidas;
tem a autoridade nas ondas do grande mar um menino estrangeiro,
parente de Baco, nume não desprezível, Palemo.
A ti, menino, um grupo de tirrenos raptou,
mas Nereu acalmou o intumescido mar
e transforma em prados as ondas cerúleas:
aqui o plátano verdeja com folhagem primaveril,
e o loureiro, árvore cara a Febo;
a gárrula ave canta pelos ramos,
o remo agarra as vivazes heras,
a vinha se prende no alto da gávea.
O leão do Ida ruge na proa,
na popa se assenta o tigre do Ganges.
Então os piratas espantados nadam no mar,
e um novo aspecto toma posse dos submersos:
primeiro os braços caem dos piratas,
o peito, dobrado contra o ventre, une-se a ele,
a mão diminuta pende do flanco,
o dorso encurvado corta a onda,
a cauda arqueada fende o mar:
e o curvo delfim segue
as velas fugitivas.
Na sua rica onda a ti transportou o Pactolo lídio,
rios de ouro levando no seu torrencioso curso;
relaxou os arcos vencidos e as géticas flechas
o massagetes, que mistura nos seus copos o sangue ao leite;
os reinos de Licurgo porta-machado sentiram Baco,
sentiram-no as terras selvagens dos satras
e aqueles que o vizinho Bóreas fere
quando mudam de campos, e as nações que o lago Meótida
banha com sua onda gélida,
e as que, da sua altura extrema,

a Ursa Maior e a Barca contemplam.
Ele sujeitou os dispersos gelonos,
tomou as armas das virgens ferozes:
de rosto abaixado, as tropas termodônticas
voltaram-se para a terra e,
depostas enfim as leves flechas,
foram feitas mênades.
O sacro Citero banhou-se com o sangue
da carnificina ofiônia;
as Prétidas buscaram as florestas, e Argos
venerou Baco, na presença da sua madrasta.
Naxos, cercada pelo mar Egeu,
deu-te como esposa uma virgem abandonada,
compensando com um melhor marido o perdido:
de uma rocha seca
fluiu o licor de Baco Nictélio;
regatos murmurantes atravessaram a relva,
a terra se embebeu profundamente de doces sucos,
de alvas fontes de leite níveo
e de vinhos de Lesbos misturados com o odorífero tomilho.
A nova esposa é conduzida pelo vasto céu:
o solene hino Febo,
os cabelos soltos sobre o ombro,
canta, e o dúplice Cupido
agita as tochas nupciais;
Júpiter depôs o dardo ígneo e,
com a chegada de Baco, aborrece-se com o raio.
Enquanto os astros luminosos do universo carregado de anos girarem,
enquanto o Oceano envolver com suas ondas o enclausurado orbe,
enquanto a Lua cheia recobrar seus fogos perdidos,
enquanto Lúcifer prenunciar o matutino nascer do sol,
enquanto a alta Ursa desconhecer o cerúleo Nereu,
veneraremos o alvo semblante do formoso Lieu.

TERCEIRO ATO

Édipo, Creonte

ÉDIPO

Ainda que esse teu semblante deixe ver sinais aflitivos,
Revela: com a cabeça de quem aplacaremos os deuses?

CREONTE

Ordenas falar o que o medo me aconselha a calar.

ÉDIPO

Se a arruinada Tebas não te comove o suficiente,
que te comova o cetro caído da casa contigo aparentada.

CREONTE

Desejarás ter desconhecido o que tanto procuras saber.

ÉDIPO

A ignorância é um remédio ineficaz contra os males.
Assim ocultarás a descoberta da salvação pública?

CREONTE

Quando o remédio é torpe, repugna-se curar.

ÉDIPO

Diz o que ouviste ou, subjugado por grave dor,
saberás do que as armas de um rei irado são capazes.

CREONTE

Os reis se aborrecem com os ditos que ordenam dizer.

ÉDIPO

Serás enviado ao Érebo, indivíduo vil, pelo bem de todos,
se não revelares com tua voz os segredos do rito.

CREONTE

Que me seja permitido calar. Alguma liberdade menor
é pedida a um rei?

ÉDIPO

Freqüentemente a muda liberdade
prejudica o rei e o reino mais do que a palavra.

CREONTE

Quando não é permitido calar, o que é permitido?

ÉDIPO

Desfaz a autoridade quem cala tendo sido ordenado a falar.

CREONTE

Rogo que acolhas benévolo as palavras obrigadas.

ÉDIPO

Alguém acaso já foi punido por palavras arrancadas à força?

CREONTE

Há longe da cidade um negro bosque de azinheiras,
próximo da região do vale regada por Dirce.
O cipreste, expondo seu cimo por sobre a alta floresta,
enlaça ao redor do sempre verde tronco a folhagem,
e o anoso carvalho estende seus ramos curvos
e apodrecidos pelo mofo: deste a voraz velhice
rompeu o lado; aquele, vacilando já com a raiz
desgastada, pende sustido por um tronco alheio.

O loureiro de bagas amargas, e as tílias leves,
e a murta de Pafos, e o álamo, que há de mover
os remos pelo imenso mar, e o pinheiro que
se interpõe a Febo e que opõe aos zéfiros o tronco sem nós:
no meio se ergue ingente árvore e, com sua sombra espessa,
preme as árvores menores e, estendendo seus ramos
por um vasto espaço, protege sozinha o bosque.
Triste debaixo dela e ignorante da luz de Febo
se estagna uma água enregelada por frio eterno;
um brejo lodoso envolve uma fonte indolente.
Quando o idoso sacerdote ali introduziu o passo,
não se demorou: o lugar oferecia a noite.
Então se escavou a terra e, por cima, deitaram-se
fogos roubados às piras. O próprio vate cobre
o corpo com uma veste fúnebre e agita a fronte.
Um lúgubre manto se estende até a extremidade dos seus pés;
com esse paramento tenebroso, triste o velho avança;
o mortífero teixo se prende às suas cãs.
Ovelhas bianejas de velo negro e escuras vacas
são trazidas para a cova. A chama devora as oferendas,
e o gado, vivo, treme no fogo fatal.
Ele invoca, então, os manes e a ti que governas os manes
e aquele que guarda os claustros do letal lago,
profere os versos mágicos e, ameaçador, com furiosa
voz, recita tudo o que aplaque
ou coaja as leves sombras; liba sangue na fogueira,
queima os animais inteiros e satura a cova
com muito sangue; liba ainda sobre ela o níveo
licor do leite, verte também o dom de Baco com a mão
esquerda e novamente entoa seus encantamentos e, voltado para a terra,
com voz mais forte e tonitroante invoca os manes.
Latiu a turba de Hécate, três vezes os vales profundos
ressoaram de modo lúgubre, com o solo sacudido
a terra toda é abalada. “Sou ouvido”, diz o vate,
“as palavras eficazes enunciei: abre-se o escuro caos,
e ao povo de Dite é oferecido um caminho para a superfície”.
Toda a floresta abaixou e novamente alçou a folhagem,
os carvalhos fenderam-se e todo o bosque
sacudiu-se de horror, a terra recuou
e gemeu profundamente: seja porque o Aqueronte não
suportou de bom grado que seu oculto abismo fosse sondado,
seja porque a própria terra, para abrir caminho aos mortos,
com as juntas rompidas ressoou, ou porque, enlouquecido de ira,
o tricéfalo Cérbero remexeu suas pesadas cadeias.
Subitamente fendeu-se a terra e abriu imensa

vala - eu mesmo vi os pálidos deuses
em meio a sombras, eu mesmo vi os estagnados lagos
e a noite verdadeira; gélido, nas veias deteve-se
e imobilizou-se meu sangue. Seva coorte precipitou-se,
ergueu-se, em armas, toda a raça viperina,
as tropas de irmãos gerados pelo dente de Dirce.
Então ressoou a feroz Erínis e o cego Furor
e o Horror e tudo o que a um só tempo criam e ocultam
as eternas trevas: o Luto que se arranca os cabelos,
a Doença que sustém com dificuldade a fatigada cabeça,
a Velhice pesada a si mesma, o Medo hesitante
e a Peste, ávido mal do povo ogígio.
O ânimo abandonou-nos; ela mesma que conhecia os ritos
e os artifícios do velho ficou estupefata. Seu pai, intrépido
e audaz por causa da sua deficiência, invoca do fero Dite
a turba exangue: logo, como leves nuvens,
os manes esvoaçam e tomam ar no céu livre.
Não são tantas as folhagens cadentes que produz o Érice,
nem tantas as flores que no meio da primavera Hibla cria,
quando denso enxame em nuvem compacta se condensa;
não são tantas as ondas que quebra o mar Jônio,
nem tantas as aves que, fugindo das ameaças do gélido Estrimão,
migram durante o inverno e, cortando o céu,
trocam as neves árticas pelo tépido Nilo,
quanto a multidão que ele, com sua voz de vate, conduziu para fora.
Timidamente, as almas trementes buscam os esconderijos
do umbroso bosque: primeiro emerge do solo,
com a destra segurando um feroz touro pelos chifres,
Zeto, e na mão esquerda segura a cítara
Anfião, que com sua doce música arrastava as rochas;
e a filha de Tântalo, enfim em meio a seus filhos,
sem medo ergue a cabeça pesada de orgulho
e conta suas sombras. Mãe pior está junto dela,
a furibunda Agave, segue-a todo o bando das que
despedaçaram o rei: segue as Bacantes o dilacerado
Penteu e mantém feroz, ainda agora, as ameaças.
Finalmente, invocado repetidas vezes, levantou a pudibunda
cabeça e retira-se para longe de toda essa turba
e esconde-se (ameaça-o e redobra as imprecações
estígias o sacerdote, até ele pôr a descoberto seu
semblante oculto) Laio - horrorizo-me ao falar:
ergueu-se, horrendo, os membros banhados em sangue,
os desgrenhados cabelos cobertos por imundície horrível,
e com voz enraivecida fala: “Ó cruel casa de Cadmo,
sempre alegre com o sangue dos parentes,

vibrai os tirsos, com a mão tomada pelo deus dilacerai
antes os filhos - o maior crime em Tebas
é o amor materno. Ó Pátria, não pela ira dos deuses,
mas por causa dum crime és devastada: não é o funesto Austro,
com seu sopro molesto, nem a terra pouco saciada
com a chuva celeste, com sua exalação árida, que te causa dano,
mas um rei cruento, que como paga pelo cruel assassinato
ocupa o trono e o infame tálamo de seu pai.
Odiosa é a prole, mas a mãe é pior
que o filho, novamente grávida no útero infausto;
e retornou ao ventre materno, e reintroduziu na mãe
rebentos ímpios, costume que raramente é o das feras,
e ele próprio gerou irmãos para si - complicado mal,
monstro mais tortuoso do que a sua Esfinge.
A ti, a ti, que com a cruenta destra portas o cetro,
a ti eu, pai não vingado, perseguirei com toda a cidade,
e comigo trarei Erínis, que assistiu ao teu casamento,
trarei os sibilantes açoites, essa incestuosa casa
destruirei, e os penates, por meio duma ímpia guerra, espedaçarei.
Portanto, prontamente enviai ao exílio deste país
o rei banido: todo o solo que ele abandonar
com seu funesto passo, verdejando com a florífera primavera,
recuperará as ervas; uma respiração pura fornecerá
o vivificante ar, retornará também às florestas o seu ornamento.
A Destruição e a Peste, a Morte, a Fadiga, o Contágio, a Dor,
comitiva digna dele, retirar-se-ão ao mesmo tempo;
e ele mesmo desejará fugir com passos rápidos
de nossas terras, mas aos seus pés duras delongas
oporei e retê-lo-ei: arrastar-se-á incerto da direção,
tenteando o caminho com seu triste báculo de velho:
tomai-lhe as terras; eu, seu pai, arrebatar-lhe-ei o céu".

ÉDIPO

Um tremor gélido invade meus ossos e membros:
o que eu temia fazer sou acusado de ter feito -
o crime do casamento incestuoso repele Mérope,
unida ainda a Pólibo; absolve minhas mãos
o incólume Pólibo: ambos os meus pais me defendem
do assassinato e do incesto. Que lugar para a culpa resta?
Tebas lamentava a perda de Laio muito antes
de eu tocar com meu passo o território beócio.
Enganou-se o velho ou o deus oprime ainda Tebas? -
Já tenho os cúmplices da engenhosa trama:
inventa essa acusação, antepondo à fraude os deuses,
o vate e a ti promete meu cetro!

CREONTE

Acaso desejaria eu que minha irmã fosse expulsa do palácio real?
Se a fidelidade sagrada a um lar aparentado
não me mantivesse firme na minha posição,
a própria Fortuna, sempre demasiadamente irresoluta,
me aterraria. Que te seja permitido, seguro,
despojar-te desse peso, para que não te esmague quando te retirares:
já te porás mais seguro numa posição menos elevada.

ÉDIPO

Ainda me exortas a depor espontaneamente minha
tão pesada realeza?

CREONTE

Eu aconselharia isto àqueles
que ainda têm liberdade de o fazer ou não:
a ti já é necessário suportar tua Fortuna.

ÉDIPO

É a via mais certa para aquele que deseja reinar
louvar a moderação e falar do ócio e do sono;
pelo inquieto é freqüentemente fingida a quietude.

CREONTE

Uma tão duradoura fidelidade diz pouco em minha defesa?

ÉDIPO

Para o pérfido a fidelidade serve de meio de acesso ao mal.

CREONTE

Livre do peso do poder real gozo dos bens da realeza,
e minha casa é estimada por grande número de cidadãos;
nenhum dia surge um após o outro
sem que a proximidade do cetro redunde
em benefícios para o meu lar; conforto, mesa farta,
a salvação, por minha influência, propiciada a muitos:
o que eu poderia achar que falte à minha tão ditosa Fortuna?

ÉDIPO

O que falta: a prosperidade não conhece medida.

CREONTE

Portanto, como culpado perderei a causa não examinada?

ÉDIPO

Acaso foi-vos dada conta de minha vida?
Acaso a minha causa foi ouvida por Tirésias?
No entanto, pareço-vos culpado. Dai o exemplo: segui-lo-ei.

CREONTE
Por quê, se sou inocente?

ÉDIPO
Os reis costumam temer as coisas dúbias
como se fossem certas.

CREONTE
Quem se atemoriza com medos vãos
merece os verdadeiros.

ÉDIPO
Quem foi inculpado,
uma vez libertado, tem ódio: que tudo o que é incerto pereça.

CREONTE
Assim nascem os ódios.

ÉDIPO
Quem receia demais os ódios
não sabe reinar: o medo defende os reinados.

CREONTE
Quem, cruel, empunha o cetro com duro poder
teme os temerosos: o medo retorna ao seu autor.
ÉDIPO [dirigindo-se a seus servos]
Guardai esse criminoso encerrado numa cela de pedra!
Eu, de minha parte, encaminharei meu passo ao palácio real.
[Creonte é levado pelos servos. Édipo sai]

Terceiro Canto Coral

CORO
Não és tu a causa de tamanhos perigos,
não aos labdácidas visa
este fado, mas antigas iras
dos deuses os perseguem: o bosque castálio
ofereceu sua sombra ao hóspede sidônio,
e Dirce banhou os colonos tírios,
logo que o filho do grande Agenor,
fatigado de perseguir pelo orbe o roubo de Júpiter,
deteve-se temeroso sob nossa árvore,
venerando o seu ladrão
e, por uma ordem de Febo
advertido de acompanhar uma vaca errante
que ainda não se curvara
sob o arado ou o curvo jugo do vagaroso carro,
abandonou a perseguição e deu à nossa nação
o nome da agourenta vaca.
Desde aquele tempo nossa terra sempre

produziu novos monstros: 725b
ou uma serpente, saída do fundo dos vales,
sibila em volta dos anosos carvalhos 727a
e trepa nos pinheiros, 727b
sobre as árvores caônias ainda mais elevada
ergueu a cerúlea cabeça,
enquanto se enrodilhava sobre a maior parte do seu corpo; 730
ou a terra, prenhe duma ímpia gestação, 731a
produziu homens armados: 731b
soou o sinal do recurvo chifre
e o clarim de adunco cobre emitiu
seu som penetrante

* * *

nunca antes experimentaram as línguas ágeis e as bocas 735
de voz desconhecida, e fizeram-no primeiro com um
clamor hostil.
As tropas de irmãos se apossam dos campos,
prole digna da semente lançada,
que cobriu todo o percurso da vida num só dia: 740
nascida depois do curso de Lúcifer,
pereceu antes do nascimento de Vésper.
Horroriza-se o estrangeiro com tantos monstros
e teme os combates do povo recente,
até que tombou a seva mocidade 745
e a mãe vê retornar ao seu regaço
os rebentos há pouco dados à luz -
que se extingam desse modo as guerras civis!
Que a Tebas de Hércules conheça só aquela
batalha entre irmão s. 750
Que mais? O destino do neto de Cadmo,
quando os chifres de veloz cervo
ocultaram sua fronte com a ramada nova
e os cães perseguiram seu próprio dono!
Precipitado, pelas selvas foge 755
o rápido Actéon e, com o pé agora mais ágil,
vagando pelas matas e rochedos,
receia as plumas movidas pelos zéfiros
e evita as redes que ele mesmo armou -
até que nas águas duma plácida fonte 760
viu seus chifres e seu semblante de fera,
lá onde banhara os virgíneos membros
a deusa do pudor demasiado cruel.

QUARTO ATO

Édipo

ÉDIPO

Meu espírito revolve as preocupações e retoma os medos.
Laio teria sido morto por meio dum crime meu, julgam
os céus e os infernos, mas meu espírito inocente, ao contrário,
que se conhece melhor do que os deuses, nega-o.
Retorna à minha memória que numa passagem estreita
tombou, atingido pelo meu bordão,
e foi oferecido a Dite um velho soberbo, que antes
arremetera seu carro sobre mim, jovem, longe de Tebas,
na região da Fócida onde a estrada se divide em três.

[Entra Jocasta]

Ó esposa concorde, esclarece minhas incertezas, peço-te:
qual porção da vida percorria Laio ao morrer?
Vigoroso, na flor da idade, ou alquebrado morreu ele?

JOCASTA

Entre a velhice e a juventude, mas mais perto da velhice.

ÉDIPO

Uma escolta numerosa rodeava o rei?

JOCASTA

A muitos enganou a incerteza do dividido caminho,
um empenho fiel ligou poucos ao carro.

ÉDIPO

Algum acompanhante tombou com o mesmo destino do rei?

JOCASTA

Um só a fidelidade e a virtude fizeram partilhar-lhe a sorte.
ÉDIPO [Para si]
Tenho o culpado: condiz o número, o local! - [Para Jocasta]
mas acrescenta a época.

JOCASTA

Já se conta a décima colheita.

[Entra um velho mensageiro coríntio]

VELHO CORÍNTIO [Para Édipo]
O povo coríntio te chama ao reino pátrio:
Pólibo obteve o descanso eterno.

ÉDIPO

Como, de todos os lados, contra mim a cruel Fortuna investe!
Relata, vamos, de que morte tombou meu pai.

VELHO

Um sono tranqüilo desprendeu sua alma idosa.

ÉDIPO

Meu pai sem nenhum assassinato jaz morto!
Atesto-o, já me é permitido levantar ao céu piamente
as mãos puras e que não temem mais nenhum crime.
Mas a parte mais terrível do meu fado permanece.

VELHO

O reino paterno dissipará todo o medo.

ÉDIPO

Eu retornaria ao reino paterno; mas tenho horror à minha mãe.

VELHO

Temes a mãe que, esperando tua volta,
se inquieta ansiosa?

ÉDIPO

O amor filial mesmo me faz fugir.

VELHO

Uma viúva abandonarás?

ÉDIPO

Eis que tocas nos meus medos mesmos!

VELHO

Diz que temor oculto te oprime o pensamento;
costumo prestar uma fidelidade tácita aos reis.

ÉDIPO

Tremo com a advertência Délfica de esposar minha mãe.

VELHO

Deixa de temer em vão e os torpes medos
depõe. Mérope não foi tua verdadeira genitora.

ÉDIPO

Que vantagem pretendia ela com um filho suposto?

VELHO

Filhos reforçam a fidelidade soberba dos reis.

ÉDIPO

Diz de que modo sabes esses segredos do leito.

VELHO

Estas mãos te levaram ainda pequenino à tua mãe.

ÉDIPO

Tu me levaste à minha mãe; mas quem me levou a ti?

VELHO

Um pastor, sob o cume nevoso do Citero.

ÉDIPO

Que acaso te levara àqueles bosques?

VELHO

Eu seguia naquele monte rebanhos cornígeros.

ÉDIPO

Acrescenta agora os sinais claros do meu corpo.

VELHO

Trazias perfuradas por um ferro as solas dos pés,
do inchaço e do defeito dos pés te adveio o nome.

ÉDIPO

Quem foi aquele que te deu de presente meu
corpo, pergunto.

VELHO

Ele apascentava os rebanhos reais;
sob ele estava subordinada uma multidão de pastores.

ÉDIPO

Diz o nome.

VELHO

Logo debilita-se a memória
dos velhos, esvaindo-se cansada na longa velhice.

ÉDIPO

Poderias reconhecer esse homem pela face e pelo semblante?

VELHO

Talvez o reconheça: freqüentemente um leve sinal
faz voltar a memória apagada e soterrada no tempo.
ÉDIPO [Para seus servos]
Junto aos altares dos sacrifícios está reunido todo o meu rebanho,
seguem-no os seus pastores; ide, convocai depressa,
fâmulos, aquele em cuja guarda se acha a maior parte do gado.
[Os servos saem para cumprir a determinação]

JOCASTA

Seja a razão, seja a Fortuna que oculte essas coisas,
deixa sempre escondido o que se escondeu por tanto tempo:
freqüentemente a verdade expõe ao mal quem a desvenda.

ÉDIPO

Há algum mal maior do que este para se temer?

JOCASTA

Saibas que é importante o que se busca com grande esforço:
concorrem dum lado a salvação pública e doutro a do rei,
ambas iguais; conserva tuas mãos neutras:
mesmo que nada remexas, o próprio fado se revelará.

ÉDIPO

Não convém abalar um estado feliz:
mas mexe-se em segurança no que está em situação desesperadora.

JOCASTA

Cobiças algo mais nobre que a tua origem real?
Cuida que não te repugne o pai encontrado.

ÉDIPO

Mesmo que venha a lamentar procurarei a prova do meu sangue:
assim é certo sabê-lo.
[Entra Forbas. Édipo para si]
- Eis o velho longevo
sob o qual estava o comando dos rebanhos reais,
Forbas.
[Para o velho coríntio]
Recordas o nome ou o semblante do velho?

VELHO

Seu aspecto sorri ao meu espírito; nem suficientemente conhecido
nem, por outro lado, desconhecido é-me esse semblante.
ÉDIPO [Para Forbas]
Quando Laio ocupava o trono, servo, pastoreaste
seus gordos rebanhos sobre os montes do Citero?

FORBAS

O fecundo Citero oferece aos nossos rebanhos
campos de estio com pastagem sempre nova.
VELHO [Para Forbas]
Reconheces a mim?

FORBAS

Está em dúvida minha hesitante memória.

ÉDIPO

A este foi por ti entregue outrora um menino?
Fala! Estás em dúvida? Por que tuas faces mudam de cor?
Por que buscas palavras? A verdade odeia demoras.

FORBAS
Revolves coisas encobertas por um longo espaço de tempo.

ÉDIPO
Confessa, para que a dor não te arranque a verdade!

FORBAS
Como inútil presente a ele dei uma criança:
ela não podia fruir nem da luz nem do céu.

VELHO

Longe esteja esse agouro! Ela vive e rogo que viva.

ÉDIPO
Por que dizes que a criança entregue por ti não sobreviveu?

FORBAS
Um ferro transpassado por ambos os pés
ligava os membros, o inchaço nascido do ferimento
devastava o corpo pueril com uma infecção hedionda.
ÉDIPO [Para si]
Por que indagas mais além? Teu fado já se encontra próximo.
[Para Forbas]
Quem era essa criança, esclarece-me.

FORBAS
Proíbe-o a fidelidade.

ÉDIPO
Para cá, alguém, fogo! A chama abaterá tua fidelidade.

FORBAS
Por tão cruentas vias se demanda a verdade?
Sê indulgente, imploro-te!

ÉDIPO
Se feroz te pareço
e prepotente, tens pronta na mão a vingança:
diz a verdade: quem é ele? Foi gerado por que pai?
Foi dado à luz por que mãe?

FORBAS
Foi dado à luz pela tua esposa.
[Forbas e o mensageiro coríntio saem]

ÉDIPO
Abre-te, terra, e tu, senhor das trevas,
para o fundo do Tártaro, ó mestre das sombras, arrasta
as sucessões inversas do nascimento e da geração.
Amontoai, cidadãos, pedras contra minha infanda cabeça,
enchei-me de dardos: ataque-me com o ferro o pai,
ataque-me o filho, contra mim os cônjuges armem as mãos

e os irmãos e o povo enfermo lancem fachos tirados
das piras funerárias. Agravo do mundo vagueio,
ódio dos deuses, ruína das leis sacras,
desde o dia em que primeiro sorvi o inexperimentado ar
já da morte dign o.
[Para si]
Mostra agora ânimo igual,
agora ousa algo digno dos teus crimes.
Vai, anda, com passo rápido dirige-te ao palácio:
felicita tua mãe pela casa acrescida de tais filhos!

Quarto Canto Coral

CORO

Se me fosse permitido dispor
o fado segundo meu arbítrio,
enfunaria com um Zéfiro leve
minhas velas, para que, pressionadas por forte
vento, as antenas não se agitem:
branda aragem, soprando moderadamente,
conduza meu inabalado barco
sem inclinar seu flanco;
segura me conduza a vida
percorrendo a via média.
Ao gnóssio rei temendo,
os astros, então, louco, demanda
fiado no seu novo engenho
e empenha-se em as veras aves
vencer, mas das falsas penas
solicita demais o jovem,
e o nome tomou-lhe um mar.
O prudente velho Dédalo,
sustendo-se numa trajetória mediana,
permaneceu sob as médias nuvens,
esperando seu filho alado,
tal como foge às ameaças do falcão
e recolhe os filhotes dispersos
pelo medo a ave,
até que no mar agita
o jovem as mãos embaraçadas,
fim da audaciosa rota.
Tudo o que excede a medida
pende de um terreno instável.
[Entra um mensageiro do palácio]
Mas o que é isto? As portas rangem,
e triste um fâmulo do rei

com a mão bate na cabeça.
Diz o que trazes de novo.

QUINTO ATO

Êxodo

Mensageiro, Coro

MENSAGEIRO

Depois que o fado predito e o infame nascimento
compreendeu e que do crime era culpado, Édipo
condenou a si mesmo, hostil se dirigindo ao palácio;
sob o odioso teto penetrou com passo rápido,
qual leão líbio que pelos campos se enfurece,
a fulva juba sacudindo na ameaçadora fronte;
o semblante terrível pelo furor e os olhos ameaçadores,
gemido e alto murmúrio, e gélido suor
escorre pelos membros, espuma e revolve ameaças,
e grande dor, profundamente imersa, extravasa.
Contra si mesmo, feroz, prepara não sei o que de grande
e conforme ao seu fado. “Por que as penas retardo?”,
diz, “este criminoso peito alguém ou com ferro atinja
ou com ardente facho ou pedra subjugue.
Qual tigre ou qual cruel ave sobre minhas vísceras
se lançará? Tu próprio, de crimes repleto,
sacro Citero, ou feras contra mim lança
das tuas florestas, ou envia raivosos cães -
agora traz de volta Agave. Ó alma, por que a morte temes?
Só a morte o inocente à Fortuna arranca”.
Isto dito, toma com a ímpia mão o punho da espada
e da bainha tira-a. “Então é assim? Com breve castigo
tão grandes crimes apagas e tudo vingarás com um
só golpe? Morres: isto para teu pai é suficiente;
o que ainda à tua mãe, o que aos teus filhos iniquamente
trazidos à luz, o que àquela mesma que, com grande ruína,
expia teu crime, à tua aflita pátria, darás?
Não se pode depreciar aquela que suas leis invariáveis
só por causa de Édipo mudou, a Natureza: ela, que
imaginou inéditos partos, do mesmo modo inove quanto
a meus suplícios. Viver e morrer repetidas vezes
seja-te permitido, renascer sempre para que todas as vezes
novos suplícios sofras - utiliza-te de teu engenho, infeliz:
o que não pode acontecer várias vezes aconteça demoradamente;
escolha-se uma morte lenta. Busque-se uma via
pela qual, não misturado aos mortos e, entretanto, dos vivos

apartado, erres: morre, mas fica aquém do pai.
Hesitas, alma? Eis que de súbito o semblante enche-se-me
de profuso pranto e banha as faces de lágrimas -
e chorar é suficiente? Bastará esta ligeira umidade
que vertem meus olhos? Das órbitas arrancados
sigam as lágrimas: estes olhos maritais sejam
imediatamente vazados". Disse e com ira enfureceu-se:
ardem as ameaçadoras faces com fogo atroz
e os olhos mal se contêm em suas órbitas;
violento, temerário semblante, irado, feroz,
somente preocupado em escavar os olhos; geme e, de modo terrível bramindo,
as mãos contra o rosto volta. Mas seus ferozes olhos
puseram-se-lhes no caminho e, dirigidos para suas mãos,
por si mesmos as seguiram e vão ao encontro da sua ferida.
Perscruta ávido com seus dedos recurvos os olhos
e ao mesmo tempo do fundo das raízes inteiramente
arranca os seus globos; agarra-se ao vazio a mão
e, fixa no fundo, com as unhas lacera profundamente
os cavos recessos dos olhos e as esvaziadas cavidades,
e encoleriza-se em vão e mais do que o necessário se enfurece.
Tão grande é o perigo da luz? Alça a cabeça
e, com os cavos globos percorrendo as plagas do céu,
a noite experimenta. Tudo o que ainda pende dos mal
arrancados olhos ele rasga e, vitorioso, grita
para todos os deuses: "Poupai agora minha pátria, suplico:
já fiz justiça, as devidas penas sofri;
foi achada finalmente uma noite digna do meu tálamo".
Banha o rosto horrendo fluxo e a lacerada cabeça
copioso sangue das revoltas veias deita.

[Ele sai]

Quinto Canto Coral

CORO

Somos levados pelos fados, cedei aos fados.
Nossos inquietos cuidados não podem
mudar a trama do fuso invariável.
Tudo o que sofremos, raça mortal,
tudo o que fazemos vem do alto,
e guarda Láquesis os decretos da sua roca,
girada com dura mão.
Tudo segue por seu recortado caminho,
e o primeiro dia determinou o último:
nem a um deus é permitido mudar
aquilo que corre segundo suas próprias causas.
Segue para cada um a ordem, por prece alguma 991a

alterável, dos acontecimentos: 991b
a muitos o próprio medo abate,
muitos vão ao encontro do seu fado,
enquanto receiam os fados.
Rangeram as portas e ele próprio, 995
sem guia algum, tateia seu caminho,
da luz privado.
[Entra Édipo]

ÉDIPO

Bem, está feito: cumpri meu dever para com meu pai.
Aprazem-me as trevas. Que deus, finalmente aplacado
quanto a mim, com negra nuvem envolve minha cabeça? 1000
Quem meus crimes perdoa? Subtraí-me ao dia cúmplice.
Nada, parricida, deves à tua destra:
a luz te abandona. Este semblante convém a Édipo.
[Entra Jocasta]

CORO

Ei-la, com passo rápido precipitou-se enfurecida
Jocasta, ensandecida, qual a atônita e furiosa 1005
mãe cadméia que arrancou a cabeça do filho
e apercebeu-se da presa. Hesita falar ao aflito,
deseja-o e teme-o. Já o seu pudor cedeu aos males,
e prende-se nos lábios a primeira palavra.

JOCASTA

De que te chamarei?
De filho? Hesitas? Meu filho és: o “filho” te envergonha; 1010
mesmo contra a vontade fala, filho — por que desvias a cabeça
e o semblante vazio?

ÉDIPO

Quem me impede de gozar as trevas?
Quem me devolve os olhos? Da minha mãe, é a voz da minha mãe!
Perdi o trabalho. Não é mais permitido nos
encontrarmos, infames. Que o vasto mar nos separe, 1015
nos desuna a terra afastada, e o hemisfério que
se dependura debaixo deste, voltado para outros astros
e para um sol descaminhado, um de nós carregue.

JOCASTA

É do destino essa culpa: ninguém se torna culpado por causa do destino.

ÉDIPO

Agora poupa tuas palavras, mãe, poupa meus ouvidos: 1020
por estes restos do meu corpo mutilado, peço-te,
pelo funesto penhor do meu sangue,

por tudo de lícito e de ilícito do nosso nome.
JOCASTA [À parte]
Por que, coração, estás entorpecido? Por que, cúmplice dos crimes,
recusas a punição? Toda a dignidade das leis humanas,
confundida por ti, incestuosa, perece:
morre, e com o ferro expulsa tua nefasta respiração.
Se o próprio pai dos deuses, agitando o céu,
seus coruscantes dardos com sua feroz mão lançasse contra mim,
ainda assim eu não compensaria meus crimes com penas equivalentes,
mãe nefanda. A morte me apraz: busque-se uma via para
a morte.
[Para Édipo]
Vamos, empresta à tua mãe a mão,
se és parricida: resta-te esta última tarefa.
[Para si]
Apanhe-se a espada; por causa desse ferro jaz
meu esposo - por que o chamas desse nome mentiroso?
Sogro ele é! No meu peito encravarei
a arma ou no pescoço patente a afundarei?
Não sabes escolher o golpe: este, destra, este
ventre fecundo atinge, ele que portou o marido e os filhos!
[Ela se mata]

CORO

Ela jaz morta. Sobre o ferimento desfalece a mão,
e pródigo sangue consigo lançou para fora o ferro.

ÉDIPO

Ó deus fatídico, a ti, deus tutelar da verdade,
me dirijo: eu só devia ao fado o pai;
duas vezes parricida e, mais do que o temia, culpado,
minha mãe matei: ela acabou-se por causa do meu crime.
Ó Febo mendaz, excedi meu fado ímpio.
Com passo assustado segue as falaciosas vias;
andando pé ante pé, a cega
noite com a trêmula destra guia.
Caminha apressado, imprimindo os passos incertos,
vai, foge, anda - pára, não caias sobre tua mãe.
Todo aquele que se acabrunha com a fadiga do corpo e a doença
e que traz semimorto o peito, olhe, fujo, parto:
erguei a cabeça. Uma atmosfera mais saudável
segue atrás: todo aquele que, jazendo,
retém ainda o debilitado hálito, infle-se, aliviado, de ar
vivificante. Ide, levai socorro aos desesperados:
os mortíferos vícios da terra carrego comigo.
Violento Fado, hórrido tremor da Doença,

Debilidade, negra Peste, raivosa Dor, 1060
comigo ide, comigo. Convém-me usar de tais guias.

FENÍCIAS

LÚCIO ANEU SÊNECA

Tradução de Cíntia Martins Sanches

ARGUMENTO

Cego e expulso do poder, Édipo procura a morte nas encostas do Citerão, mas Antígona se recusa a abandoná-lo e tenta reconduzi-lo à vida. A tragédia passa então ao cerco de Tebas. Etéocles conserva o trono além do período combinado, enquanto Polinices regressa à frente de um exército estrangeiro para exigir sua parte no reino. Jocasta atravessa as linhas de combate e suplica aos filhos que evitem a guerra fratricida. Polinices parece disposto a negociar; Etéocles, porém, afirma que o poder deve ser mantido a qualquer preço. O texto transmitido termina nesse confronto, antes do duelo e da morte dos irmãos, conservando a peça como obra fragmentária ou inacabada.

PERSONAGENS

ÉDIPO
ANTÍGONA
MENSAGEIRO
JOCASTA
GUARDA
POLINICES
ETÉOCLES

ÉDIPO

Guia deste pai cego e o único consolo deste pai cansado,
ó filha, que para mim é muito importante ter gerado,
ainda que desse modo, abandona este pai desventurado.
Por que desvias os meus passos errantes para a linha reta?
Permite que eu me arruíne; sozinho, eu encontrarei
melhor o caminho que eu procuro, aquele que me
arranque desta vida e alivie este céu e as terras da visão
desta pessoa abominável. Quão pouco fiz com esta mão!
Não vejo o dia conhecedor da minha culpa, mas sou visto
[por ele]. Desde agora, solte a minha mão ligada a tua
e consente a este pé cego ser conduzido para onde ele quiser.
Irei, irei por onde meu Citerão estende
os escarpados picos, por onde, tendo percorrido o monte
entre os rochedos, o veloz Actéon caiu, inaudita presa
para seus próprios cães; por onde através do obscuro bosque
e da floresta de vale sombrio, a mãe conduziu
as irmãs animadas por um deus e, jubilante com seu próprio mal,
levou uma cabeça fixada em um tirso vibrante;
ou por onde o novilho de Zeto correu, levando
o corpo odioso, por onde, através dos eriçados espinheiros,
o sangue do touro feroz revela as rápidas carreiras;
ou por onde o rochedo de Ino comprime os vastos mares
com seu imenso cume, por onde a mãe,
fugindo de um crime e cometendo um novo, lançou-se
ao mar para submergir com seu filho - felizes aqueles
a quem uma fortuna melhor deu tão boas mães!
Existe outro lugar meu nestas florestas
que me chama: eu irei para lá com passo rápido;
a marcha não vai parar, irei para lá desprovido
de todos os guias. Por que me demoro neste lugar?
Citerão, devolve-me a morte e me entrega
àquele meu abrigo, para que eu morra velho
onde deveria [ter morrido] criança.

Permita a antiga punição. Sempre cruel, terrível, desumano, feroz,
quando matas e quando poupas, há muito já é teu
este cadáver: executa a ordem do meu pai e agora
também da minha mãe. Minha alma deseja que sejam
executados os antigos suplícios.
Por que, filha, tu me deténs preso
com este amor maléfico? Por que me deténs? Meu pai me chama.
Sigo, sigo, detém-te agora! Laio se enfurece,
trazendo a marca de sangue do reino roubado;
eis que ele ataca meus olhos vazios e os escava
com suas mãos adversas. Filha, vês o meu pai?
Eu vejo. Então expele o espírito inimigo,
alma desertora, [que és] valente numa parte de ti.
Abandona os vagarosos adiamentos de um longo castigo
e aceita a minha morte total. Por que fraco me arrasto,
já que vivo? Já não posso cometer nenhum crime?
Posso, eu infeliz, anuncio - afasta-te de teu pai,
afasta-te, donzela. Depois de minha mãe, temo tudo.

ANTÍGONA

Nenhuma força, pai, separará a minha mão do teu corpo.
Ninguém me impedirá em momento algum de te
acompanhar. Que a célebre casa de Lábdaco,
que os opulentos reinos a ferro os irmãos reclamem;
Do grande reino paterno, a minha parte é a mais importante:
o próprio pai. Não o tomará de mim um irmão
que, usurpando o reino, detém o cetro tebano,
nem o outro que conduz tropas argólicas;
nem se Júpiter trovejar, arrebatando o mundo,
e um raio cair no meio do nosso enlaçamento,
eu soltarei essa mão. Embora tu te oponhas, pai,
eu te guiarei contra a tua vontade, conduzirei teu contrariado passo.
Prossegues no chão plano? Eu vou; aproximas-te de um penhasco?
Não impeço, mas te antecedo; use-me como guia,
aonde queres ir, todo o caminho é escolhido para nós dois.
Morrer sem mim não podes, comigo podes.
Aqui surge um alto rochedo de acidentado pico
e ele encara as regiões do mar situado adiante ao longe.
Queres que a ele nos dirijamos? Aqui uma pedra pende só,
aqui o solo rachado se escancara em uma garganta abrupta.
Queres que a ela nos dirijamos? Aqui cai a ávida torrente
e faz rolar por terra pedaços destruídos de um monte caído.
Atiremo-nos nela? Contanto que [eu vá] antes, vou aonde queres.
Não suplico, não aconselho. Desejas matar-te
e a morte, pai, é a tua oferenda maior?

Se morres, vou antes; se vives, sigo-te.
Mas muda o teu pensamento, evoca o teu antigo coração
e domina as tuas enfraquecidas desventuras com grande força;
resiste: dentre tantos males, morrer é ser vencido.

ÉDIPO

De onde [vem] tão honroso perfil em uma casa nefanda?
De onde [vem] esta virgem diferente de sua [própria] raça?
Fortuna, vacilas? Existe alguém piedoso nascido de mim?
Isso não existiria jamais (bem conheço meus fados),
se não fosse para fazer o mal.
A própria natureza se desviou em novas leis: o rio, retornando,
vai trazer para a nascente [suas] rápidas águas, e a luz de Febo
vai trazer a noite; Héspero fará o dia;
que algo mais incida sobre minhas misérias,
seremos igualmente justos.
A única salvação para Édipo
é não ser salvo. Que me seja permitido vingar meu pai
que ainda não foi vingado. Minha mão direita,
por que tardas, inerte, a executar a pena?
Tudo aquilo que até agora foi realizado dedicaste para minha mãe.
Solta a mão de teu pai, corajosa donzela: estendes minha morte
e prolongas os extensos funerais do teu pai em vida.
Cubra de terra, de uma vez, este corpo odioso;
Equivocas-te com o pensamento honroso, chamas de piedade
arrastar teu pai sem sepultura. Quem obriga a morrer
alguém que não quer, está na mesma situação de quem impede
aquele que está pronto. É matar impedir quem está desejoso da morte.
Nem, contudo, é a mesma situação. Creio que a outra (a segunda) é mais grave:
prefiro ter a minha morte ordenada a ser libertado dela.
Desiste dessa tentativa, donzela: o direito sobre a minha vida
e a minha morte está em meu poder. Desisti de bom grado
do meu reino, mas conservo o domínio sobre mim mesmo.
Se és companheira fiel, entrega a espada para teu pai, mas a espada
reconhecida pela morte paterna. Entregas? Ou meus filhos detêm-na
junto com o trono? Onde quer que ela esteja, fará seu trabalho.
deixe-a lá; eu a desprezo. Que meus filhos agora a possuam,
mas os dois.
Melhor que isso, junta um grande monte de madeira,
terra e fogo; eu mesmo me atirarei dentro das altas labaredas
e me agarrarei às chamas, incitarei a pira funesta,
e derreterei o coração cruel e às cinzas darei
seja o que for que vive em mim. Onde está o mar impetuoso?
Conduz-me aonde haja um cimo escarpado com altos rochedos,
aonde o violento Ismeno conduz seus terríveis bancos de areia,

conduz-me aonde feras, aonde o mar, aonde precipícios haja,
se és minha condutora. A mim, que estou prestes a morrer, agrada ir lá,
aonde no alto rochedo se assentou a Esfinge, enredando trapaças
com sua face metade-fera. Dirige para esse lugar os passos dos (meus) pés,
deixa lá (teu) pai. Para [esse] lugar sinistro não ficar vago,
repõe um monstro maior. Sentado sobre aquela rocha,
eu falarei das nossas fortunas com palavras obscuras,
que ninguém decifrará. Sejas quem fores tu que separas as paragens
dominadas pelo rei Assírio e que, suplicante, adoras o bosque
conhecido pela serpente de Cadmo, no qual a sagrada Dirce
se esconde, sejas quem fores tu que bebes do Eurotas e que
habitas a Esparta conhecida pelos irmãos gêmeos,
e tu, colono, que a Élida, o Parnaso e os Beócios,
os campos férteis ceifas:
presta atenção. O terrível flagelo de Tebas,
unindo lutuosas palavras com cegos ritmos,
que coisa semelhante ele propôs? Que coisa tão inextricável?
"Genro do seu avô e rival do seu pai,
irmão dos seus filhos e pai dos seus irmãos;
a avó, em um só parto, deu à luz filhos para [seu] marido
e netos para si mesma". Tantas monstruosidades quem explica?
Eu mesmo, que obtive os despojos da Esfinge derrotada,
hesitarei, como inepto intérprete de meu fado.
Por que desperdiças demais tuas palavras? Por que
tentas amolecer um peito bravio com súplicas?
Neste coração, que luta há muito tempo, está decidido
dissipar esta alma resistente com a morte e buscar
as trevas; pois para meu crime esta noite é pouco profunda:
agrada-me ser encerrado no Tártaro, também se algo existir
além do Tártaro. Finalmente me agrada o que desde outrora me convém.
Não posso ser afastado da morte. Negar-me-ás uma espada? Fecharás
os caminhos com risco de queda e que eu insira meu pescoço
em laços apertados impedirás? Retirarás as ervas
que trazem a morte? Para que exatamente serve este teu cuidado?
A morte está por toda parte. Um deus cuidou disso muito bem.
Qualquer um pode tirar a vida de um homem,
mas ninguém a morte; mil entradas estão abertas até ela.
Nada peço: também nosso coração costuma usar bem
uma mão desarmada. Mão direita, agora, com toda a violência,
com toda a dor, com todas as forças, vem!
Não determino um único lugar para minha ferida:
sou culpado por inteiro: exige a morte por onde quiseres.
destrói este corpo e este coração capaz de tantos crimes,
arranca, põe à mostra todos os contornos de minhas vísceras;
que a garganta fraturada ressoe com golpes forçados

ou que minhas veias dilaceradas escorram com as unhas fincadas.
Ou então dirige tuas iras como já te habituastes:
molha esta ferida aberta com muito sangue e podridão;
extrai por aí esta alma dura e inexpugnável.
E, meu pai, onde quer que estejas tu, como juiz
dos meus suplícios, ficas por perto; eu não acreditei que este tamanho crime
pudesse ser compensado suficientemente por algum suplício
algum dia, nem fiquei contente com essa morte,
nem me redimi por causa disso: quis morrer por ti,
membro a membro. Exige, finalmente, o que é devido.
Agora pago minhas penas, outrora, ofereci um sacrifício em tua honra.
Aproximas-te e aperta para dentro minha mão inerte
e afundas mais [esta mão]! Outrora, de forma receosa, minha cabeça
fez uma libação com pouco a ser vertido; e, a custo, subtraiu meus olhos
desejosos por segui-la. Aquele plano está fixo em mim mesmo
ainda agora; esteve fixo quando meu rosto
aperta minha mão relutante. Ouvirás a verdade, Édipo:
arrancaste teus olhos com menos ousadia
do que os ofereceste. Agora insere tua mão no cérebro:
executa a morte por essa parte por onde comecei a morrer.

ANTÍGONA

Ó, meu generoso pai, eu te suplico que ouças, com calma,
umas poucas palavras desta tua deplorável filha.
Eu não te reconduzirei para a visão da velha casa,
[nem] para o poder do reino de célebre prosperidade
lhe dirijo, ou, para que, com o coração abrandado e sereno,
suportes as iras não quebradas por esse mesmo espaço de tempo.
Mas também era conveniente que um varão de tanta força
não fosse vencido sob o influxo da dor, nem desse
as costas aos males. A virtude não é, como pensas, pai,
temer a vida, mas impedir males desmesurados
e não se desviar nem voltar para trás.
Quem esmagou os fados e abandonou os bens da vida
e até mesmo os interrompeu, e esse mesmo que sobrecarregou
suas desventuras, esse, a quem nenhum deus é necessário,
por que ele fugiria da morte ou por que a buscaria?
Uma e outra coisa são próprias de um medroso; ninguém que cobiçou morrer
desprezou isso depois. Alguém de quem os grandes males
não podem propagar-se, em lugar seguro está situado.
Cumpre o que desejas, qual dos deuses agora pode
adicionar algo a teus males? Agora nem tu podes algo,
a não ser isto: pensar que és digno da morte -
não és, nenhuma culpa atinge este teu peito.
Mais do que isso, pai, considera-te como não culpado,

porque és inocente mesmo contra a vontade dos deuses.
O que é isso
que te tornou enfurecido, que em ti terá fincado
novos estímulos de dor? O que te faz avançar para um lugar
nos infernos, o que te expulsa daqui? Para que te privarás da luz do dia?
Já não a tens. Por que fugirás da pátria e da nobre casa
de altos muros? A pátria morreu para ti em vida.
Foges de teus filhos e de tua mãe? A fortuna
te privou de olhar tudo isso, e tudo o que a morte
pode tirar de alguém, a vida já te tirou.
[Foges] dos tumultos do reino? A confusão anterior a tua sorte
desapareceu por ordem tua. De quem, pai, tu foges?

ÉDIPO

Fujo de mim, fujo deste coração consciente de todos
os crimes, e desta mão fujo, e deste céu, e dos deuses,
e fujo dos terríveis crimes que cometi inocente.
Eu comprimo este solo onde surgiu a fecunda Ceres?
Eu respiro este ar com minha boca venenosa?
Eu sou saciado por goles desta água ou usufruo de
alguma dádiva da mãe venerável? Toco esta mão casta,
eu, nefando, incestuoso, execrável?
Eu percebo com meu ouvido alguns sons pelos
quais ouvirei o nome de algum de meus pais ou filhos?
Quem dera eu pelo menos pudesse destruir estas vias,
e pudesse extrair com (o ataque de) minhas mãos as vozes
que passam por todos eles e o acesso às palavras que se estende
por estreitas vias! Filha, eu, teu infeliz pai, já deveria
ter fugido do contato contigo, que és parte de meus crimes.
Incessantemente, um monstro se adere a mim e se torna mais cruel,
e meus ouvidos me trazem tudo aquilo que [um dia] vós, olhos meus,
me destes. Por que eu não arremesso esta cabeça pesada de trevas
para as sombras eternas de Plutão? Por que detenho
meus manes aqui? Por que peso sobre a terra e ando errante
misturado às divindades do mundo superior? O que falta de mal?
Reino, pais, filhos, também a virtude
e a decência exímia de uma recatada astúcia
se perderam, essa sorte hostil levou tudo de mim.
As lágrimas tinham sido abundantes: também arranquei-as de mim.
Afasta-te: minha alma não é favorável a nenhuma súplica
e busca uma nova punição comparável aos meus crimes.
E o que poderia ser comparável? A morte me foi decretada
desde criança. Quem algum dia escolheu
tão tristes fados? Eu não tinha visto o dia,
não tinha rompido os obstáculos do útero encerrado,

e já temia. A noite se apoderou de alguns assim que nascidos
e os levou para uma nova luz: a mim a morte antecedeu.
Outros sofreram uma morte de fado precoce
dentro do ventre materno, mas seriam eles também
culpados? Um deus perseguiu o acusado impenetrável,
oculto e incerto de um crime infando; ou acaso seria eu?
Testemunha disso, meu pai me repreendeu
e furou meus delicados pés com ferro quente.
E me mandou aos altos bosques como comida para as feras
e para as aves enraivecidas que o perigoso Citerão
alimenta, frequentemente ensopadas de sangue real.
Mas quem o deus lesou, o pai enjeitou, também
a morte subtraiu. Eu executei a palavra de Delfos:
tendo atacado meu pai, eu o derrubei num assassinato desumano.
A piedade se ligará a outro fator: matei meu pai,
mas amei minha mãe. Poderia ser explicada nossa união
e nosso casamento? Obriga-te também, [mesmo] contra a
vontade, a sofrer esses castigos! Confessa que o meu ato (foi)
obscuro, selvagem e extraordinário, que as pessoas ficariam
apavoradas, que nenhuma época admitiria existir [esse] fato,
que teria vergonha do parricídio: ao leito paternal
levei minhas mãos molhadas do sangue paterno e
como preço pelo meu crime, experimentei um crime maior.
O atentado paterno é de pouca importância: ao meu leito
minha mãe foi trazida e, para que o crime não fosse pequeno,
[ela era] fértil. A natureza não pode conter nenhum crime
maior que esse.
E, se, ainda agora, isso é possível, nós produzimos
aqueles que poderiam fazê-lo. Eu renunciei ao trono,
recompensa pelo assassinato de [meu] pai, e, pela segunda vez,
[o próprio trono] armou outras mãos. Eu conheço muito bem
o fado do meu reino: ninguém o receberá
sem sangue derramado. Meu espírito paterno prevê
grandes males. Agora eles já são a semente de
um futuro desastre: a palavra dada em promessa é desprezada;
Este se nega a ceder o império ocupado,
e aquele invoca o direito pelo pacto feito e o testemunho
dos deuses e, desterrado, leva à guerra
Argos e as cidades gregas. Não é leve a ruína que vem
para a Tebas fatigada: armas, fogo, feridas estão
iminentes e, se existe algum mal maior que esses,
que ninguém ignore: foram gerados de mim.

ANTÍGONA

Se para ti não há nenhum motivo para viver, meu pai,
este é um mais que suficiente; como pai, terás o comando
dos filhos gravemente enfurecidos. Tu podes desviar as ameaças
de uma guerra ímpia; e só tu podes inibir esses insensatos
jovens, dar paz aos cidadãos e tranquilidade para a
pátria, [dar] garantia à aliança desfeita.
Se tu mesmo te negas a vida, a muitos a negas.

ÉDIPO

Existe para eles algum amor por seu pai ou pelo que é justo,
para cobiçosos de sangue, poder, armas, trapaça,
para malditos, criminosos, em suma, em suma, para os filhos meus?
Competem em toda espécie de crime e têm para si nada de obrigação,
quando a ira os coage a se precipitarem,
e, nascidos da impiedade, pensam que nada é ímpio.
Nem a vergonha de seu despedaçado pai os comove,
nem a pátria. O coração sôfrego pelo reino se enfurece.
Eu sei para onde eles se encaminham, aquilo que cuidam de abalar,
e por isso busco o caminho da destruição rápida
e me apresso para a morte, enquanto não há ninguém em minha casa
mais culpado que eu.
Filha, por que choras abraçada aos
meus joelhos? Por que domas com preces um ser indomável?
A fortuna tem este único modo para que eu possa ser apanhado:
sou invencível aos outros; só tu podes amolecer meus ásperos
sentimentos, só tu podes ensinar a piedade em
nossa casa. Não me é penoso nem triste que eu saiba
o que queres; simplesmente determina:
este Édipo atravessará a nado o mar Egeu,
tu ordenando, e colherá com a boca o fogo que
a terra, fazendo rolar bolas em chama, expele
pelo monte da Sicília, e se oferecerá para a serpente que, cruel,
está furiosa com o roubo de Hércules no bosque;
tu ordenando, ele dará seu fígado para as aves,
tu ordenando, ele até viverá.

MENSAGEIRO

Por ti, que és um exemplo nascido em notável família real,
por ti chama a Tebas assustada com exércitos fraternos,
e pede que tu afastes as tochas dos tetos pátrios.
Não são ameaças; agora já chegou bem próximo o mal.
Pois um irmão, reivindicando o reino e a alternância combinada,
conduz à guerra todos os povos da Grécia;
sete acampamentos cercam os muros de Tebas.
Socorre-nos, impede igualmente tanto a guerra quanto o crime.

ÉDIPO

Eu sou aquele que proibiria os crimes de serem
cometidos e ensinaria as mãos a se absterem
de sangue familiar? Sou eu mentor de justiça
e amor piedoso? Eles [apenas] acatam o exemplo dos meus atentados.
Agora me seguem. Exalto-os e os reconheço de bom grado,
eu os exorto a fazer algo digno deste pai.
Avançai, ó ilustre ascendência, demonstrai sua nobre índole
com fatos, superai minha fama e minhas glórias
e fazei algo que agrade o vosso pai de ter vivido
até agora! Fareis isso, eu sei:
Nascestes assim. Tanta nobreza pode satisfazer-se
com crime não usual e não leve.
Levai armas, atacai com tochas os santuários dos deuses
E destruí a seara de sua terra natal com fogo,
Perturbai todos, arrastai tudo para a ruína,
Dispersai as muralhas desordenadamente e as entregai ao chão,
Destruí os deuses em seus templos, queimai os lares
manchados, toda casa se desmoronará desde o alicerce,
A cidade será incendiada - que a primeira chama se inicie
em meu leito conjugal.

MENSAGEIRO

Põe de lado esse impulso violento
de dor e que os males do povo te convençam,
vem promover a plácida paz entre seus filhos.

ÉDIPO

Vês um velho que se rendeu a um objetivo modesto
e que é amante da plácida paz e o chamas para o seu lado?
[Meu] espírito está possuído de ira, [minha] dor arde intensamente,
e eu desejo algo maior do que (aquilo que) o destino e o furor
desses jovens empreende[m]. Uma guerra civil ainda não
é suficiente: que irmão derrube irmão. Nem isso é o bastante:
tal como se deve, para que a atrocidade se faça a nosso modo,
tal como convinha ao meu leito conjugal,
dai armas para vossa mãe!
Ninguém me tirará desta floresta:
eu estarei escondido no vão de um rochedo carcomido
ou cobrirei meu corpo oculto pela densa ramagem.
Daqui espreitarei as palavras de reputação incerta
e a guerra cruel entre irmãos; ouvirei o que posso.

JOCASTA

Bem aventurada Agave! Segurou seu terrível crime nas mãos
com as quais o tinha cometido e, bacante ensangüentada,
carregou os despojos do filho dividido em partes;

cometeu o crime, mas a pobre não avançou além
dessa atrocidade. É pouco importante o fato de eu ser culpada:
eu fiz [com que outros fossem] culpados. E isso também é pouco importante:
eu gerei culpados. Faltava à minha desventura
que também eu amasse o inimigo! Três vezes o inverno depôs as neves
e o trigo já pela terceira vez caiu pela foice,
desde que meu filho erra exilado e é privado da pátria
e pede, desterrado, o auxílio de reis gregos.
É o genro de Adrasto, com cujo poder é comandado
o Istmo que divide o mar; ele trouxe consigo
sua gente e sete reinos em auxílio ao seu genro.
Não sei o que imaginar ou o que decidir.
Ele reivindica o reino: o motivo da requisição é legítimo,
ilegítimo é a requisição ser dessa forma. Que votos farei como mãe?
Dos dois lados eu vejo um filho. Nada posso fazer piedosamente
com a piedade a salvo. Qualquer coisa que eu desejar
a um filho, incorrerá no mal ao outro.
Mas eu tanto amarei a ambos com igual afeto,
que meu espírito se inclina por onde se arrasta
a melhor causa e a pior sorte, sempre favorecendo o fraco;
A fortuna mais concilia os infelizes aos seus.

GUARDA

Rainha, enquanto tu proclamas dolorosas lamentações
e gastas o tempo, um violento exército está a postos
com as armas à mostra; o bronze já proclama a guerra
e o porta-estandarte anuncia a batalha com o avanço da águia.
Os reis postos em ordem preparam sete combates;
com igual ânimo avançam os ascendentes de Cadmo;
em marcha rápida, o soldado daqui e de lá para frente se arroja.
Vê como uma nuvem negra de poeira oculta o dia
e o campo se eleva ao céu como nuvens de fumaça
que a terra partida produz pelos cascos da cavalaria.
E, se é real o que veem os temerosos,
brilham os estandartes inimigos, aproxima-se a primeira
vanguarda com os dardos erguidos, as bandeiras anunciam
o glorioso nome dos comandantes escrito em letras de ouro.
Vai, restitui o amor aos irmãos e a paz a todos
e impede a ímpia guerra com sua oposição de mãe.

ANTÍGONA

Prossegue, mãe, suscita um passo rápido,
abranda as armas, derruba a espada dos irmãos,
conserva o peito nu entre as espadas inimigas.
Ou dissolve esta guerra, mãe, ou seja a primeira a sofrê-la.

JOCASTA

Irei, irei e apresentarei minha cabeça exposta às armas.
Ficarei firme entre as armas. Quem pretender atacar o irmão,
atacará antes a mãe. Quem for piedoso, deporá
as armas a pedido da mãe; aquele que não for piedoso,
começará por mim. Eu, velha, deterei os jovens impetuosos;
tendo-me por testemunha, não ocorrerá nenhuma atrocidade;
Ou, se alguma puder ser cometida,
não será a única.

ANTÍGONA

Insígnias próximas brilham,
para insígnias junto delas, ressoa o brado hostil;
o crime está próximo: antecede-te, mãe, com tuas súplicas.
E eis que tu acreditarias que eles seriam comovidos com minhas lágrimas,
Tanto que assim o exército vagaroso está vindo com armas abaixadas.

GUARDA

A linha de batalha avança vagarosa, mas os chefes se apressam.

JOCASTA

Que vento veloz me conduzirá pelas brisas etéreas,
levada por um turbilhão de desordenada tempestade?
Que Esfinge, ou que Estinfálides, cobrindo o dia
com nuvem sombria, me levará a voar com suas rápidas asas?
Ou que Harpia, observando a cobiça do rei cruel
me arrastará pelos altos caminhos dos ares
e soltará sua presa entre os dois exércitos?

GUARDA

Ela marcha parecendo furiosa ou está realmente furiosa.
Tal como a flecha veloz é lançada, disparada pela mão de um Parto,
tal como a nau é arrastada por um furioso vento
inquietante ou tal como uma estrela cadente
cai do céu, ferindo de leve o horizonte quando rasga
a via reta com seu facho rápido. Ela corre
em seu curso, atônita, e logo dividiu as duas frentes
de batalha. Os combatentes ficam suspensos,
vencidos pela súplica materna e, agora, as mãos,
desejosas de se misturarem em morte mútua,
mantém os dardos suspensos na destra agitada.
É-se favorável à paz, as espadas de todos cessam
e embainham-se protegidas - vibram na mão dos irmãos.
A mãe dilacerada mostra os cabelos brancos,
roga aos que se recusam, molha as faces com lágrimas.
Quem hesita durante muito tempo pode dizer não a uma mãe.

JOCASTA

Voltem para mim vossas armas e chamas, em mim somente desabe
toda a juventude, a que veio ardente dos muros de Ínaco
e a que desceu feroz da cidadela tebana:
cidadãos e inimigos ao mesmo tempo,
[ataquem este ventre que deu irmãos para meu marido],
arranquem e espalhem desordenadamente estes membros!
Eu gerei um e outro: depondes as armas mais prontamente?
Ou digo também de que pai? Dai as mãos para vossa mãe,
dai enquanto elas são piedosas. O erro nos fez a tal ponto
culpados contra a vontade; toda a falta foi da fortuna
que fez culpados em nós; este crime é o primeiro
executado conscientemente. Em vossas mãos está
o que ambos desejais: se lhes parecer bem a bendita piedade,
sacrificai essa guerra para vossa mãe; se agradou o crime,
[algo] maior foi preparado: vossa mãe se põe no meio.
Portanto, ponde fim à guerra ou ao entrave da guerra.
Eu, mãe inquieta com rogo alternado, a quem agora
levarei minhas palavras? Desgraçada, a quem abraçarei primeiro?
Sou atraída para ambas as partes com igual afeto.
Este esteve longe; mas se as promessas dos irmãos prevalecem,
agora o outro se afastará. Portanto, a partir de agora,
eu nunca [mais] verei os dois a não ser assim?
Junta-te a mim num abraço primeiro tu
que sofreu tantas desventuras e tantos males,
cansado de um longo exílio, vês a tua mãe.
Chega mais perto, encerra essa ímpia espada
na bainha e crava no solo essa lança trêmula
e já ansiosa por ser arremessada. O escudo impede o peito
materno de reunir-se ao teu peito:
larga-o também. Livra teu rosto dos liames
e tira esse capacete sombrio de tua belicosa cabeça
e volta a face para tua mãe. Por que desvias o rosto
e observas com olhos receosos as mãos de teu irmão?
Eu protegerei teu corpo todo com um abraço,
o caminho para o teu sangue será pelo meu.
Por que te deténs em dúvida? Ou temes a proposta de tua mãe?

POLINICES

Temo; Já nada valem as leis da natureza.
Depois deste exemplo de irmãos, nem de fato na mãe
se deve ter confiança.

JOCASTA

Restitui agora tua mão à espada, ata o capacete,
que sua mão esquerda se introduza no escudo:

enquanto teu irmão é desarmado, permanece armado.
Depõe tu as armas, tu que és a causa primeira destas armas.
Se a paz é odiada, se te agrada enfurecer-te na guerra,
tua mãe te pede uma pequena trégua,
para que de seu filho que voltou do exílio ela receba os beijos,
ou os primeiros ou os últimos. Enquanto eu suplico pela paz,
ouvi-me sem armas. Tu o temes e ele a ti?
Eu temo a ambos, mas a favor de ambos. Por que te recusas
a embainhar a espada empunhada? Alegra-te com qualquer demora:
desejais fazer uma guerra em que o melhor é ser
vencido. Receias as trapaças de teu irmão hostil?
Todas as vezes que é necessário enganar ou ser enganado pelos teus,
antes sofreres que cometeres o crime.
Mas não temas: a mãe repudiará as emboscadas tanto daqui
quanto, em seguida, dali. Eu os convenço? Ou invejo
vosso pai? Vim para repelir uma atrocidade
ou para vê-la mais de perto? Este arredou a espada
e o escudo pende apoiado na lança imóvel.
A ti levarei as preces maternas agora, filho,
mas antes as lágrimas. Por tanto tempo eu tenho
buscado nas minhas súplicas o teu semblante. Os deuses penates
de um rei estrangeiro te protegem, exilado do solo pátrio,
tantos mares distantes, tantas desventuras
levaram-te errante! [Tua] mãe não te conduziu
ao [teu] primeiro leito nupcial com benevolência,
nem ornou a casa festiva com sua [própria] mão, nem atou bem
o facho alegre com fitas sagradas. [Teu] sogro não [te] deu
pesados tesouros de ouro, nem campos cultiváveis, nem cidades:
a guerra é [teu] dote. Do inimigo te tornaste genro,
afastado da pátria, hóspede de outra casa,
tendo obtido [bens] estrangeiros, expulso dos teus,
desterrado sem acusação. Para que nada te falte
dos fados paternos, tens também isso deles:
emigrou para as núpcias. Filho, que depois
de muitos sóis, voltaste para mim; filho, medo e esperança
de uma mãe preocupada, cujo olhar sempre roguei
aos deuses quando tua volta haveria de arrebatar-me
tanto quanto haveria de me dar, com tua chegada:
"Quando deixarei de temer por ti?",
eu disse. Um deus, zombando, disse:
"Temerás o mesmo". Se a guerra não existisse, certamente
eu não te teria; se tu não existisses, certamente
eu não teria [esta] guerra. Um preço triste e duro [me]
foi dado de tua visão, mas é do agrado de tua mãe.
Que os exércitos se retirem daqui agora mesmo, enquanto

o cruel Marte não ousa nenhuma atrocidade. Também isso
é uma grande atrocidade: o fato de estares tão perto. Pasmo e tremo pálida
quando vejo dois irmãos ficarem parados aqui e aqui
sob a ameaça do crime. [Meus] membros tremem de medo:
quão por pouco tua mãe avistou um crime maior
do que aquele que teu pobre pai não pôde ver!
Ainda que eu esteja livre do medo de tamanho crime
e não veja agora nada de tal natureza, sou desafortunada, entretanto,
por quase ter visto. Pelos graves sofrimentos de [meu] útero
durante 10 meses e pela piedade de [tua] ilustre irmã,
eu te suplico, e pelos olhos de teu pai que,
irado consigo mesmo, culpado de nenhum crime,
exigindo de si mesmo duros suplícios por [seus] erros,
[ele] vazou: afasta [essas] tochas nefandas das muralhas
da pátria, dirige para trás os estandartes do belicoso
exército. Ainda que retrocedas, grande parte do vosso crime
está, contudo, concluída: a pátria viu [seus] campos serem cobertos
por uma multidão hostil, viu esquadrões refulgentes
ao longe com armas, os prados de Cadmo [serem] destruídos
pela rápida cavalaria e os nobres chefes correrem (voarem)
com [seus] carros, as vigas inflamadas com fogo
fumegarem, as quais procuram em cinzas acometerem nossas casas
e os irmãos (um atentado que foi novo até para Tebas)
se atacarem. Todo o exército viu isso.
Todo o povo o viu e ambas as irmãs o viram e
tua mãe o viu: com efeito [teu] pai deve a si mesmo
porque ele não contemplou isso. Que de ti agora
se aproxime Édipo; por esse juiz,
pois as penas dos erros são também ansiadas.
Eu te suplico, não arruínes com arma(s)
[tua] pátria nem os deuses penates, não derrubes a Tebas que
reivindicas reinar. Que furor ocupa [tua] mente?
Perderás [tua] pátria reclamando-a? Para que se torne tua,
queres que ela seja aniquilada? Ademais, isto é próprio de quem
prejudica sua própria causa: incendeias o solo com armas inimigas
e derrubas os frutos já crescidos e produzes fuga por
todos os campos. Ninguém devasta assim [o que é] seu;
Aquilo que ordenas ser posto em chamas, aquilo que ordenas ser ceifado
com a espada, crês [ser] alheio. Inquiri qual de vós seja rei,
desde que permaneça um reino.
Estas casas procuras atingir
com dardos e fogo? Poderás balançar estas construções
de Anfião? Não as edificou nenhuma mão
conduzindo, vagarosa, a carga com máquina ruidosa,
mas, convocada pelo som da [sua] voz e da lira,

[cada] pedra veio por si mesma até as altas torres:
racharás estas rochas? Levarás daqui, vencedor, despojos
e generais agrilhoados da mesma idade de teu pai
e mães roubadas da própria proteção de [seus] maridos,
um cruel soldado as arrastará postas em amarras?
Virgens adultas de Tebas caminharão, misturadas
Ao grupo de cativos, [como] presente para as noivas de Argos?
Ou eu mesma, atada, com as mãos postas atrás das costas,
mãe, serei levada como despojo do [teu] triunfo fraternal?
Acaso podes ver [teus] concidadãos, indistintamente entregues
à morte e à destruição? Podes aproximar o inimigo de
[tuas] queridas muralhas? Podes encher Tebas de sangue
e fogo? Levas, feroz, em [teu] peito duro e insensível,
as tuas iras? E ainda não imperas.
O que o cetro fará? Põe de lado as insensatas perturbações
da [tua] alma, eu rogo, e te reconduz à piedade.

POLINICES

Para que eu erre desterrado para sempre? Para que eu seja afastado
da pátria e, hóspede, me persiga com o auxílio de uma nação estrangeira?
O que de diferente eu sofreria se violasse um juramento?
Se mentisse? Eu cederei a castigos de um crime
alheio, e ele levará o prêmio de seus crimes?
Mandas-[me] ir embora. Obedeço à ordem de [minha] mãe -
dá-[me] para onde eu seja levado de volta. Que meu irmão habite
em um palácio soberbo, e eu me esconda numa pequena cabana.
Dá isto ao exilado; que seja permitido compensar um reino
com um exíguo lar. Oferecido como presente a [minha] esposa,
tolerarei os severos caprichos de um casamento rico
e seguirei, como um humilde servente, [meu] sogro que reina?
Cair da realeza na escravidão é penoso.

JOCASTA

Se buscas reinos e [tua] mão não pode estar desocupada
de um cetro cruel, a terra no mundo todo oferecerá,
quando aprouver, muitos que possam ser atacados.
Desde aqui o Tmolo eleva seus cumes conhecidos por Baco
por onde repousam suntuosos solos de terras frutuosas
e por onde o Pactolo, trazendo suas abundantes águas,
inunda os campos com ouro; o Meandro dirige [suas]
águas errantes pelos campos não menos fecundos
e o rápido Hermo corta campos férteis.
Desde aqui, o Gárgara, grato a Ceres, e o solo rico
que o Xanto rodeia, cheio de neve do Ida,
por aqui, [o lugar] aonde o mar Jônio abandona seu nome
E oprime os desfiladeiros de Sesto à oposta Abido;

ou por onde [o mar Jônio] inclina-se mais para perto do oriente
e avista a Lícia segura por [seus] numerosos portos.
Por aqui, obtém reinos com [tua] espada; que [teu] poderoso sogro
leve as armas contra estes povos, que obtenha essas nações
e as entregue a teu cetro. Pensa, além disso, que este reino
guarda [teu] pai. É melhor o exílio para ti
do que esta volta: por causa de crime alheio estás expatriado,
por teu crime retornarás. Melhor tu cobiçares com estas forças
novos reinos com nenhum crime maculados.
Ainda mais, [teu] próprio irmão, acompanhando tuas armas,
combaterá contra ti. Vá e empreenda tal guerra
na qual [teu] pai e [tua] mãe possam favorecer a ti
em batalha. Reinados com crime são mais
penosos que todos os desterros.
Agora os males da guerra
expõe, as duvidosas vicissitudes do incerto Marte:
mesmo que leves contigo toda a força da Grécia,
mesmo que [teu] exército estenda armas longa e largamente,
a fortuna da guerra sempre está em lugar incerto.
Marte decide o que quer que seja: a espada iguala dois
ainda que sejam diferentes; e o cego acaso revolve
as esperanças e os temores. Almejas um prêmio incerto
[e] um crime certo. Faz com que sejam favoráveis a teus votos
todos os deuses: teus concidadãos teriam recuado e, afastados,
procurariam a fuga; o soldado, jazendo em funesta desgraça
cobriu os campos: mesmo que exultes vitorioso
e conduzas os despojos do teu irmão desprezado, a vitória
deve ser destruída. De que natureza julgas esta guerra
em que o vencedor comete uma atrocidade execrável
se ele se rejubila? Este que tu, desafortunado, desejas vencer,
quando venceres, lamentarás. Vai, abandona [esta]
luta desventurada, libera [tua] pátria do medo [e]
os [teus] pais do luto.

POLINICES

[E] que meu irmão nefando não sofra
nenhum castigo pelos seus crimes e delitos?

JOCASTA

Não temas. Ele também certamente pagará graves penas:
ele reinará. Essa é a punição. Se duvidas, acredita em
teu avô e em teu pai; Cadmo te dirá isso e os filhos de Cadmo.
Empunhar o cetro não foi impune para nenhum tebano,
nem alguém o conservaria com
uma promessa quebrada - já podes enumerar
[teu] irmão entre estes.

ETÉOCLES
Que ele me enumere entre eles. Vale muito para mim
jazer junto com os reis. Eu te acrescento à multidão
dos desterrados.

POLINICES
Reina, desde que detestado pelos teus.

ETÉOCLES
Reinar não quer aquele que teme ser detestado:
655 o deus criador do mundo colocou juntamente estas coisas,
o ódio e a realeza: isso [é próprio] de um grande rei, creio,
comprimir estes ódios. O amor dos seus impede quem domina
muitas coisas; mais é permitido aos irados.
Quem quer ser amado, reina com mão fraca.

POLINICES
660 Impérios odiosos nunca são conservados por muito tempo.

ETÉOCLES
Os reis estabelecem melhor as leis do império;
constrói tu o exílio. Pelo reino, eu exigiria...

POLINICES
Entregar ao fogo a pátria, as casas, a esposa?

ETÉOCLES
Impérios são bem mantidos, qualquer que seja o preço.

MEDEIA

LÚCIO ANEU SÊNECA

Tradução de Ana Alexandra Alves de Sousa

ARGUMENTO

Depois de abandonar a Cólquida e cometer crimes para assegurar a fuga de Jasão, Medeia vive com ele em Corinto. Jasão decide casar-se com Creúsa, filha do rei Creonte, e Medeia recebe ordem de partir. Ela obtém um único dia de adiamento e prepara a vingança. Finge aceitar o novo casamento e envia à noiva presentes envenenados, que destroem Creúsa e Creonte em chamas. Para atingir Jasão de maneira irreparável, Medeia mata os dois filhos do casal, apesar da luta que trava consigo mesma. Por fim, mata o segundo filho diante de Jasão e escapa num carro conduzido por serpentes, deixando-o sem descendência e sem possibilidade de resposta.

PERSONAGENS

Medeia, filha de Eetes, rei da Cólquida
Ama de Medeia
Creonte, rei de Corinto e pai de Creúsa
Jasão, filho de Éson e sobrinho de Pélias
Mensageiro
Coro de Coríntios
Soldados e servidores de Creonte (personagens mudas)
Os dois filhos de Medeia e Jasão (personagens mudas)

(A cena passa-se em Corinto, à entrada da casa de Jasão e Medeia. Decorre no dia em que Jasão comunica a Medeia a sua intenção de casar com Creúsa e Creonte decreta o exílio à princesa da Cólquida.)

MEDEIA

Ó deuses conjugais e tu, guardiã do leito nupcial,
Lucina; tu que aprendeste com Tífis a dirigir
um novo navio que haveria de desbravar os mares;
e tu, senhor implacável das profundezas do Oceano;
e Titã, que distribuis pelo mundo a claridade do dia;
ó tu que ofereces uma luz cúmplice em cerimónias misteriosas,
Hécate triforme; ó deuses por quem me jurou
Jasão; e os que Medeia invoca
com maior legitimidade: ó Caos da noite sem fim;
ó escusos reinos dos deuses supernos; ó manes sacrílegos;
ó senhor de um reino sombrio: ó soberana raptada
para maior fidelidade: com imprecações agoirentas vos conjuro!
Agora, agora, vinde, deusas vingadoras do crime,
com os cabelos soltos eriçados de serpentes;
segurando em vossas mãos ensanguentadas negros fachos,
vinde, medonhas, tal qual estivestes outrora
no meu tálamo. Dai morte à nova esposa,
dai morte ao sogro e a toda a progénie real.
Há algum mal pior que eu possa pedir para o noivo?
Que viva! Erre por cidades desconhecidas, arruinado,
exilado, em sobressalto, odiado, sem morada certa;
tenha saudades de mim, a sua esposa; receba um abrigo estrangeiro,
hóspede já bem conhecido e - nada pior posso pedir -
nasçam-lhe filhos semelhantes ao pai
e semelhantes à mãe. Já nasceu a minha vingança:
eu dei à luz! Será em vão que eu profiro estas palavras plangentes?
Não hei-de avançar contra os inimigos? Vou arrancar de suas mãos fachos nupciais
e a luz aos céus. Porventura o pai da minha raça, o Sol,

está a ver isto e está a ser visto? Acaso, sentado no seu carro,
percorre os costumados espaços do brilhante firmamento?
Não volta ele ao lugar donde nasce e faz retroceder o dia?
Permite, permite que eu viaje pelos ares no carro de meu pai,
confia-me as rédeas, meu progenitor, e consente que eu guie
com chicotes flamejantes os ígneos cavalos;
Corinto, que atrasa os navios com a sua dupla costa,
seja consumida pelo fogo e deixe os dois mares confluírem.
Resta-me apenas isto: levar eu própria, de pinho, o archote nupcial
ao tálamo e, depois das preces sacrificiais,
imolar as vítimas nos altares consagrados.
Procura nas próprias vísceras o caminho para a vingança,
se estás viva, minha alma, e se é que ainda tens um pouco
do teu antigo vigor. Bane os medos próprios das mulheres
e reveste o teu espírito da inospitalidade do Cáucaso.
Quaisquer perfídias que o Fásis ou o Ponto tenham visto,
o Istmo também as verá. Selvagens, desconhecidos, arrepiantes,
capazes de fazer tremer tanto o céu como a terra
são os males que agitam, bem fundo, a minha mente: feridas e carnificina
e exéquias perturbadas por membros lacerados. É leve demais o que enumero:
isto fiz eu, uma rapariga virgem. Que um ressentimento mais devastador se
levante:
convêm-me agora crimes maiores, visto que já dei à luz.
Arma-te de cólera e prepara-te para o morticínio
com todo o furor. Que a história a contar sobre o teu repúdio
iguale a do teu tálamo. De que modo deixarás o teu marido?
Do mesmo modo que o seguiste. Acaba já com as tuas hesitações cobardes:
a casa que de um crime recebeste, com um crime a deves deixar.

CORO

(Entra a cantar um epitalâmio para Jasão e Creúsa)

No tálamo real com benévola disposição estejam presentes
os deuses que governam o céu e os que governam o mar
juntamente com uma multidão, que respeite e guarde silêncio ritual.
Primeiro aos Tonantes portadores do ceptro
um touro de alvo dorso ofereça o seu imponente pescoço;
uma fêmea de níveo corpo, que nunca experimentou o jugo,
aplaque Lucina; e aquela que ao bravio
Marte refreia as mãos sanguinárias,
aquela que estabelece tratados com as nações beligerantes,
e guarda a riqueza no corno da abundância,
deusa assaz doce, seja presenteada com uma jovem vítima.
E tu, que favoreces as uniões legítimas,
que dissipas a noite com a tua dextra propícia,
vem para aqui, com um andar entorpecido pela embriaguez,

trazendo uma coroa de rosas a ornamentar as têmporas.
E tu, estrela, que anuncias dois momentos do dia
e que regressas sempre tarde para os que se amam:
por ti anseiam as mães, ardentemente por ti anseiam as noivas
que difundas quanto antes os teus raios de luz.
A beleza desta donzela excede
a das jovens da cidade de Cécrops
e as que nos cimos do Taígeto
são treinadas, à maneira dos rapazes,
na cidade sem muralhas,
e as que se banham nas águas aónias
e na corrente sagrada do Alfeu.
Se quiser ser admirado pela sua beleza,
o príncipe filho de Éson obterá a palma
quer sobre o descendente do raio implacável,
que submete os tigres ao jugo,
quer sobre aquele que faz tremer as trípodes,
o irmão da virgem austera;
ceder-lhe-á a palma também Pólux, perito
no pugilato, bem como o seu irmão Castor.
Assim, assim, habitantes celestes, peço-vos,
vença esta mulher as outras esposas,
destaque-se o marido dos outros homens.
Quando ela se apresenta nos coros das raparigas
é apenas o seu rosto que sobressai dentre todos.
Também com o surgimento do sol desaparece o encanto dos astros,
e o denso batalhão das Plêiades esmaece,
quando Febe, com uma luz que não é a sua,
fecha os cornos circulares num círculo perfeito.
Também a cor nívea fica rubra quando tingida pela púrpura
fenícia, também o pastor aspergido de orvalho
contempla a cintilante alvorada, ao romper o dia.
Resgatado do hórrido tálamo nupcial do Fásis,
acostumado a tocar o peito de uma esposa desenfreada
com temor e contra vontade,
ó homem afortunado, recebe a donzela da Eólia,
agora que, pela primeira vez, és noivo com o consentimento dos pais.
Aproveitai, jovens, a licença de gracejar;
em cadência alternada, jovens, cantai os vossos versos:
raramente nos é permitido falar contra os senhores.
Radioso e nobre descendente do portador do tirso, Lieu,
já era tempo de acender o facho de múltiplas pontas:
ateia a chama solene com os teus lânguidos dedos.
Espalhem os mordazes versos fesceninos festivos insultos,
descontraia-se a multidão com os gracejos e parta nas

trevas silenciosas
toda a mulher que foge para se casar com um marido estrangeiro.

MEDEIA

(Medeia estupefacta)

Estou perdida: o canto nupcial feriu os meus ouvidos.
É a custo que eu própria, sim, a custo, que eu creio em tamanha desgraça.
Foi isto que Jasão ousou fazer, depois de me ter privado do meu pai,
da minha pátria e do meu reino: deixar-me sozinha numa terra estrangeira,
homem cruel?! Desprezou os serviços que lhe prestei,
depois de ter visto chamas e mar serem vencidos pelos meus crimes?
Acredita ele que esgotei toda a minha capacidade para actos ímpios?
Inquieta, desvairada, de mente insana, sou arrastada
em todas as direcções. Onde poderei eu vingar-me?
Tivesse ele um irmão! Mas tem uma esposa: cravemos nela
a espada. Será isto suficiente para o meu vexame?
Se as cidades pelasgas, se as cidades bárbaras
algum malefício conhecem que as tuas mãos ignorem
é altura de o cometeres. Incitem-te os teus crimes
e estejam todos bem presentes: o roubo do famoso tesouro
do reino e o pequeno companheiro da ímpia donzela
despedaçado com a espada, o cadáver oferecido ao pai,
e o corpo disperso pelo mar e os membros do velho Pélias
cozidos no caldeirão de bronze. Quantas vezes
derramei sacrilegamente sangue fatal, nenhum delito eu cometi
levada pela ira. Foi um amor desditoso que se enfureceu.
Ainda assim, que podia Jasão fazer, submetido ao poder
e à vontade de outrem? Devia ter levado o seu peito
ao encontro da espada. Diz outra coisa, sim, outra coisa,
dor insana. Se é que é possível, viva o meu Jasão
de forma a ser como foi; senão, mesmo assim viva,
e, com a lembrança da minha dádiva, desapareça para mim.
A culpa é toda de Creonte, que, incontrolável na sua autoridade,
dissolveu um casamento, afastou uma mãe dos filhos queridos
e desfez uma fidelidade selada com estreitos laços.
Vamos atingi-lo só a ele, pague o castigo
que merece. Encherei a sua morada de espessa cinza.
Um negro turbilhão a desprender-se das chamas há-de avistar-se
do promontório Málea, cuja costa recurva impõe aos navios longas demoras.

AMA

Cala-te, peço-te, e enterra os queixumes bem fundo
na tua dor. Todo aquele que suportou feridas profundas
em silêncio e com um espírito paciente e resignado
está apto a restituí-las: o que é malfazejo é a ira dissimulada;
o ódio que se declara não encontra ocasião para a vingança.

MEDEIA

155 Ligeira é a dor que consegue agir racionalmente
e esconder-se em si. Os grandes males não ficam na sombra.
Quero atacar!

AMA

Contém esse ímpeto desenfreado,
filha. Mesmo a quietude do silêncio dificilmente te protege.

MEDEIA

A fortuna tem medo dos fortes; aos cobardes, oprime-os.

AMA

A coragem só merece louvor, quando se lhe oferece ocasião.

MEDEIA

160 Nunca pode faltar ocasião para a coragem.

AMA

Não há esperança alguma então que aponte uma saída
para a tua aflição.

MEDEIA

Quem já perdeu a esperança não tem por que desesperar.

AMA

Está longe a Cólquida, a fidelidade do teu marido é nenhuma,
e nada te resta de tão grandes riquezas.

MEDEIA

165 Resta Medeia; nela vês mar e terra
e ferro e fogo e deuses e relâmpagos!

AMA

Deves recear o rei.

MEDEIA

Também o meu pai era rei.

AMA

Não tens receio do seu exército?

MEDEIA

Nem que nasça da terra.

AMA

Vais morrer.

MEDEIA

É isso que eu quero.

AMA

Foge!

MEDEIA
170 Já me arrependi de fugir.

AMA

MEDEIA

MEDEIA
Sê-la-ei.

AMA
Tu és mãe.

MEDEIA
Vê para que pai.

AMA
Hesitas em fugir?

MEDEIA
Fugirei, mas primeiro hei-de vingar-me.

AMA
Perseguir-te-á para se vingar.

MEDEIA
Talvez eu encontre meios de o travar.

AMA
Modera as palavras, é hora de poupar ameaças, insensata,
175 refreia essa animosidade. É bom que te adaptes às circunstâncias.

MEDEIA
A fortuna pode arrebatar a minha riqueza, nunca o meu ânimo.
Mas de quem é a pancada que faz ranger os gonzos da porta do palácio?
É o próprio Creonte, impante com o seu poder sobre os Pelasgos.

CREONTE
(entrando; para si próprio)
Medeia, criminosa descendente de Eetes da Cólquida,
180 ainda não tirou os pés do meu reino?
Algo prepara. Conhecida é a sua astúcia, conhecido é o seu poder.
Quem poupará ela ou quem deixará seguro?
Por mim, preparava-me para destruir prontamente pela espada
esta maléfica praga, mas o meu genro venceu-me com os seus rogos.
185 Foi-lhe concedida vida; liberte ela o meu país do medo
e parta em segurança.
(olhando para Medeia)
Está a avançar na minha direcção com altivez
e, ameaçadora, procura falar-me mais de perto.
(voltando-se para os escravos)
Escravos, mantenham-na longe do meu contacto e da minha proximidade,
Mandem-na calar. O poder real, aprenda

de uma vez a respeitá-lo.
(virando-se para Medeia)
Vai-te, em célere fuga,
e leva já para longe o monstro que tu és, atroz e medonho.

MEDEIA
Que crime ou que falta é punida com o exílio?

CREONTE
Esta inocente mulher pergunta-me a causa da sua
{expulsão!

MEDEIA
Se és juiz, procede ao julgamento; se és rei, ordena.

CREONTE
Justas ou injustas, tens de te submeter às ordens de um rei.

MEDEIA
Uma realeza injusta nunca dura muito tempo.

CREONTE
Vai queixar-te aos Colcos.

MEDEIA
Eu vou: quem me trouxe que me leve de volta.

CREONTE
O teu pedido chegou tarde, a decisão já está tomada.

MEDEIA
Quem decide o que quer que seja sem ouvir a outra parte,
mesmo que decida com justiça, não é justo.

CREONTE
Por acaso ouviste Pélias antes de ele suportar o suplício?
Mas fala, há que dar uma oportunidade a tão egrégia causa.

MEDEIA
Quão difícil é desviar da cólera um espírito
já por ela inflamado e quão próprio de todo o rei
que empunha um ceptro com mãos arrogantes
é continuar a caminhar pela via que encetou: foi o que aprendi no meu palácio.
Embora eu esteja esmagada por uma calamidade deplorável,
exilada, suplicante, sozinha, abandonada, atormentada
de todos os lados, outrora eu reluzi com a nobreza de meu pai,
e do meu avô, o Sol, herdei a gloriosa linhagem.
Todas as terras que o Fásis banha com vagarosos meandros,
todas as terras que o Mar Cítico vê atrás de si,
lá onde as águas dos mares se dulcificam com as águas dos pântanos,
toda a região que entra em pânico perante o exército armado de peltas,
mulheres sem maridos, barradas pelas margens do Termodonte,

é tudo isso que o meu pai governa com o seu poder.
Nobre, abastada, dotada de esplendor real,
eu reluzi: nessa altura pretendiam desposar-me pretendentes,
que agora são pretendidos. A fortuna, fogosa e inconstante,
arrancou-me do trono e, precipitadamente, mandou-me para o exílio.
Confia na realeza, ainda que o frívolo acaso desbarate
as grandes riquezas em todas as direcções! Os reis têm este privilégio
magnífico e extraordinário, que não lhes pode ser tirado:
socorrer os infelizes e proteger os suplicantes
num lar seguro. Apenas isto eu trouxe do reino da Cólquida:
aquela imensa glória da Grécia e a sua ilustre flor,
baluarte da nação argiva e descendência dos deuses,
fui eu que a salvei. É oferenda minha Orfeu,
que deleita as pedras com seu canto e arrasta atrás de si as florestas;
também são minha oferenda os divinos gémeos Castor e Pólux
e os filhos do Bóreas e aquele que para além do Ponto
vê o que está distante, com um relance do olhar, Linceu;
e mesmo até os Mínias. Já não falo do chefe dos chefes;
por ele não há qualquer dívida; não o incluo nas contas de ninguém:
trouxe os restantes para vós, este trouxe-o apenas para mim.
Ataca-me agora e acusa-me de tudo o que é ignomínia.
Confessarei. Por um só crime tenho de responder:
o regresso do navio Argo. Podia a donzela que eu era ter escolhido o recato
e ter escolhido o pai: toda a terra pelasga desabaria
com os seus chefes e, primeiro do que todos, este teu genro
seria morto pelas chamas da boca do bravio touro. Pode a fortuna esmagar a minha causa como quiser,
não me arrependo de ter assegurado a glória de tão numerosos reis!
A recompensa que obtive de todos os meus crimes
está nas tuas mãos. Se assim o decidires, condena a ré,
mas devolve-lhe o objecto do crime. Sou culpada, confesso, Creonte.
Mas tu já sabias que eu o era, quando toquei os teus joelhos
e, suplicante, procurei a garantia de protecção da tua dextra.
Peço-te, agora, um canto, uma morada para a minha desdita,
um humilde refúgio. Se decidires expulsar-me da cidade,
seja-me atribuído um lugar remoto, algures no teu reino.

CREONTE

Não sou homem para empunhar o ceptro de forma
{despótica
nem para calcar com altivez o infortúnio alheio:
parece-me que o provei com bastante clareza,
ao escolher para genro um exilado, abatido e assustado
com o fardo do medo, pois Acasto, senhor do reino
da Tessália, reclama-o para o castigar e matar.

Queixa-se de que o seu pai, já abalado pela débil velhice,
carregado com o peso dos anos, foi assassinado e o
{cadáver do ancião
foi desmembrado, quando, levadas pelos teus ardis,
as irmãs, na sua piedade, cometeram um crime desapiedado.
Jasão pode defender a sua causa, se separares
a tua da dele. Não há sangue derramado a contaminar
a sua inocência, a sua mão não tocou na espada
e manteve-se longe, afastado da tua companhia.
Tu, tu, maquinadora de acções criminosas,
que tens a maldade feminina capaz de tudo ousar
e uma força varonil, sem nenhuma consideração pela tua reputação,
parte, limpa o meu reino, leva contigo, ao mesmo tempo,
as tuas ervas letais, liberta os cidadãos do medo,
desafia os deuses, instalada noutra terra.

MEDEIA

Obrigas-me a fugir? Devolve à fugitiva o seu navio
e devolve-lhe o companheiro. Porque me mandas fugir sozinha?
Eu não cheguei sozinha. Se receias suportar uma guerra,
expulsa-nos a ambos do reino. Porque diferencias
dois culpados? É no interesse dele, não no meu, que Pélias jaz morto.
Acrescenta a isto a fuga, a pilhagem, o meu pai abandonado,
o meu irmão mutilado, em suma, tudo o que este marido ainda agora
ensina às novas esposas. A responsabilidade não é minha:
quantas vezes me comportei como criminosa, mas nunca no meu interesse!

CREONTE

Já devias ter partido. Porque é que adias com a tua conversa?

MEDEIA

Antes de me ir embora, faço-te, suplicante, um derradeiro apelo:
que a culpa da mãe não arraste os inocentes filhos.

CREONTE

Vai. Abraçá-los-ei contra o meu peito de progenitor, como um pai.

MEDEIA

Pelo auspicioso leito do tálamo real,
pelas tuas esperanças do futuro e pela estabilidade dos reinos,
que a volúvel Fortuna altera com as suas mudanças caprichosas,
eu suplico, concede à fugitiva um ligeiro atraso,
para beijar os meus filhos, pela derradeira vez, eu, uma mãe
talvez prestes a morrer.

CREONTE

(desconfiado)

Estás a pedir tempo para algum embuste.

MEDEIA
Que embuste se pode temer em tão pouco tempo?

CREONTE
Para quem é pérfido nenhum tempo é curto para prejudicar.

MEDEIA
Estás a recusar a uma infeliz mãe uns momentos para chorar?

CREONTE
Embora o receio cravado em mim me faça resistir às tuas súplicas,
ser-te-á concedido um dia apenas, para preparares o exílio.

MEDEIA
É demasiado, podes cortar uma parte desse tempo:
também eu tenho pressa em partir.

CREONTE
Receberás a pena capital,
se, antes de Febo fazer o dia clarear, não te afastares do Istmo.
Rituais de casamento me reclamam,
reclama preces a Himeneu este dia festivo.
(Saem Creonte, Medeia, a Ama)

CORO
Demasiado audacioso aquele que, pela primeira vez,
rasgou os traiçoeiros mares em tão frágil embarcação;
viu a sua terra atrás de si
e entregou a vida aos ventos inconstantes;
cortando as águas com uma rota incerta,
ousou confiar numa tábua precária,
desenhando-se uma tão ténue
fronteira entre a vida e a morte.
Ninguém conhecia ainda os astros
nem se usavam as estrelas
com que o céu se embeleza; as embarcações ainda não
tinham forma de evitar as Híades pluviosas,
nem o brilho da Cabra de Óleno,
nem o carro ático que o lento
Bootes segue e dirige;
ainda nem o Bóreas ainda nem o Zéfiro
tinham nome.
Tífis teve a audácia de desfraldar as velas
no vasto mar
e ditar novas leis aos ventos,
ora estendendo o pano em toda a sua extensão,
ora apanhando o Noto obliquamente,
afrouxada a escota, ora fixando
com segurança a verga a meio mastro,

ora prendendo-a de novo ao topo,
quando o marinheiro, na sua ânsia enorme,
quer o vento todo ou quando, na extremidade da gávea,
esvoaça a bandeirola rubra.
Os nossos pais viveram em tempos
magníficos dos quais o embuste estava bem arredado.
Cada um ficava tranquilamente nos seus litorais
e chegava à velhice nos campos ancestrais,
rico com pouco; não conhecia senão
as riquezas que o solo pátrio produzia.
As leis de um mundo bem delimitado,
o navio de pinho da Tessália reduziu-as a uma só
e obrigou as águas a submeterem-se aos golpes dos remos
e tornou o mar mais remoto
parte do nosso medo.
Aquele ruim navio expiou pesados castigos,
conduzido através de perigos tão vastos,
quando duas montanhas, portões das profundezas marítimas,
uma de um lado, outra de outro, ao chocarem de súbito,
fizeram ecoar um som como que vindo do céu,
e as águas, apanhadas a meio, salpicaram cumes e nuvens.
Empalideceu o corajoso Tífis e deixou escapar
de sua mão vacilante todas as rédeas,
Orfeu ficou em silêncio, com a lira entorpecida,
e o próprio navio Argo perdeu a voz.
Que dizer da virgem de Peloro, na Sicília,
quando, com o seu ventre cingido de raivosos cães,
abriu ao mesmo tempo todas as suas goelas?
Quem não sentiu todos os seus membros arrepiarem-se,
ao ver um único monstro a soltar tantos latidos?
Que dizer das amaldiçoadas criaturas, quando
acalmaram o mar da Ausónia com a sua voz melodiosa,
quando, fazendo ressoar a lira da Piéria,
Orfeu da Trácia
quase forçou Sirene a segui-lo,
habituada que estava a fazer parar os navios com o seu canto?
Qual foi a recompensa desta viagem? O velo de ouro
e um mal maior do que o mar - Medeia,
pagamento digno do primeiro navio.
Agora o mar já cedeu e submete-se
a todas as nossas leis:
não se procura uma embarcação construída pela mão de Palas,
movida a remos por uma equipagem de reis, uma Argo famosa;
qualquer pequeno barco erra hoje sobre o pélago.
Todos os marcos fronteiriços foram deslocados, e as cidades

370 construíram muralhas em novos territórios.
O mundo abriu-se e não deixou nada
onde antes estivera:
o Indo bebe do gelado Araxes,
os Persas bebem do Elba e do Reno.
375 Em anos futuros virão gerações,
para as quais o Oceano afrouxará as rédeas
da natureza, e a terra mostrar-se-á incomensurável,
Tétis desvendará novos mundos,
e Tule não será a mais remota das regiões.

AMA

(entrando; ao ver Medeia sair de casa apressada)

380 Filha, para onde caminhas com tal rapidez, afastando-te de casa?
Espera, refreia a ira, contém o ímpeto.

(Aparte)

Como uma Ménade se move, absorta, com um andar
inspirado, quando, possuída pelo deus, delira
no cume do alvo Pindo ou nas alturas do Nisa,
385 assim Medeia corre para aqui e para ali, numa desenfreada agitação,
com sinais de delirante furor no rosto.
As faces estão inflamadas, respira ofegante,
grita, banha os olhos com um pranto copioso,
está radiante, dá provas de toda a espécie de sentimentos;
390 hesita: ameaça, abrasa-se de raiva, queixa-se, geme.
Para onde se inclinará o peso da sua animosidade? Onde deporá as suas ameaças?
Onde se quebrará essa vaga? A sua loucura transborda.
Congemina consigo própria um crime que não há-de ser simples nem comum;
Vencer-se-á a si mesma. Reconheço os sinais de uma ira antiga.
395 Prepara-se algo de importante, selvagem, medonho, ímpio.
Vejo o rosto da Loucura. Possam os deuses afastar o meu receio!

MEDEIA

Se procuras saber que limite hás-de impor ao teu ódio, ó desditosa,
copia o teu amor. Suportar, eu, os fachos do himeneu real
sem vingança? Deixar passar de braços cruzados este dia
400 tão ansiosamente implorado, tão ansiosamente concedido?
Enquanto a terra estiver no centro e equilibrar o céu,
e o cintilante universo mantiver os seus ciclos constantes,
enquanto os grãos de areia não tiverem conta, e o sol aparecer com o dia,
e os astros, com a noite, enquanto as Ursas girarem secas
405 no pólo, enquanto os rios desaguarem no mar,
o meu furor vingativo jamais cessará
e crescerá sempre. Que monstruosidade ferina,
que Cila, que Caríbdis, sugando as águas
do mar da Ausónia e da Sicília, ou que Etna, encerrando

um Titã ofegante, borbulharia com tamanhas ameaças?
Nem a corrente impetuosa nem o tempestuoso mar
nem o Ponto enraivecido pelo Cauro nem a violência das chamas
atiçadas pela ventania conseguiriam imitar o ímpeto
da minha ira: vou derrubar e destruir tudo.
Teve Jasão medo de Creonte e das armas do rei da Tessália?
Um amor verdadeiro não há-de temer ninguém.
Mas, mesmo que, coagido, ele se tivesse entregado e rendido,
pelo menos podia ter vindo aqui falar à sua mulher
numa última conversa. Também isto ele receou, esse valente!
Pelo menos podia, como genro, adiar a hora
do cruel exílio. Foi-me concedido apenas um dia
para dois filhos. Não me queixo de ser escasso o tempo,
há-de revelar-se tempo a mais. Este dia fará, fará
o que ninguém, no futuro, calará. Atacarei os deuses
e tudo haverei de abalar.

AMA

Serena o teu espírito perturbado
pelo sofrimento, senhora; acalma a tua animosidade.

MEDEIA

Só terei descanso
quando vir o universo desabar em ruínas juntamente comigo:
que tudo desapareça comigo. É agradável arrastar outrem, quando se perece.

AMA

Examina os inúmeros perigos que tens a recear, se persistes.
Ninguém ataca impunemente os poderosos.

JASÃO

(entrando; Aparte)

Ó cruel destino, sempre, ó sorte amarga,
igualmente maligna, quando se enfurece e quando nos poupa!
Quantas vezes a divindade encontrava para mim remédios
piores do que os riscos: se quisesse ser fiel
à minha mulher, tal como ela merece, teria de oferecer
a minha cabeça à execução. Para não morrer, tinha de esquecer
a fidelidade, oh desditoso! Não foi o medo que venceu a minha fidelidade,
mas o amor de pai alarmado: a seguir à morte dos pais, viria
certamente a da minha descendência. Ó Justiça sagrada, se habitas
o céu, invoco e chamo como testemunha o teu poder divino:
os filhos queridos venceram o pai. Até a própria mãe,
embora de coração selvagem e avessa ao jugo,
penso que haveria de preferir olhar pelos filhos em vez do casamento.
A minha alma está decidida a abordar, com súplicas, esta mulher irada.

(Aproximando-se de Medeia)

E eis que, ao ver-me, deu um salto, está em fúria,
ostenta ódio: revela-se-lhe no rosto o seu ressentimento todo.

MEDEIA

Estou em fuga, Jasão, estou em fuga. Não é novidade
mudar de morada; nova é a causa da fuga:
era por ti que me punha em fuga. Vou-me embora, parto.
A mim obrigas-me a afastar-me dos teus Penates.
Para onde me mandas de volta? Regressar ao Fásis e aos Colcos,
ao reino de meu pai e aos campos que o sangue
de meu irmão ensopou? A que terras me mandas regressar?
Que mares me destinas? A entrada do estreito do Ponto,
por onde trouxe de volta uma nobre multidão de reis,
seguindo um adúltero através das Simplégades?
Hei-de regressar à Iolco do teu tio ou à tessálica Tempe?
Todos os caminhos que abri para ti, fechei-os para mim.
Para onde me mandas tu de volta? Impões a uma exilada o exílio,
mas não lhe dizes onde. Há que partir. Foi o genro do rei que o deliberou:
nada a opor! Aplica-me também castigos terríveis:
mereci-os! Possa a ira do rei mortificar a amante
com cruentas penas, carregar as suas mãos com correntes
e enterrá-la, aprisionando-a nas masmorras da eterna escuridão.
Sofrerei menos do que mereço! Criatura ingrata,
que o teu espírito se recorde do bafo ígneo dos touros
e, entre o medo terrível de uma raça invencível,
das bestas flamejantes de Eetes no campo que fazia nascer homens armados
e dos dardos do súbito inimigo, quando, por minha ordem,
os soldados nascidos da terra tombaram numa carnificina recíproca;
acrescenta-lhe os ambicionados despojos do carneiro de Frixo
e o monstro insone, a quem foi ordenado que entregasse os olhos
a um sono que desconhecia; o meu irmão traiçoeiramente assassinado
e, nesse único crime, um crime cometido mais do que uma vez;
e as filhas, enganadas pelo meu embuste, induzidas
a cortar os membros de um velho, que não havia de
{regressar à vida. Ao procurar um reino alheio, abandonei o meu próprio.
Pela esperança que tens nos teus filhos, pelo lar que asseguraste,
pelos monstros que eu derrotei, pelas mãos que, por ti,
nunca poupei, pelos perigos passados,
pelo céu e pelas ondas, testemunhas do meu casamento,
compadece-te! Dá à suplicante a recompensa, afortunado que és.
Daquelas riquezas que os Citas pilham em terras distantes,
trazendo-as desde os povos da Índia crestados pelo sol
(como o nosso palácio está cheio e mal tem espaço para estes tesouros,
ornamos os bosques com ouro), dessas riquezas nada trouxe para o exílio,
a não ser os membros do meu irmão: e também estes eu sacrifiquei por ti.

Por ti a minha pátria recuou, por ti o meu pai, o irmão, a honra.
Foi este o dote com que me casei. Restitui a esta fugitiva o que lhe pertence.

JASÃO

490 Creonte, embora te quisesse mandar matar, na sua hostilidade,
vencido pelas minha lágrimas, acabou por decretar o teu exílio.

MEDEIA

Pensava eu que era um castigo: afinal o exílio é uma recompensa, estou a ver.

JASÃO

Enquanto te é permitido partir, foge, escapa-te daqui.
A ira dos reis é sempre pesada.

MEDEIA

Estás a dar-me esse conselho,
495 mas é Creúsa que proteges: desembaraças-te de uma amante odiosa.

JASÃO

Medeia censura os meus amores?

MEDEIA

E a carnificina e os ardis.

JASÃO

Mas de que crime podes realmente censurar-me?

MEDEIA

De todos os que cometi.

JASÃO

Só faltava mais esta:
eu ser culpado dos teus delitos.

MEDEIA

500 Eles são teus, sim, eles são teus: quem tira partido de um delito
pratica-o. Mesmo que todos acusem a tua mulher de infâmia,
sozinho tens de a defender, sozinho tens de a declarar inocente.
Tu deves considerar como inocente todo aquele que por ti se tornou nocivo.

JASÃO

Não é grata a vida daquele que se envergonha de a ter aceitado.

MEDEIA

505 Não a deve conservar quem se envergonha de a ter aceitado.

JASÃO

Pára, refreia o teu coração exacerbado de ira.
Acalma-te, pelos teus filhos.

MEDEIA

Eu rejeito-os, bano-os, escorraço-os.
Será que Creúsa vai dar irmãos aos meus filhos?

JASÃO
Sim: apesar de rainha, a filhos de exilados; a desafortunados, apesar de poderosa.

MEDEIA
Não chegue nunca para os desditosos tão ruim dia
que mistura uma linhagem vil com uma linhagem ínclita,
descendentes de Febo com descendentes de Sísifo.

JASÃO
O quê? Mulher desditosa, arrastas-nos a ambos para a ruína?
Vai-te embora, suplico-te.

MEDEIA
Creonte ouviu a minha súplica.

JASÃO
O que posso eu fazer? Diz.

MEDEIA
Por mim, até mesmo um delito!

JASÃO
Aqui há um rei e outro ali!

MEDEIA
Também há algo mais assustador do que eles:
Medeia. Nós †é unirmo-nos. Vamos à luta,
seja Jasão o prémio!

JASÃO
Desisto, cansado de sofrimento.
E os acasos da fortuna, que já muitas vezes experimentaste, teme-os, tu própria.

MEDEIA
A fortuna, todas as vezes que se manifestou, foi sempre inferior a mim.

JASÃO
Acasto aproxima-se.

MEDEIA
Creonte é o inimigo que está mais perto.
Foge de ambos. Medeia não te obriga a pegares
em armas contra o teu sogro, nem a que te macules
com a chacina da família: enquanto és inocente, foge comigo.

JASÃO
E quem conseguirá resistir, se sobrevierem duas guerras,
se Creonte e Acasto unirem forças?

MEDEIA
Acrescenta a esses os Colcos, acrescenta-lhes também Eetes a chefiá-los,
junta-lhes os Citas com os Pelasgos. Fá-los-ei afundar.

JASÃO
Apavoram-me os altivos ceptros.

MEDEIA
Zela por não os ambicionares.

JASÃO
Acaba com esta longa conversa, não vá ela levantar suspeitas.

MEDEIA
Soberano Júpiter, enche agora o céu inteiro com trovões,
estende a tua dextra, prepara os clarões da vingança,
rasga as nuvens e abala todo o universo.
Não balances os projécteis numa mão que escolhe
entre mim e esse aí; aquele que dentre nós cair
perecerá como culpado; contra nós o teu raio
não tem como errar.

JASÃO
Começa a pensar com sensatez
e a falar com calma. Se na casa do meu sogro algo
pode servir de alívio ao teu exílio, pede-o.

MEDEIA
O meu espírito consegue e está habituado a desprezar a riqueza dos reis,
como sabes. Só quero poder ter a companhia
dos meus filhos no exílio, para no seu regaço
derramar lágrimas; a ti esperam-te novos filhos.

JASÃO
Confesso que desejaria satisfazer o teu pedido;
mas o amor paternal impede-mo: isso é coisa que não poderia suportar,
nem mesmo que ele, rei e sogro, me obrigasse.
Esta é a minha razão de viver, este é o consolo de um coração
consumido de aflições. Mais rapidamente poderia ficar
sem ar, sem membros, sem luz.
Medeia aparte
Ama assim tanto os filhos?!
Está bem, já o apanhei, descobri-lhe o ponto fraco.
(dirigindo-se a Jasão)
Como vou partir, deixa-me pelo menos fazer-lhes
as últimas recomendações, deixa-me abraçá-los pela última vez.
Também por isso ficarei grata. Em palavras derradeiras peço-te ainda;
se, na minha indefinível angústia, disse algo excessivo,
não guardes essas palavras no espírito; fique contigo
a memória do melhor de mim; os momentos de cedência à ira,
esquece-os.

JASÃO

Já expulsei tudo isso do meu espírito;
também eu próprio tenho um pedido a fazer-te, que
controles a tua fogosa alma
e a trates de acalmar. A serenidade modera o infortúnio.
(Jasão sai)

MEDEIA

Foi-se embora! Como é isto possível? Vais sem te lembrares de mim
e dos meus tão numerosos actos iníquos? Desapareci da tua mente?
(Para ela própria)
Não, nunca hei-de desaparecer! Vamos, reúne toda
a força e perícia. O que ganhaste com os teus delitos foi
nada considerares como delito. Quase não há lugar para o embuste:
têm medo de mim. Ataca onde não há a possibilidade de alguém
ter medo seja do que for. Vá, sê audaz agora, desencadeia
o que quer que Medeia consegue, o que quer que ela não consegue!
(Para a Ama)
Tu, fiel ama, companheira da minha amargura
e das vicissitudes da minha sorte, ajuda esta desditosa nos seus planos.
Eu tenho um manto, uma dádiva celeste que faz a glória
da minha casa e do meu reino, oferecido a Eetes pelo Sol,
como garante da sua origem; tenho também um refulgente colar
de malha de ouro e uma peça em que cintilantes jóias
realçam o ouro que costuma servir para cingir os cabelos.
Que os meus filhos os levem como oferendas nossas à noiva!
Mas, primeiro, há que untá-los e impregná-los com as minhas terríveis artes.
Invoquemos Hécate. Prepara um sacrifício letal:
ergam-se altares, crepitem desde logo as chamas no palácio.
(Medeia e a Ama saem)

CORO

Nem a violência da chama nem a do vento intumescido
nem a do dardo lançado ameaçadoramente é tão grande
como quando uma esposa desapossada dos fachos nupciais
se inflama e manifesta ódio;
nem quando o nebuloso Austro traz
chuvas invernais, e o Histro se precipita
torrencialmente, impedindo as pontes de se manterem firmes,
e transborda ao acaso;
nem quando o Ródano empurra o mar profundo
ou quando as neves se liquefazem em correntes
e com um sol já forte e em plena Primavera
se funde o Hemo.
É cego o fogo atiçado pela ira:
não procura controlar-se, não suporta freios

e não receia a morte; anseia por enfrentar
as próprias espadas.
Poupai-nos, ó deuses, suplicamo-vos a graça
de que possa viver em segurança aquele que subjugou os mares.
Mas o senhor do mar profundo enfurece-se
por o segundo reino ser conquistado.
O jovem que ousou dirigir o carro eterno,
esquecido da trajectória de seu pai,
foi ele próprio vítima dos fogos que, em desvairo,
espalhou pelos céus.
Caminho já trilhado não se paga caro:
vai pelo caminho seguro das gerações precedentes,
não quebres, homem violento, as sacrossantas
leis do universo.
Todo aquele que tocou nos nobres remos
do audacioso navio e despojou o Pélion
da frondosa sombra do sagrado bosque,
todo aquele que passou os rochedos movediços
e percorreu as tão numerosas rotas do mar
e lançou amarras num ancoradouro bárbaro,
pretendendo regressar depois de roubar o ouro estrangeiro,
expiou, com uma morte terrível, a profanação
das leis do oceano.
O mar, quando é desafiado, reclama vingança:
entre os primeiros está Tífis, vencedor do mar profundo,
que deixou o leme a um piloto ignaro;
é num litoral estrangeiro, depois de morrer
longe do reino paterno, coberto com um montículo
de terra humilde, que ele jaz entre sombras ignotas.
Desde então Áulis recorda-se do rei que perdeu
e retém nos seus morosos portos as embarcações
queixosas de permanecerem paradas.
O ínclito homem, filho da melodiosa Camena -
ao som de cujas cordas, tangidas com o plectro,
as torrentes paravam, os ventos se silenciavam,
ao encontro do qual esvoaçou um pássaro que abandonou
o seu canto, com toda a floresta a acompanhá-lo -
esse homem jaz retalhado nos campos da Trácia,
com a cabeça a boiar no sombrio Hebro:
chegou ao Estige que já conhecia e ao Tártaro,
donde não regressará.
Alcides derrubou os filhos de Aquilão,
assassinou aquele que descendia do pai Neptuno,
acostumado a tomar inúmeras formas;
ele mesmo, depois de pacificar a terra e o mar,

depois de abrir os reinos do fero Dite,
sepultando-se, ainda vivo, no Eta a arder,
640 ofereceu os seus membros às vorazes chamas,
consumido pelo veneno de dois sangues,
dádiva da esposa.
O violento javali derrubou Anceu
com um golpe. Sacrificas impiamente, Meleagro,
645 os irmãos da tua mãe e morres às mãos
da tua mãe enraivecida. Todos o mereceram.
Mas que crime expiou, com a sua morte, o rapaz
de tenra idade que o poderoso Hércules nunca encontrou,
arrebatado, ó que infortúnio, por águas seguras?
650 Ide agora, homens valentes, lavrai o mar,
quando há que temer uma fonte.
Ídmon, embora conhecesse bem o seu destino,
matou-o uma serpente, nas areias da Líbia.
Profeta verdadeiro para todos, falso apenas para si próprio,
655 Mopso morreu e não teve sepultura na sua Tebas.
Ainda que cantasse, com verdade, os acontecimentos vindouros,
657 haveria de andar errante no exílio o marido de Tétis.
661 Vítima de um raio e do mar, o filho de Oileu
* * * e sofreria o castigo 660a
pelo crime do pai; 660b
658 pretendendo destruir Argos com um fogo falaz,
659 Náuplio cairá de cabeça no mar profundo;
662 resgatando o cônjuge, rei de Feras, do seu destino,
tu, a sua esposa, darás a vida pelo teu marido.
Mesmo o homem que ordenou o saque e que o despojo
665 do velo de ouro fosse transportado no primeiro navio, Pélias, carbonizado no caldeirão de bronze,
ardeu, debatendo-se entre as águas do recipiente.
Deuses, já vingastes suficientemente o mar:
poupai quem cumpriu ordens.

AMA

(entrando)

A minha alma alvoraça-se e horroriza-se: uma grande catástrofe
670 se aproxima.
É assustador ver como cresce a angústia desta mulher e como se inflama
a si própria e recupera a energia de outrora.
Vi-a muitas vezes a enfurecer-se e a atacar os deuses,
fazendo baixar o céu: um horror maior do que estes, um horror maior
675 está a ser preparado por Medeia. Quando se afastou com um andar
desvairado e chegou ao seu funesto refúgio,
serviu-se de todos os seus recursos, exibindo aquilo que

até ela própria por muito tempo temera e desenrolando todo
o acervo de malefícios - mistérios, segredos, coisas ocultas.
E, preparando um ritual sinistro com a mão esquerda,
invoca as pragas, todas as que a areia
da ardente Líbia origina e que o Tauro, enregelado
com o frio do Árctico, encerra numa neve eterna,
e todos os monstros. Atraída pelos cantos de magia,
uma multidão de répteis deixa o covil e aproxima-se.
Uma aterradora serpente arrasta para aqui o corpo imenso,
mostra a língua trifurcada e procura perceber para quem
se vai tornar mortífera: ao ouvir os cantos, fica paralisada,
enrosca o corpo entumescido com um amontoado de nós
e enrola-os em espirais. "Ínfimos são os males", diz ela,
"e vis as armas que as profundezas da terra produzem:
procurarei venenos vindos do céu. Agora, agora é tempo
de preparar algo mais sublime do que um sortilégio habitual!
Que desça aqui a famosa serpente que se estende
como uma enorme torrente cujos imensos anéis,
sentem as duas Ursas, a Maior e a Menor,
(a Maior é útil aos Pelasgos; aos Sidónios, a Menor);
que o Ofiúco alivie, por fim, a pressão das suas mãos
e deixe o veneno espalhar-se; que, aos meus cantos,
venha Píton que ousou atacar os gémeos divinos;
e que regresse a Hidra e todas as serpentes que eram cortadas
pela mão de Hércules e renasciam da sua própria destruição.
E tu, deixa a Cólquida e aproxima-te de mim, serpente sempre vigilante,
adormecida pela primeira vez graças aos meus encantamentos."
Depois de invocar todo o género de serpentes,
reúne os malefícios das ervas malfazejas num só montão:
todos os que o inacessível Érice gera nos seus penhascos,
todos os que o Cáucaso, aspergido com o sangue de Prometeu,
produz, nos seus cimos envoltos em brancura permanente;
todas as plantas com que untam as setas os opulentos Árabes,
os Medos, com seus arcos belicosos, ou os ágeis Partos;
ou todas as seivas que, sob um clima gélido, as nobres mulheres
suevas recolhem nas florestas da Hircânia;
tudo o que a terra produz no primavera cheia de ninhos,
ou quando o frio rigoroso sacode o atavio
dos bosques e envolve tudo num gelo glacial;
todas as ervas que florescem com flores letais,
toda a seiva medonha que, nas suas raízes retorcidas,
gera meios para matar, tudo isso ela manuseia.
Algumas destas pestíferas plantas vêm da montanha do Atos da Hemónia,
outras do imenso Pindo; nos cimos do Pangeu, aquela
entregou a folhagem macia à foice ensanguentada;

a estas alimentou-as o Tigre, ao estreitar o seu leito profundo;
àquelas, o Danúbio; a estas, o Hidaspes de águas quentes,
que corre por regiões ressequidas, levando gemas;
àquelas, o Bétis, que deu nome ao seu território,
desaguando nos mares da Hespéria, com as suas águas indolentes.
Uma submeteu-se ao ferro, enquanto Febo preparava o dia;
daquela outra foi a haste cortada a altas horas da noite;
mas o caule desta foi unha gadanha que o cortou.
Ela colhe as ervas mortíferas, espreme
o veneno das serpentes e mistura, com aves agoirentas,
o coração de um bufo aziago e as vísceras de uma rouca estrige,
extirpadas enquanto estava viva. A artífice de delitos
separa-os por ordem: umas têm a força voraz do fogo,
outras contêm o glacial gelo de um frio entorpecedor.
Junta aos venenos palavras não menos temíveis
do que aqueles. Ouçam, é o seu andar tresloucado que ressoa
e as suas canções! O universo estremece às suas primeiras palavras.

MEDEIA

(entrando)

Suplico à multidão de almas silentes e a vós, deuses infernais,
ao tenebroso Caos e à negra morada do sombrio Dite,
às cavernas da esquálida Morte, confinadas às margens do Tártaro.
Almas, dispensados os suplícios, corram, céleres, para o novo casamento:
detenha-se a roda que retorce os membros de Ixíon, toque ele o chão;
sacie-se Tântalo, sem sobressaltos, nas águas de Pirene; mantenha-se o castigo
- mais severo ainda - apenas para o sogro de meu marido,
que a rocha, deslizando para trás entre os penedos, derrube Sísifo.
Vós também, de quem zomba o esforço gasto em vão com as vasilhas crivadas de furos,
filhas de Dánao, vinde em grupo: este dia precisa das vossas mãos.
Convidada para os meus rituais, vem agora, astro nocturno,
trazendo um aspecto horrível, ameaçando com cada uma das tuas faces.
Para ti, soltando o laço dos cabelos, conforme o costume do meu povo,
percorri os bosques recônditos de pés descalços
e fiz jorrar água de nuvens secas,
e empurrei o mar para os seus abismos: o Oceano produziu
forte ondulação nas suas profundezas, vencidas as marés.
Subverteram-se as leis do firmamento; e o mundo viu,
ao mesmo tempo, o sol e os astros; e vós, Ursas, tocastes
no mar proibido. Alterei a ordem das estações:
no Verão a terra arrepiou-se com o meu canto
e Ceres foi obrigada a assistir a uma colheita no Inverno.
O Fásis fez refluir o seu impetuoso caudal até à nascente,
e o Histro, que se ramifica em tão numerosas embocaduras, conteve

as águas ameaçadoras, deslizando serenamente em todos os seus canais.
As vagas ressoaram, o mar enfurecido intumesceu,
ainda que não se ouvisse o vento. A morada do antigo bosque
perdeu a sua sombra por ordem da minha voz.
Ao abandonar o dia, Febo parou em pleno curso,
e as Híades vacilam, perturbadas pelos meus cantos.
É altura, Febo, de celebrar os teus rituais.
São para ti estas grinaldas que mãos ensanguentadas entretecem
(nove serpentes as enlaçam),
para ti estes membros que pertenciam ao rebelde Tifeu,
o qual abalou o reino de Júpiter.
Aqui está o sangue do pérfido barqueiro,
que Nesso me ofereceu ao expirar.
A pira do Eta, que bebeu o veneno de Hércules,
ficou reduzida a esta cinza.
Eis o facho da piedosa irmã e da desnaturada mãe,
a vingadora Alteia.
A Harpia deixou para trás estas penas numa gruta
sem acesso, enquanto fugia de Zetes.
Acrescenta-lhes as penas de uma ave ferida do Estinfalo,
vítima das setas de Lerna.
Altares, ressoastes; reconheço o estremecer das minhas
trípodes, quando a deusa se mostra favorável.
Estou a ver o carro veloz de Trívia,
não aquele que ela impele pela noite fora,
luminosa em toda a sua face,
mas o que ela impele, lívida, com expressão consternada,
quando, atormentada pelas ameaças tessálicas,
atravessa o céu com rédeas mais curtas.
Assim, com um facho pálido, espalha pelos ares
uma luz sombria, aterroriza os povos
com uma nova ameaça e em teu auxílio, Dictina,
vibrem os preciosos bronzes de Corinto.
Para ti, num altar de erva ensanguentada, fazemos
um sacrifício ritual;
para ti, arrebatado do meio de uma pira fúnebre,
o archote desencadeia fogos nocturnos;
para ti, movendo a cabeça e flectindo o pescoço, eu proferi fórmulas;
para ti, colocada segundo o costume fúnebre,
uma faixa cinge os meus cabelos soltos;
para ti brando este ramo sinistro,
vindo das águas do Estige;
para ti, com o peito nu, como uma Ménade,
golpearei os braços com uma faca sagrada.
Jorre o meu sangue sobre o altar.

Acostuma-te, mão, a desembainhar a espada
e a conseguir suportar as golfadas do teu próprio sangue:
lacerando-me, ofereci o sagrado líquido.
Mas, se te queixares de seres invocada demasiadas vezes
pelas minhas preces, perdoa-me, eu te imploro.
Filha de Perses, a razão por que invoco
tão amiúde o teu arco
é só uma e sempre a mesma: Jasão.
Tu, tinge agora as vestes de Creúsa,
e, assim que ela as vestir, a chama
serpenteando queime-lhe os ossos até à medula.
Fechado num ouro fulvo, dissimulado,
esconde-se o fogo que me deu
aquele que, com o fígado sempre refeito,
expiou o que aos céus roubou e me ensinou a ocultar com arte
o poder do fogo, Prometeu. Mulcíbero também me deu
o fogo coberto com um ténue manto de enxofre
e foram relâmpagos de chama inextinguível
que recebi do meu parente Faetonte.
Tenho dádivas tiradas do meio do corpo da Quimera,
tenho chamas arrancadas às goelas
igníferas do touro,
que misturei com o fel de Medusa,
ordenando que mantivessem escondido o seu malefício.
Reforça os meus venenos, Hécate,
e preserva as sementes das chamas ocultas nas minhas dádivas:
passem despercebidas à vista e ao tacto sejam insensíveis,
penetre o calor no peito e nas veias,
liquefaçam-se os membros e fumeguem os ossos,
e com a cabeleireira a arder sobressaia
sobre os fachos nupciais a nova noiva.
As minhas preces foram ouvidas: três vezes ladrou
a feroz Hécate e cuspiu fogos
sagrados o seu facho sinistro.
A poderosa mistura está acabada. Chama para aqui as crianças,
para, por seu intermédio, eu entregar à nubente as preciosas oferendas.

(Entram os filhos de Medeia)

Ide, ide, queridos filhos, de uma mãe infausta a criação,
aplacai com esta dádiva e muitas preces
a vossa senhora e madrasta. Abalai e regressai, céleres,
a casa, para eu desfrutar de um derradeiro abraço.

(Medeia, a Ama e as crianças saem)

CORO

Para onde a Ménade manchada de sangue
se precipita, arrebatada por um amor
cruel? Que feito
planeia na sua desenfreada loucura?
O rosto, exacerbado de ira,
contrai-se e, arrogante,
agitando a cabeça em movimentos selváticos,
até o rei ameaça.
Quem acreditará que é uma exilada?
As suas faces enrubescidas estão afogueadas
e a palidez afugenta o rubor.
Alterando-se constantemente a sua aparência,
não há cor que se mantenha por muito tempo.
Anda para aqui e para ali,
como um tigre-fêmea que, ao ficar sem as crias,
percorre em furiosas corridas
o bosque do Ganges.
Medeia não sabe refrear
nem a ira nem o amor.
Agora a ira e o amor uniram-se
pela mesma causa. Que irá resultar?
Quando é que a infame mulher da Cólquida
levará para longe dos campos pelasgos
os seus passos e libertará do medo
o reino e também a família real?
Agora, Febo, conduz o teu carro,
sem que as rédeas o retardem;
possa a noite benfazeja esconder a sua luz,
que Véspero, o guia da noite, oculte
este dia temível.

(Entra o mensageiro)

MENSAGEIRO

Está tudo perdido! A estabilidade do reino desmoronou-se.
Filha e pai jazem mortos numa mistura de cinzas.

CORO

Por que embuste foram apanhados?

MENSAGEIRO

Por aquele que costuma vencer os reis:
as dádivas.

CORO

E que traição nelas podia existir?

MENSAGEIRO

Até eu próprio estou estupefacto e, mesmo depois de tal horror ter acontecido,
custa-me a acreditar que tenha sido possível.

CORO

Que tipo de catástrofe foi esse?

MENSAGEIRO

Um fogo voraz espalha a sua fúria por todos os recantos do palácio,
como se fosse comandado. O edifício já desabou por completo;
receia-se pela cidade.

CORO

Apaguem-se as chamas com a água.

MENSAGEIRO

Nesta catástrofe há também algo digno de espanto:
a água atiça o fogo, e, quanto mais se tenta controlá-lo,
mais se inflama: ele domina até mesmo a nossa defesa.

(Entram a Ama e Medeia)

AMA

Afasta-te, célere, da morada de Pélops,
Medeia, e apressa-te para as terras que escolheres, sejam elas quais forem.

MEDEIA

Partir, eu?! Se já tivesse ido para o exílio,
regressaria para isto. Estou a assistir a um novo tipo de bodas.
Que se passa, minha alma, estás a recuar? Prossegue o teu bem sucedido impulso.
Esta parte da vingança com que te comprazes é parte bem pequena!
Ainda o amas, ó desvairada, pois te basta que
Jasão fique viúvo. Procura uma forma de o castigares
que não seja comum e toca a preparar-te a ti própria para o seguinte:
renega a justiça em absoluto e bane o pudor para bem longe;
de pouco vale a vingança que mãos impolutas perpetram.
Entrega-te à ira, desperta desse torpor
e, selvática, das profundezas do teu coração exaure
por completo os antigos impulsos. Todo o mal que cometeste até hoje
chame-se piedade. Vamos! Há-de ficar a saber-se
como tiveram pouco valor e um cunho vulgar os delitos
que por ele cometi. A minha angústia andou a treinar-se
com eles. Que feito grandioso podiam ter ousado
umas mãos inexperientes? Que podia a loucura de uma rapariga?
Agora sou Medeia. Os danos fizeram crescer o meu talento.
É um comprazimento, é um comprazimento ter arrancado a cabeça ao meu irmão,
é um comprazimento ter cortado os seus membros e ter privado o meu pai
do seu tesouro secreto, é um comprazimento ter apetrechado as filhas
para a destruição do pai. Procura novo alvo, angústia.

Disporás de uma dextra nada inexperiente para qualquer crime.
Qual é, pois, o teu objectivo, ira? Ou que armas
apontas ao pérfido inimigo? Não sei que crueldade
o meu espírito decidiu secretamente, que não ousa ainda
confessar a si próprio. Insensata, tive demasiada pressa:
quem dera que o meu inimigo tivesse da amante
alguns filhos! Mas tudo o que dele concebeste
é descendência de Creúsa. Pareceu-me bem um castigo deste género,
e com justa razão me pareceu bem; devo preparar o meu último crime
com um espírito corajoso: filhos, que outrora fostes meus,
sede castigados pelos crimes de vosso pai.
O horror abalou-me o coração, as minhas pernas estão paralisadas de frio
e o meu peito estremece. A ira abandonou o seu posto,
e a esposa que há em mim foi expulsa por completo, a mãe retomou o seu lugar.
Será que consigo derramar o sangue dos meus filhos,
da minha própria descendência? Ah, loucura insana, melhor seria
manter afastada também de mim essa iniquidade inaudita
e essa terrível impiedade. Que crime expiarão os infelizes?
Delito é ter como pai Jasão e maior delito ainda
ter Medeia como mãe. Deixá-los morrer, se não são meus;
deixá-los perecer, se são meus. Neles não há nem crime nem culpa,
são inocentes, reconheço-o: também meu irmão o era.
Por que hesitas, minha alma? Por que tenho o rosto banhado de lágrimas,
por que me puxa a ira para aqui e o amor para ali, deixando-me
dividida? Uma maré de dois sentidos arrasta-me, hesitante;
assim como os céleres ventos travam guerras violentas,
e ondas em conflito levam o mar em direcções contrárias,
e as águas fervilham, indecisas, assim o meu
coração vacila. A ira rechaça a piedade,
e a piedade, a ira: cede ao afecto, angústia.
(Dirigindo-se aos filhos que se aproximam)
Vinde, querida descendência, única consolação de uma casa
arruinada, vinde cá e enlaçai os vossos braços
em meu redor. Tenha-vos o vosso pai em segurança,
conquanto também a vossa mãe vos tenha. Mas o exílio e a fuga estão
iminentes.
Em breve, muito em breve me serão levados, arrancados
do meu seio,
a chorar e a soluçar: pereçam eles para o carinho do pai,
já pereceram para o da mãe. A angústia cresce de novo,
e o ódio fervilha, a antiga Erínia reclama outra vez
a minha mão relutante: ira, vou por onde me levas.
Quem dera que do meu ventre tivesse saído a ninhada
da arrogante filha de Tântalo e eu tivesse sido mãe

de catorze filhos! Fui estéril para a minha vingança -
mesmo assim pari dois, o que basta para vingar o meu irmão e o meu pai.
(Medeia vê as Fúrias aproximarem-se acompanhadas do espectro do irmão)
Para onde se dirige este tropel desenfreado de Fúrias?
Quem procuram elas? Que fim visam os golpes igníferos que preparam?
Contra quem este esquadrão infernal aponta os ensanguentados
fachos? Uma enorme serpente retorce-se e sibila
à medida que o chicote a fustiga. Quem é que Megera persegue com a tocha
ameaçadora? De quem é a sombra indistinta que se aproxima
com os membros dilacerados? É o meu irmão. Pede vingança.
Dar-lha-emos na totalidade. Crava os fachos nos meus olhos,
rasga-os, queima-os; eis que o meu peito se expõe às Fúrias.
Irmão, afasta de mim essas deusas da vingança
e ordena-lhes que vão, serenas, para as profundezas das sombras.
Deixa-me comigo própria e usa esta mão, irmão,
que acaba de desembainhar a espada:
(Mata um dos filhos)
com esta vítima
aplaco a tua sombra.
(Jasão aproxima-se com criados armados.)
Que significa este barulho repentino?
Há homens armados e andam à minha procura para me matar.
Vou subir ao cimo do telhado de nossa casa,
pois a chacina mal começou.
(Dirige-se ao filho vivo)
Tu, vem comigo, acompanha-me.
(Dirige-se ao filho morto)
Também vou levar daqui comigo o teu corpo.
Agora vamos a isso, minha alma. Não deves malbaratar
a tua coragem nas trevas. Mostra ao povo do que a tua mão é capaz.
(Medeia sobe ao telhado carregando o filho morto e obrigando o outro a acompanhá-la. Jasão chega com homens armados)

JASÃO

Todos vós que deplorais com lealdade o extermínio da família real,
acorrei, para capturarmos, em pessoa, a autora deste delito
horrendo. Para aqui, para aqui, exército corajoso de guerreiros,
trazei as armas, arrasai a casa a partir dos alicerces.

MEDEIA

Agora, agora recuperei o ceptro, o irmão, o pai,
e os Colcos retomam o despojo do velo de ouro;
resgatei o meu reino, a virgindade roubada, resgatei-a.
Ó divindades, finalmente favoráveis, ó dia de festa,
ó dia de núpcias! Vai-te embora, o delito está feito…

A vingança ainda não. Leva-a até ao fim, enquanto as tuas mãos fervilham.
Por que te demoras, agora, minha alma? Por que hesitas?
A poderosa
ira já colapsou? Sinto-me arrependida e envergonhada do que fiz.
O que fiz eu, desgraçada?! Desgraçada? Muito embora me arrependa,
fi-lo. Um grande deleite invade-me contra minha vontade
e ei-lo a crescer.
(Apercebe-se da presença de Jasão no meio da multidão)
Uma coisa me faltava…
espectador como esse. Não tenho em conta nada do que
{até agora foi feito:
todo o delito que perpetrei sem presença desse foi vão.

JASÃO

Ei-la, em pessoa, erguendo-se na beira do telhado.
Que alguém traga para aqui o fogo, para que caia abrasada
pelas suas próprias chamas.

MEDEIA

Prepara a derradeira pira fúnebre
para os teus filhos, Jasão, e ergue-lhes um túmulo.
A tua esposa e o teu sogro já têm o que é devido aos mortos,
ao serem sepultados por mim. Este teu filho cumpriu o destino,
este outro vai sofrer, diante dos teus olhos, uma morte igual.

JASÃO

Por todas as divindades, pelas vezes em que tivemos de fugir juntos,
pelo leito que a minha fidelidade não violou,
poupa agora este nosso filho. Se algum crime existe, ele é meu:
entrego-me à morte; sacrifica a minha cabeça, que é culpada.

MEDEIA

Naquilo que não aceitas, naquilo que te magoa eu cravarei a minha espada.
Vai agora, homem arrogante, vai à procura dos tálamos das virgens,
abandona as mães!

JASÃO

Um filho é já castigo suficiente.

MEDEIA

Se a minha mão pudesse ficar satisfeita com uma morte apenas,
não teria praticado nenhuma. Mesmo matando os dois,
o número é extremamente exíguo para a minha angústia.
Se ainda se esconde na mãe algum penhor do nosso afecto,
perscrutarei as minhas entranhas com a espada e arrancá-lo-ei com o ferro.

JASÃO

Conclui, então, o acto que começaste. Não te faço mais súplicas.
Ao menos não prolongues o meu suplício.

MEDEIA

Desfruta do delito com vagar, não te apresses, angústia.
O dia é meu; estou a servir-me do tempo que me foi concedido.

JASÃO

Ó criatura desumana, acaba comigo.

MEDEIA

Exortas-me a compadecer-me de ti.
(Mata o segundo filho)
Pronto, está concluído. Não tenho nada mais, angústia,
para te sacrificar. Levanta os teus olhos túmidos de lágrimas para aqui,
ingrato Jasão. Reconheces a tua esposa?
É assim que costumo fugir. Abriu-se um caminho no céu.
Duas serpentes oferecem o seu pescoço escamoso
submetido ao jugo. Toma lá os teus filhos, ó progenitor.
Eu, neste carro alado, serei transportada pelos ares.

JASÃO

Pelas profundezas do espaço, no mais alto firmamento,
vai testemunhar, por onde passares, que não existem deuses.

HÉRCULES FURIOSO

LÚCIO ANEU SÊNECA

Tradução de Luciano Antonio B. S. Marchiori

ARGUMENTO

Enquanto Hércules cumpre no mundo dos mortos o último de seus trabalhos, Lico toma o poder em Tebas, mata Creonte e ameaça obrigar Mégara a desposá-lo. Hércules regressa acompanhado por Teseu, derrota o usurpador e liberta a família. A vitória, entretanto, realiza o plano de Juno. A deusa lança sobre o herói uma loucura na qual ele imagina combater novos inimigos e mata Mégara e os próprios filhos. Quando desperta e reconhece os cadáveres, Hércules deseja suicidar-se. Anfitrião o impede ameaçando morrer com ele, e Teseu oferece acolhimento em Atenas. Viver, aceitar auxílio e carregar a consciência do crime tornam-se o mais difícil dos trabalhos do herói.

PERSONAGENS

JUNO
ANFITRIÃO
MÉGARA
FILHOS DE HÉRCULES (EM SILÊNCIO)
LICO
HÉRCULES
TESEU
CORO

PRIMEIRO ATO

JUNO

Irmã do Tonante, - pois somente este nome me foi deixado - abandonei Júpiter, sempre ausente, e, despojada de meu marido, deixei as mais altas regiões do éter. Expulsa do céu, cedi meu lugar às concubinas. A terra deve ser habitada por mim: as concubinas ocupam o céu. [5]

Deste lado, na elevada região do polo glacial, a Ursa, altiva constelação, guia as frotas de Argos; aqui, por onde se prolonga o dia na fresca primavera, reluz aquele que por entre as ondas raptou Europa, a tíria. [10] Ali, as Atlântides, vagando por todo lado, exibem seu bando temível para as embarcações e para o mar; Daqui, Órion, ameaçador, aterroriza os deuses com sua espada e Perseu, áureo, sustém suas estrelas. Ali, astros radiantes, cintilam os Gêmeos Tindáridas e aqueles por cujo nascimento firmou-se a terra outrora móvel. [15]

E não só o próprio Baco e sua mãe acessaram os súperos: para que nenhuma parte fique isenta de infâmia, o firmamento traz consigo a grinalda da jovem de Cnosso.

Mas lamento coisas antigas! [20] Quantas vezes Tebas, uma terra cruel e selvagem, repleta de sacrílegas moças, tomou-me por madrasta! É possível que Alcmena, vitoriosa, ascenda e obtenha meu lugar e que, da mesma forma, ocupe os astros que lhe foram prometidos, o filho para cujo nascimento o céu susteve o dia e Febo luziu tardio no mar do Oriente, tendo sido ordenado a manter o seu brilho imerso no Oceano [25] - nem assim cessará meu ódio! Que meu ânimo brutal produza intensas iras e, suprimida a paz, que meu pungente sofrimento gere guerras eternas!

Que tipo de guerras? [30] Tudo o que uma terra inimiga possa criar, tudo o que os céus e o mar produziram de terrível, cruel, pernicioso, atroz e selvagem foi abatido e dominado; com os males, Hércules se eleva e se engrandece. Ele se deleita com minha ira e transforma meu ódio em louvores a si! [35]

Ao dar-lhe ordens com toda crueldade, comprovei quem é seu pai e abri espaço à sua glória. Sua indômita virtude é cultuada desde onde o sol traz o dia até onde o

depõe, dando cor aos dois povos etíopes com a proximidade de seu fulgor e em todo o mundo fala-se de Hércules como um deus. [40]

Já me faltam monstros; é mais fácil para Hércules executar minhas ordens do que para mim ordená-las; alegre ele acolhe meus comandos. Que feras, por pior que sejam, podem ser enviadas para prejudicar o impetuoso jovem? Com efeito, ele traz consigo como armas as mesmas que temeu e que derrotou: [45] vem armado com o leão e com a hidra. E as terras não são suficientemente extensas: eis que arrombou as portas do Jove infernal e retornou aos súperos com os esplêndidos despojos do rei derrotado. É pouco ter retornado; ele destruiu as leis das sombras. Dissipada a noite nos infernos [50] e subjugado Plutão, eu vi, eu mesma vi Hércules lançando ao pai os espólios do irmão. Por que ele não arrasta, acorrentado e esmagado por cadeias, o próprio deus que recebeu por sorte coisas equivalentes às de Júpiter e não se apossa do Érebo conquistado? Eis que ele descobre o Estige! [55] Do fundo dos manes foi aberta uma via de regresso e jazem manifestos os mistérios da terrível morte. Por outro lado, ele, feroz, tendo rompido o cárcere das sombras, triunfa de mim e com mão orgulhosa conduz o tenebroso cão pelas cidades argólicas.

[60] Eu vi o dia desabar com a visão de Cérbero e vi o sol apavorado; a mim também invadiu o tremor, e, vendo as três cabeças do monstro submetido, temi o que eu mesma havia ordenado.

Todavia, queixo-me excessivamente por coisas vãs: é com os céus que devo me preocupar, para que os reinos superiores não sejam ocupados por aquele que venceu os inferiores; ele roubará o cetro ao pai. [65] E não virá aos astros como Baco, por um caminho lento: ele buscará um caminho entre ruínas e desejará reinar em um mundo desolado. Ele se ensoberbece com a sua força provada e soube, carregando-o, [70] que o céu pode ser vencido por sua força; pôs a cabeça debaixo do mundo e esse trabalho de imenso peso não dobrou seus ombros; e o céu melhor se fixou no pescoço hercúleo. Sua cerviz imóvel suportou os astros e o céu, bem como a mim, que o comprimia: ele procura o caminho aos súperos.

Avança, minha ira, avança e reprime esse que planeja grandes coisas; [75] combate-o, dilacera-o com as tuas próprias mãos; por que confias a outrem tamanho ódio? Afastem-se as feras e que o próprio Euristeu, farto de dar ordens, descanse. Liberta os Titãs que ousaram violar o império de Júpiter. [80] Abre a caverna da montanha siciliana, e que a terra dórica, temerosa com o gigante derrubado, elimine as cabeças caídas do terrível monstro. Que a Lua sublime conceba outras feras. Mas Hércules venceu tudo isso. Acaso podes encontrar páreo para Alcides? Ninguém há, a não ser o próprio: pois então que ele mesmo faça a guerra contra si. [85] Apresentem-se as Eumênides, despertadas do mais profundo do Tártaro, espalhem o fogo de sua cabeleira de chamas e agitem o açoite de suas furiosas mãos de víboras.

Vai agora, soberbo, ataca a morada dos deuses, despreza as coisas humanas [90] Crês que já tivesses escapado do Estige e dos manes cruéis? Aqui te mostrarei os ínferos. Convocarei a deusa Discórdia, oculta em profunda escuridão, além do exílio dos perversos, a deusa guardada por uma caverna imensa de um rochedo

oposto. [95] Do fundo do reino de Plutão, elevarei e arrancarei tudo o que restou: virá o Crime odioso e a Impiedade feroz banhando-se com seu próprio sangue; virá o Erro e a Loucura, sempre armada contra si - isso, seja isso empregado como agente de nossa dor! [100] Começai, servas de Plutão, agitai ligeiras o facho ardente; Megera conduza essa horrenda tropa de serpentes e, com luctífica mão, segure uma tocha colossal, acesa em uma pira. Fazei isto, buscai a vingança para o Estige violado. [105] Feri o peito de Hércules, que sua mente seja atormentada por um fogo mais violento que aquele que arde nas forjas do Etna. Para que Alcides possa seguir privado de seu espírito, agitado por grande furor, deves enlouquecer primeiro - ó Juno, por quê ainda não enlouqueceste? [110] Se planejo fazer algo digno de uma madrasta, alterai primeiro a mim, a mim, irmãs, privando-me de minha mente.

Revertam-se os meus intentos: peço que ele, ao retornar, veja seus filhos incólumes e que retorne com mão forte! [115] Encontrei o dia em que a odiosa força de Hércules me sirva de auxílio. Ele me venceu: vença também a si, e, tendo retornado dos ínferos, deseje perecer! Que tenha nascido de Júpiter, isso pode me ser útil. Permanecerei firme, e, para que sejam lançados com precisão, brandirei seus dardos com minhas mãos, guiarei as armas do louco, enfim, favorecerei o combatente Hércules. [120] Executado o crime, seja lícito que o pai admita no céu tais mãos!

É agora que minha guerra deve começar; já brilha o dia e Titã avulta na rosada aurora.

* * *

CORO

Já esparsas brilham as estrelas lânguidas no
mundo que declina. [125][125bis] A noite, vencida,
reduz os astros errantes com a luz que renasce;
Lúcifer conduz a tropa resplandecente. [130] O
signo glacial do elevado polo, a Ursa Maior de sete
estrelas, chama a luz, tendo virado o leme. Titã, já
erguido das águas azuladas, espreita acima do Eta.
Derramado o dia, enrubescem os bosques já
famosos pelas cadmeias bacantes, e foge a irmã de
Febo, que há de retornar. [135]
O duro Labor se levanta, a todos
inquietando e abrindo as casas. Dispersado o
rebanho, um pastor escolhe o pasto em meio à
gélida e branca geada [140]; um novilho solto, com a
fronte ainda não rompida, brinca no prado aberto.
As mães restauram seus úberes vazios. Um cabrito

atrevido anda errante na relva macia, ligeiro, em
corrida incerta. [145] Pende estrídula no mais
elevado ramo, a concubina trácia; entre os ninhos
ruidosos anseia expor suas penas ao novo sol e em
redor, uma turba confusa ressoa, atestando o dia
com misto murmúrio. [150] O nauta, incerto da
vida, confia ao ventos as velas, quando uma aura
enfuna o frouxo tecido. [152][152bis]
Este, pendendo de rochedos corroídos,
[155] prepara anzóis desguarnecidos, ou então,
suspenso, contempla os prêmios ao repuxar de sua
destra: sente o trêmulo peixe na linha. Tais coisas
são para os que têm o tranquilo sossego de uma
vida inocente e [160a] uma casa feliz com o pouco
que lhe pertence. [160b-1a]
Esperanças assustadoras erram pelas
cidades [161b-3a] e também medos inquietantes.
[163b] Aquele, privado de sono, cultua as soberbas
soleiras e as duras portas dos poderosos; [165] este
outro acumula abundantes riquezas sem finalidade,
boquiaberto com seus tesouros, [167b] e ainda pobre
em meio ao ouro acumulado; aquele, atônito e
inchado por uma aura vazia, o elevam o favor do
povo e o vulgo mais instável que as ondas; [170]
este, vendendo raivosas querelas do fórum
barulhento [173], aluga, desonesto, suas iras e
palavras. [173bis]
A tranquilidade segura conhece a poucos,
os quais, lembrados da velocidade do tempo [175]
retêm momentos que nunca hão de retornar.
Enquanto os fados permitem, vivei felizes! A vida
se apressa em curso veloz e nos dias que voam é
girada a roda do ano ligeiro. [180] As duras irmãs
realizam suas tarefas e não reconduzem para trás os
seus fios. Já a descendência dos homens, incerta de
si, é arrastada na direção dos fados. Por vontade
própria buscamos as ondas estígias [185] [num

grande turbilhão, perturbadoras esperanças]. [162]
Excessivamente, ó Alcides, com peito
forte, tu te apressas em visitar os tristes manes. As
Parcas vêm no tempo certo; a ninguém é lícito
negligenciar a ordem, a ninguém é lícito adiar o dia
marcado; [190] a urna recebe os povos convocados.
Que a um outro a glória leve para inúmeras terras e
que a fama loquaz o louve por todas as cidades e o
eleve, [194] semelhante aos céus e aos astros;
[194bis] que outro vá, altivo, em um carro. A mim,
que minha terra me proteja em um lar secreto e
seguro. Aos indolentes vem a velhice com suas cãs
e num lugar humilde se estabelece a riqueza exígua,
[200] mas segura, de uma casa pequena. A virtude
excessiva desaba profundamente.
- Mas eis que chega triste Mégara com os
cabelos soltos, trazendo consigo um pequeno grupo
e, vagaroso pela velhice, caminha o pai de Alcides.

SEGUNDO ATO

ANFITRIÃO. MÉGARA

ANFITRIÃO [205] Ó grande soberano do Olimpo e senhor do mundo, estabelece já um limite para tão grande sofrimento e um fim para esse flagelo. Nenhuma luz jamais brilhou segura para mim; o fim de um mal é o passo para outros males futuros. Tão logo meu filho retorna, um novo inimigo se prepara. [210] Antes mesmo de chegar à casa feliz, ele segue, sob ordens, a uma outra guerra; e nenhum descanso lhe resta, nenhum tempo livre, exceto enquanto recebe ordens. Desde o princípio, Juno obstinadamente o persegue, encarniçada. Acaso foi imune o seu tempo de infância? Venceu monstros antes mesmo [215] que pudesse tê-los reconhecido como tal. Serpentes cristadas de duas cabeças mostravam suas bocas gêmeas, em cuja direção se arrastava o indefeso menino, contemplando com olhar suave e tranquilo os ígneos olhos das serpentes; carregou os estreitos anéis com semblante sereno e, apertando as túmidas gargantas com suas mãos delicadas, exercitou-se para a Hidra. [220] A ligeira fera de Mênalo, ostentando sua cabeça ornada com abundante ouro, foi apanhada em seu curso; gemeu o Leão, máximo temor de Nemeia, esmagado pelos braços de Hércules. [225] Para que recordar os terríveis estábulos do povo bistônio e seu rei, dado como pasto aos rebanhos? E o hirsuto monstro do Mênalo, habitual nos densos cimos de Erimanto, acostumado a agitar os bosques arcádios? E o touro, medo não desprezível para uma centena de povos? [230] Entre os longínquos rebanhos das

raças de Hespéria pereceu o triforme pastor do litoral tartéssio e sua presa foi impelida desde o mais remoto Ocidente. Citéron alimentou o gado, notório no Oceano. [235] Ordenado a adentrar as regiões do sol estival e os adustos reinos que o meio-dia abrasa, Hércules rompeu os montes, dos dois lados, e, quebrado o obstáculo, fez um largo caminho para o Oceano impetuoso. Depois disso, assaltou as casas dos bosques opulentos e arrebatou os espólios dourados da vigilante serpente. [240] Qual! Os cruéis monstros de Lerna - múltiplo mal - finalmente não os venceu com fogo e os instruiu a morrer? E as Estinfálides - habituadas a esconder o dia com suas asas abertas - não as buscou desde as próprias nuvens? [245] Não o venceu a solitária rainha do povo do Termodonte, de leito sempre celibatário? E o trabalho do horrendo estábulo de Augeu não afugentou suas mãos, audaciosas para todo feito ilustre.

Que proveito tem essas coisas? Hércules carece de seu mundo protegido. As terras sentiram a ausência do autor de sua paz. [250] Próspero, feliz, novamente o crime é chamado de virtude; os bons obedecem aos malfeitores, a justiça está nas armas, o temor oprime as leis. Perante minha face, vi caírem, por truculenta mão, os filhos defensores do reino paterno [255] e vi ele mesmo - derradeira estirpe do nobre Cadmo - sucumbir. Vi o régio ornamento de sua cabeça arrancado juntamente com a cabeça. Quem choraria suficientemente por Tebas? Terra fértil em deuses, por qual senhor estremeces? Terra de cujos campos e de cujo âmago fecundo [260] ergueu-se uma juventude nascida com rigorosa espada, e cujos muros construiu Anfíon, filho de Júpiter, arrastando as pedras com seu melodioso canto; uma terra a cuja cidade veio - não uma única vez - o pai dos deuses, abandonando o céu; essa cidade que recebeu os habitantes dos céus, [265] que os fez e - seja lícito dizê-lo - talvez os fará, agora é oprimida com sórdido jugo.

Ó descendência de Cadmo, raça de Ofíon, a que ponto decaíste! Tremes por um ignaro expatriado que carece de suas fronteiras, um fardo para nós. [270] Aquele que persegue crimes por terra e mar e que despedaça reinos cruéis com sua mão justa, agora ausente, é escravo, e suporta as mesmas coisas as quais impede de serem feitas: Lico, o exilado, ocupa a hercúlea Tebas. [275] Mas não a ocupará! Hércules estará por perto e exigirá castigos; das profundezas emergirá até os astros; encontrará um caminho ou o criará. Que tu estejas presente, salvo, e retornes aos teus, e por fim, venhas vitorioso à tua casa vencida!

MÉGARA

Emerge, meu esposo, e aniquila com as tuas mãos as dispersas trevas. Se não há caminho algum de volta, se a via foi fechada, [280] retorna pelo orbe fendido e traz contigo tudo aquilo que se oculta, possuído pela negra noite. Arruinados os montes, obtendo íngreme percurso para o rio veloz, tal qual o fizeste certa vez - com ímpeto imensurável [285] abriu-se o vale do Tempe: abalado com o teu peito, o monte ruiu para aqui e para lá e, rompido o dique, a torrente do tessálio rio correu por um novo caminho - assim também lança-te a buscar teus pais, teus filhos e tua pátria, trazendo contigo os termos das coisas; [290] restitui tudo o que o tempo ávido escondeu ao passo de tantos anos e conduze diante de ti os povos esquecidos de si e temerosos da luz. Os espólios são indignos de ti se trazes tão

somente o que lhe foi ordenado; [295] todavia, falo excessivamente de coisas grandiosas, desconhecendo a nossa sorte. Quando virá a mim o dia em que abraçarei a ti e a tua destra e lamentarei o teu demorado retorno sem recordações de mim?

A ti, condutor dos deuses, touros indômitos trarão uma centena de dorsos; [300] a ti, soberana das messes, ofereceerei ritos secretos: a ti, com silente devoção, tácita Elêusis agitará grandes tochas; então, aos meus irmãos considerarei restituídas suas almas e saberei que viceja meu pai, governando seus reinos; mas se alguma potestade maior [305] te mantém recluso, a ti, Hércules, seguimos: ou tu defendes a todos com teu regresso, a salvo, ou a todos arrasta contigo - tu nos arrastarás e nenhum deus erguerá os quebrantados.

ANFITRIÃO

Ó companheira de meu sangue, com casta fidelidade preservas os filhos e o leito do magnânimo Hércules; [310] concebe coisas melhores em tua mente e aviva o teu ânimo! Hércules seguramente estará entre nós, ainda mais engrandecido, tal como costuma ficar logo depois de cada trabalho.

MÉGARA

Aquilo que os míseros muito desejam, nisso creem facilmente.

ANFITRIÃO

Muito ao contrário, aquilo que temem em demasia, julgam nunca poder mudar ou destruir. [315] A confiança no medo está sempre propensa ao pior.

MÉGARA

Afundado, sepultado e oprimido com todo o orbe por cima de si, que caminho Hércules tem aos súperos?

ANFITRIÃO

O mesmo caminho que tinha então, quando foi-se por ressequida plaga e por flutuantes areias, como que por agitado mar, [320] e pelo estreito que duas vezes se afasta e duas vezes retorna; quando, abandonado o navio, desprevenido deteve- se pelas breves vagas de Sirtes e, presa a popa, atravessou os mares a pé.

MÉGARA

Iníqua, a Fortuna raramente poupa as máximas virtudes. [325] Mesmo seguro, ninguém pode se expor, durante muito tempo, a perigos tão numerosos. Quem amiúde atravessa por desventuras, algum dia as encontra.

Mas eis que vem Lico, cruel e trazendo ameaças em sua fisionomia; e tal como em seu ânimo, assim também transparece em sua marcha, agitando o cetro alheio com sua destra. [330]

* * *

LICO. MÉGARA. ANFITRIÃO

LICO

Eis que governo as opulentas regiões de Tebas e tudo o que de solo fértil cinge a oblíqua Fócida; tudo o que o Ismeno rega, tudo o que Citéron vê de seu elevado cume [335], e o estreito Istmo que fende dois braços de mar; indolente herdeiro, não possuo os vetustos direitos de uma casa paterna; não tenho nobres ancestrais, tampouco ínclita estirpe de altivos títulos; mas tenho preclara virtude! Quem se jacta de sua linhagem, louva coisas alheias; [340] porém, os cetros roubados são mantidos com trêmulas mãos. Toda salvação reside na espada: o que sabes que é teu, a rigorosa espada protege contra os cidadãos constrangidos. Um reino em lugar estrangeiro certamente não é estável; contudo, uma mulher pode consolidar meus poderes, [345] Mégara, a mim unida com o facho nupcial nos tálamos reais: minha obscura ancestralidade auferirá brilho à partir de sua ilustre linhagem. Certamente não creio que ela recusará ou desprezará meu leito de núpcias; porque, se ela o recusar, pertinaz, com orgulhoso coração, [350] fica determinado que destruirei completamente a casa de Hércules. O ódio ou a maledicência do povo deterá tal feito? A arte primeira de um reino é saber aturar o ódio.

Portanto, tentemos! A sorte nos concedeu a ocasião, pois a própria Mégara, com o triste disfarce de sua roupa, a cabeça velada, [355] está de pé junto ao deuses protetores e ao seu lado mantém-se o verdadeiro genitor do Alcida.

MÉGARA

Que novidades prepara este que é a ruína e o flagelo de nossa família? O que tenta?

LICO

Ó portadora de um ilustre nome, proveniente de régia estirpe; [360] indulgente, por um instante acolhe minhas palavras, com ouvido paciente. Se os mortais sempre nutrissem ódios recíprocos e se o incipiente furor nunca se retirasse dos corações, se o feliz mantivesse as armas, e o infeliz as preparasse, nada faria cessar a guerra; [365] então, o campo estaria coberto por desoladas planícies, derrubada a tocha das casas, cinzas espessas cobririam os povos sepultados. Ao vencedor convém desejar que a paz seja restabelecida, ao vencido, isso é necessário. - Vem, toma parte em meu reino; associemos nossos corações; toma esta garantia de fidelidade: [370] toca a minha destra. Por que te calas, com semblante feroz?

MÉGARA

Como eu tocaria a mão salpicada com o sangue de meu pai e com o duplo massacre de meus irmãos? Antes disso, extinguir-se-á o oriente e o ocaso trará de volta o dia; paz leal haverá entre neves e chamas; [375] Cila juntará o flanco siciliano ao ausônio; e muito antes, com suas vicissitudes alternadas, o fugidio Euripo se aquietará, ocioso no mar de Eubeia.

Arrebataste meu pai, meus reinos, meus irmãos e meu lar pátrio - que mais há? Apenas uma coisa me resta [380] ainda mais cara que irmão e pai, reino ou lar: o ódio por ti, o qual lamento ser comum a mim e ao povo; quão pequena é minha parte nisso!

Domina enfatuado, leva contigo ares altivos: pelas costas, um deus vingador

persegue os soberbos. [385]

Conheci os reinos tebanos: para que mencionar mães sofridas e inclinadas a crimes? Para que falar de uma dupla atrocidade e de um misto nome de cônjuge, filho e pai? Para que lembrar o duplo acampamento de irmãos? Para que evocar precisamente tantas piras funerárias? A soberba mãe tantálida jaz enrijecida em seu luto: [390] entristecida, a pedra chora no frígio Sípilo. Além disso, o próprio Cadmo, erguendo sua terrível cabeça cristada, tendo percorrido em fuga os reinos da Ilíria, deixou longas marcas de seu corpo arrastado. Tais exemplos te esperam. Governa como lhe apraz, [395] enquanto te chamam os fados habituais de nosso reino.

LICO

Vamos, raivosa, abandona essas palavras ferozes e aprende com o alcida a aturar as ordens dos reis. Eu - embora carregue cetros roubados em minha destra vencedora e governe tudo sem medo das leis as quais as armas vencem [400] - falarei um pouco em favor de minha causa. Em cruenta guerra pereceu teu pai? Pereceram teus irmãos? As armas não guardam limite. Não pode ser abrandada ou reprimida facilmente a ira de uma espada rigorosa. O sangue deleita as guerras; [405] todavia, agi eu por ímproba cupidez e aquele agiu em prol de seu reino!? Busca-se o êxito da guerra, não a causa. Mas agora pereça toda memória. Já que o vencedor depôs suas armas, também ao vencido convém depor seus ódios. Não peço que, ajoelhada, [410] adores o soberano. Apenas isto é aprazível: que acolhas as tuas desgraças com grandeza de alma. És cônjuge digna de um rei: associemos nossos tálamos.

MÉGARA

Um gélido tremor percorre meus membros exangues. Que aberrações feriram meus ouvidos? Certamente não fiquei tão horrorizada quando, [415] violada a paz, o bélico fragor ressoou nos muros. Tudo suportei intrepidamente. Diante do tálamo estremeço: agora me vejo como escrava. Correntes oprimam meu corpo e prolongada fome estenda minha morte lenta: nenhuma outra força vença a minha fidelidade. [420] Morrerei tua, Alcides.

LICO

Um esposo submerso nos infernos produz tais ânimos?

MÉGARA

Ele atingiu os infernos para que possa alcançar os súperos.

LICO

O peso da imensa Terra o oprime.

MÉGARA

Não será oprimido por peso algum aquele que carregou o céu. [425]

LICO

Serás coagida!

MÉGARA
Quem pode ser coagido não sabe morrer.

LICO
Dirás que antes prepararei o presente real para os novos tálamos.

MÉGARA
Ou a tua morte ou a minha.

LICO
Morrerás, louca!

MÉGARA
Encontrarei meu esposo.

LICO
E a ti é preferível um servo do que meu cetro? [430]

MÉGARA
Quantos reis este "servo" entregou à morte!

LICO
Por que, então, ele serve a um rei e suporta um jugo?

MÉGARA
Suprime essas duras ordens: para que será a virtude?

LICO
Crês que a virtude pode ser exibida a feras e monstros?

MÉGARA
É próprio da virtude domar as coisas que inspiram pavor a todos. [435]

LICO
As trevas do Tártaro oprimem os que perseguem coisas grandiosas.

MÉGARA
Não é suave o caminho da terra aos astros.

LICO
De que pai foi gerado esse que almeja as moradas dos deuses?

ANFITRIÃO
Cala-te, miseranda esposa do grandioso Hércules. É meu papel devolver ao alcida seu pai e sua estirpe verdadeira. [440] Depois de tantos feitos memoráveis do ingente varão e depois de ter pacificado com sua mão tudo aquilo que Titã vê ao nascer e ao se pôr; depois de tantos monstros completamente domados, depois de Flegra espargida com ímpio sangue e depois de deuses defendidos, [445] ainda não é evidente de que pai foi gerado? Mentimos que é Júpiter? Crê tu no ódio de Juno.

LICO

Por que profanas Júpiter? A raça mortal não pode ser atrelada ao céu.

ANFITRIÃO

Essa relação é comum a muitos deuses.

LICO

Acaso foram servos antes de se tornarem deuses? [450]

ANFITRIÃO

O pastor de Delos alimentou os rebanhos de Feras.

LICO

Mas não andou como um exilado errante por todas as regiões.

ANFITRIÃO

A quem deu à luz a mãe exilada em uma terra instável?

LICO

Porventura temeu Febo monstros ou feras selvagens?

ANFITRIÃO

Um dragão foi o primeiro a embeber as setas de Febo. [455]

LICO

Tu ignoras quão graves males o infante padeceu?

ANFITRIÃO

Expulso do útero de sua mãe por um raio, sem demora o menino postou-se próximo ao pai fulminante. Qual! Aquele que governa os astros, que agita as nuvens, quando menino não se escondeu na caverna de um rochedo corroído? [460] Nascimentos tão grandes têm seu preço de inquietação e nascer como um deus sempre custou muito.

LICO

Quem quer que tenha te parecido miserável, considere-o um homem.

ANFITRIÃO

Quem quer que tenha te parecido forte, negues que seja miserável.

LICO

Chamaríamos “forte” aquele de cujos ombros penderam um leão, [465] feito de presente para uma moça, e uma clava; e cujo flanco pintado resplandeceu com uma veste sidônia? “Forte” chamaríamos aquele cuja eriçada cabeleira esteve umedecida com nardo; aquele que movimentou suas notórias mãos ao som não viril de um tamborim, [470] cingindo sua fronte feroz com bárbara mitra?

ANFITRIÃO

O delicado Baco não enrubesce por espargir sua vasta cabeleira, nem por vibrar o tirso com as mãos suaves, quando - com passo pouco vigoroso - arrasta seu vestido ornado com ouro estrangeiro. [475] Depois de muitos trabalhos, a virtude

costuma sói relaxar.

LICO

Isso o comprova a casa do arruinado Êurito e o grupo de virgens opressas como se fossem gado; nenhuma Juno, nenhum Euristeu ordena tal coisa. Isso é obra do próprio Hércules.

ANFITRIÃO

Não tomaste conhecimento de tudo; [480] isto sim é obra do próprio Hércules: Érix fraturado por sua própria luva e junto a Érix o líbio Anteu; e os altares que, gotejantes pela imolação dos hóspedes, beberam com justiça o sangue de Busíris; isto é obra do próprio Hércules: o íntegro Cicno - imune a ferro ou ferida - [485] forçado a padecer a morte; e o não singular Gerião vencido por uma única mão. Estarás entre esses, que todavia não ultrajaram tálamos com estupro algum.

LICO

O que é lícito a Júpiter é lícito a um rei: deste uma esposa a Júpiter, darás também a um rei; [490] e tendo-te por mestre, tua nora aprenderá isto, que não é novidade: seguir um homem melhor, e com a aprovação do marido; mas se ela, pertinaz, recusar a se unir a mim em núpcias, mesmo assim obterei um nobre descendente da esposa coagida.

MÉGARA

Ó sombras de Creonte e penates de Lábdaco, [495] ó ímpios fachos nupciais de Édipo! Dai agora os fados costumeiros a nosso matrimônio. Agora, vinde agora, ó cruentas noras do rei do Egito, com as mãos impregnadas de abundante sangue. Falta uma Danaide ao cômputo: terminarei o crime nefando. [500]

LICO

Posto que recusas, obstinada, o nosso matrimônio e repeles um rei, saberás do que são capazes os cetros. Tu abraças os altares, mas nenhum deus te arrebatará de mim, nem mesmo se, demolido o orbe, o vencedor Alcides puder se transportar aos numes súperos. [505] Amontoai as árvores; ardam em chamas os templos sobre os seus suplicantes; ateado o fogo, que uma única pira funerária consuma a esposa e toda a família.

ANFITRIÃO

Eu, o genitor do alcida, te peço este obséquio, pois me convém rogar: que eu caia primeiro. [510]

LICO

Quem ordena todos a pagar um castigo com a morte, não sabe ser tirano. Impõe coisas diferentes: impede o mísero de morrer, ordena o ditoso. Eu, enquanto a fogueira cresce com os lenhos a serem queimados, com sacrifício votivo honrarei o soberano dos mares. [515]

ANFITRIÃO

Ó suprema força dos numes, ó pai e senhor dos celestiais - com cujos dardos arremessados os humanos estremecem - detém a ímpia destra de um fero rei! Por que suplico aos deuses em vão? Onde quer que estejas, meu filho, ouve-me!

Por que desabam os templos, [520] agitados com súbito movimento? Por que ruge o solo? Um fragor infernal ressoou do mais fundo das profundezas. Fui ouvido! Sim, é o som do passo de Hércules!

* * *

CORO

Ó Fortuna, invejosa dos varões fortes,
quão iníquos prêmios tu divides entres os homens
bons! [525] "Reine Euristeu em fácil ócio; que o
filho de Alcmena atormente, entre todas as guerras
com monstros, suas mãos que já sustentaram o céu:
que ele corte os múltiplos pescoços da serpente;
enganadas as irmãs, que ele traga de volta as maçãs,
[530] quando o dragão - preposto aos preciosos
frutos - tiver entregue ao sonos suas mui
vigilantes pálpebras."
Ele adentrou as errantes casas da Cítia e os
povos estrangeiros em suas moradas paternas;
calcou as superfícies congeladas do oceano [535] e o
tácito mar de mudos litorais. Ali, as duras
superfícies carecem de ondas, e, por onde as naus
estendessem suas velas enfunadas, uma senda é
trilhada por intonsos sármatas: instável pelas
vicissitudes anuais, o ponto permanece imóvel, [540]
propício agora a suportar uma nau, a suportar agora
um cavaleiro. Ali, aquela que impera sobre as raças
sem marido, unindo as ilhargas com um cinturão
dourado, arrancou nobre despojo de seu corpo: não
só o escudo, mas também os grilhões de seu níveo
peito, [545] contemplando de joelhos o vencedor.
Com que esperança foste enviado aos
abismos infernais, e, audaz em trilhar vias sem
retorno, viste os reinos da Prosérpina siciliana? Lá,
nenhum Noto, nenhum Favônio [550] elevam os
mares com túmidas ondas; lá, gêmea linhagem dos

tindáridas, as estrelas não socorrem os navios
receosos: um lânguido rio jaz em seu negro abismo
e - quando a pálida Morte com seus dentes ávidos
[555] levou aos manes inúmeras gerações - tantos
povos atravessam-no com um único barqueiro.
Praza aos deuses que tu venças as cruéis
leis do Estige e das Parcas as irreversíveis rocas!
Aqui, o rei que impera sobre povos inúmeros [560]
- quando atacavas com guerra a Pilos de Nestor
- contigo entrelaçou as pestíferas mãos,
ostentando sua lança com tríplice ponta; fugiu,
atingido com insignificante ferida e, embora senhor
da morte, deveras temeu morrer. [565]
Rompe o destino com tua mão: aos triste
ínferos esteja acessível a visão da luz, e que o
inacessível umbral lhes conceda fáceis caminhos até
os súperos. Orfeu pôde render os acerbos senhores
das sombras com cantos e preces súplices, [570]
enquanto retomava sua Eurídice. A arte que
seduzira selvas, aves e pedras, que provocara
lentidão nos rios, e a cujo som se detiveram as
feras, essa arte acalma os ínferos com vozes não
costumeiras [575] e ressoa mais nitidamente nos
lugares silenciosos. As Eumênides pranteiam a
jovem trácia, pranteiam-na também os deuses
infensos a lágrimas; e os juízes - que com
fisionomia demasiado tétrica investigam crimes e
derrubam antigos réus [580] - sentam-se a prantear
Eurídice. Por fim, o árbitro da morte declara:
“Fomos derrotados; escapa-te rumo aos súperos,
mas dada uma condição: prossegue tu, como
companheira, pelas costas de teu homem; e tu,
Orfeu, não olha para trás, perante tua esposa, [585]
até que o claro dia tenha exposto os deuses e até
que esteja perto a passagem do espartano Tênaro.”
O verdadeiro amor odeia demoras e não as suporta:
enquanto se apressa em contemplar a dádiva,

perdeu-a.

O reino que pôde ser vencido com poesia,

[590] tal reino poderá ser vencido com forças.

TERCEIRO ATO

HÉRCULES. ANFITRIÃO. MÉGARA (em silêncio). TESEU

HÉRCULES

Ó senhor da luz nutriz e glória do céu - que, percorrendo os alternados espaços num flamífero carro, mostras tua luminosa cabeça pelas terras alegres - dá-me, ó Febo, a tua vênia, [595] se teus olhos contemplaram algo ilícito: sob ordens expus à luz os arcanos do mundo. E tu, pai e senhor dos súperos, cobre tua visão com o raio oposto. E tu, que reges os mares com o segundo cetro, busca as ondas profundas. [600] Seja quem for que do alto observa as coisas terrenas, temendo ser conspurcado pela estranha forma, desvie o olhar e eleve o rosto aos céus, evitando estes portentos. A esta coisa nefanda, vejam-na somente dois: aquele que a trouxe e aquela que ordenou tal feito. Ao ódio de Juno, [605] as terras não são suficientemente extensas para meus sofrimentos e trabalhos: vi as coisas que são inacessíveis a todos, desconhecidas a Febo, cada um dos espaços obscuros que o polo inferior concedeu ao funesto Jove; e se me agradassem as terceiras regiões da partilha, eu poderia reinar. Venci o caos da noite eterna, [610] e algo mais funesto que a noite; venci os lúgubres deuses e o fados. Menosprezada a morte, retornei. Que outra coisa resta? Vi e expus os ínferos. Se há algo mais, dá-me, Juno: já há muito tempo suportas minhas mãos inativas; que coisas ordenas que sejam vencidas? [615]

Mas por que uma tropa hostil ocupa os templos e o terror das armas bloqueia o sacro portal?

ANFITRIÃO

Porventura os desejos iludem meus olhos ou de fato aquele domador do mundo e glória da Grécia abandonou a silente morada com sombrias nuvens? [620] Aquele é meu filho? Meus membros paralisam-se de alegria. Ó, filho, certa porém tardia salvação de Tebas! Por acaso observo alguém elevado aos ares ou desfruto, iludido, uma sombra vã? És tu mesmo? Reconheço os músculos e os ombros e também a nobre mão em teu elevado tronco. [625]

HÉRCULES

Donde vem, meu pai, esse desalinho e minha esposa coberta por vestes lúgubres? Donde meus filhos cobertos de repugnante imundície? Qual desgraça oprime nossa casa?

ANFITRIÃO

Teu sogro pereceu, Lico apoderou-se dos reinos e procura levar teus filhos, teu pai e tua esposa à morte. [630]

HÉRCULES

Terra ingrata, ninguém vem em socorro da casa de Hércules? O mundo defendido viu tamanha atrocidade? Por que desperdiço o dia em queixumes? Seja imolada a vítima; que minha virtude leve esta nódoa e torne Lico o último adversário do alcida. [635] Sou impelido a beber o sangue inimigo.

Resiste, ó Teseu, para que nenhuma súbita força ataque. As guerras me requerem. Guarda o abraço para mais tarde, meu pai, guarda-o para mais tarde, minha esposa. Que Lico anuncie a Plutão que eu retornei!

TESEU

Ó rainha, [640] afasta de teus olhos a expressão lacrimosa; e tu, Anfitrião, uma vez salvo o teu filho, reprime as lágrimas que caem. Se conheço Hércules, Lico pagará a Creonte a punição devida. "Pagará" é demorado: paga; isso também é demorado: [já] pagou.

ANFITRIÃO

Deus, que tem o poder, favoreça o meu desejo e assista minhas fraquezas. [645]

Ó magnânimo companheiro de meu grande filho, revela o elenco de suas virtudes: quão longa é o caminha que conduz aos tristes manes; como suportou duros grilhões o cão do Tártaro.

TESEU

Tu me obrigas a recordar ações horrendas [650] mesmo para uma mente tranquila. A custo, ainda, há certeza da aura vital; turva-se a luz de meus olhos e minha vista enfraquecida apenas suporta o desabituado dia.

ANFITRIÃO

Vence, Teseu, por completo, tudo o que de pavor resta no fundo de teu peito e não te prives do melhor fruto de [655] teus trabalhos: o que foi duro de suportar é doce de se lembrar. Conta as horrendas desventuras.

TESEU

Invoco a todas as divindades do mundo e a ti, que um reino extenso dominas, e também a ti, a quem em vão procurou tua mãe por todo o mundo: [660] seja- me lícito revelar impunemente as leis ocultas e sepultadas pelas terras.

A terra espartana eleva uma célebre montanha, onde o Tênaro com densos bosques oprime o mar; aqui, a casa do odioso Plutão abre suas bocas e escancara-se um elevado rochedo; numa caverna imensa, abre-se um enorme abismo com suas gargantas colossais e um largo caminho se revela a todos os povos. Primeiramente, a via não principia cega pelas trevas; o tênue brilho da luz deixada pelas costas e o incerto fulgor do sol enfraquecido diminuem e [670] iludem a visão. Assim misturado à noite, o dia costuma apresentar sua luz, cedo ou tarde. Daí, estendem-se amplos espaços com regiões vazias, nas quais avança, imerso, todo o gênero humano; e caminhar não é trabalho: a própria via conduz para baixo. [675] Tal como a agitação do mar amiúde arrasta as embarcações contra a sua vontade, assim também os impelem o ar descendente e o ávido caos; e

as sombras tenazes jamais consentem que seu passo volte para trás.

Dentro de um imenso golfo, o calmo Lete desliza com plácidas águas [680] e tira inquietações, e para que nunca esteja aberta a possibilidade de voltar, ele envolve sua grave correnteza com muitas curvas: tal como o errante Meandro brinca com ondas incertas, avança e detém-se em dúvida se busca a margem ou a fonte. [685] Jaz imóvel o horrível pântano do inerte Cocito; aqui, o abutre, lá geme a sinistra coruja e ressoa o triste presságio de uma infausta ave noturna. Negras folhagens se eriçam numa fronde sombria, onde o Sono indolente ocupa o sobranceiro teixo; [690] e a triste Fome jaz com sua apodrecida boca escancarada e o tardio Pudor esconde seu rosto culpado. Seguem o Medo e o Pavor, a Ruína e a Dor, rangendo os dentes; seguem o negro Luto e a trêmula Enfermidade e também as Guerras cingidas com ferro; escondida, no extremo, [695] a inerte Velhice auxilia o próprio passo com uma bengala.

ANFITRIÃO

Por acaso há em alguma parte terra fértil de Ceres ou Baco?

TESEU

Não germinam prados alegres com verde aparência, nem seara crescida se agita com lene Zéfiro; nenhum bosque tem ramos frutíferos; [700] a estéril vastidão do profundo solo é árida e a horrível terra jaz improdutiva, em eterno abandono - triste fim das coisas, confim do mundo. O ar imóvel permanece parado e a escura noite se assenta nesse mundo vagaroso; tudo é repugnante por sua tristeza, [705] e pior do que a própria morte é a região da morte.

ANFITRIÃO

Que dizes daquele que governa com um cetro as regiões sombrias? Posto em que trono dirige os leves povos?

TESEU

Há um lugar, num obscuro recesso do Tártaro, ao qual uma espessa caligem encerra com pesadas sombras; lá, de uma única fonte manam divergentes águas: uma, semelhante a um rio tranquilo (por esta juram os deuses), que com silenciosa corrente se encaminha ao sacro Estige; outra, feroz, se arrasta com enorme agitação e revolve as pedras com seu turbilhão, [715] o Aqueronte inacessível para ser atravessado novamente. O hostil palácio de Plutão é rodeado pelo duplo rio e sua imensa morada é coberta por um bosque sombrio. Lá, com vasta gruta, pendem os umbrais do tirano: este é o caminho para as sombras, esta é a porta do reino; ao redor dessa entrada, [720] jaz um campo no qual, sentado com soberba expressão, Plutão distribui as almas recém- chegadas. Funesta é a majestade do deus, torva a sua fronte, que todavia traz consigo a imagem de seus irmãos e de sua linhagem tão grandiosa; o seu rosto é o rosto de Júpiter, mas do fulminante. Grande parte do terror desse reino [725] é o seu próprio senhor, a cujo aspecto teme tudo o que é temido.

ANFITRIÃO

É verdadeira a fama dos infernos, de que as leis tardias já são retribuídas e de que os malfeitores, esquecidos de seus crimes, recebem as devidas penas? Que é esse guia da verdade e árbitro da equidade? [730]

TESEU

Não há somente um inquisidor, estabelecido em alta sede, que reparte os tardios juízos aos reús inquietos: dirigem-se àquele foro Minos, de Cnosso; Radamanto, àquele; neste, ouve o sogro de Tétis. O que cada um fez, o mesmo padece; o crime retorna ao autor [735] e o criminoso é molestado por seu próprio exemplo. Vi cruentos comandantes serem encerrados no cárcere e as costas de impotente tirano serem rasgadas por mão plebeia. Todo aquele que é poderoso com brandura e, senhor da vida, conserva suas mãos inofensivas, [740] todo aquele que, pacífico, rege um império não sanguinário e preserva vidas, tendo percorrido, por muito tempo, os longos espaços de uma existência vivificante, ou alcança os céus, ou, feliz, alcança as alegres regiões dos Campos Elíseos, como futuro juiz. Tu - sejas quem for - que governas, abstém-te do sangue humano: [745] teus crimes são avaliados com maior medida.

ANFITRIÃO

Um local específico mantém reclusos os culpados? E, conforme manifesta a fama, suplícios cruéis subjugam os ímpios com perpétuos grilhões?

TESEU

O retorcido Ixíon é arrastado por uma roda veloz; [750] uma grande pedra está assentada na cerviz de Sísifo; em meio a uma torrente, o velho com garganta ressequida persegue as ondas; a água banha o seu queixo, e quando lhe deu confiança, já tantas vezes enganado, a onda desaparece em sua boca; frutos desamparam a sua fome. [755] Tício oferece um eterno banquete a um pássaro. As Danaides incumbem-se de vasos ilusoriamente cheios. Vagam enlouquecidas as ímpias filhas de Cadmo. Uma ave insaciável aterroriza as mesas de Fineu.

ANFITRIÃO

Revela agora a célebre luta de meu filho. [760] De seu tio propício ele obtém um presente ou um espólio?

TESEU

Um lúgubre rochedo pende sobre as lentas águas, onde um estreito vagaroso se torna inerte, com as ondas paradas. Guarda este rio um velho medonho por seus modos e por sua aparência; esquálido, ele transporta os pávidos manes. [765] Pende- lhe a barba desgrenhada, um nó aperta sua toga disforme. Reluzem côncavas as órbitas de seus olhos. Sendo ele próprio o barqueiro, com uma longa vara dirige sua barca. Aproximando da orla a popa livre de carga, ele torna a buscar as sombras. Alcides pede passagem; [770] tendo recuado a multidão, Caronte exclama sinistro: “Aonde vais, descarado? Detém o teu apressado passo!”. O filho de Alcmena não suportou mais delongas: com o próprio remo submete o coagido nauta e escala a popa. A barca, capaz de suportar multidões, [775]

sucumbiu com um único homem. Ele se senta, e ficando mais pesada, a barca bebe o Lete pelos dois lados, com a lateral titubeante. Então, os monstros vencidos se agitam, os ferozes Centauros e os Lápitas excitados para a guerra por conta de muito vinho; buscando as últimas curvas do pântano estígio, [780] mergulha sua fecunda cabeça, o trabalho de Lerna. Depois disso, surge a casa do avaro Plutão: aqui, amedronta as sombras o selvagem cão estígio, que guarda o reino agitando sua trina cabeça com grande som. Cobras lambem sua cabeça suja com sangue corrompido, [785] pelos de víboras se eriçam e uma longa serpente sibila em sua cauda retorcida. Sua ira é semelhante à sua forma: tão logo sente o movimento de pés, ergue as cabeleiras hirtas, com a serpente agitada e com a orelha levantada capta o som enviado, [790] habituado a sentir até as sombras. Assim que o nascido de Júpiter se deteve mais próximo ao antro, o cão, inseguro, sentou-se e ambos temeram. Eis que aterroriza os mudos lugares com seu grave latido; sibila a ameaçadora serpente por todas as suas espáduas. O fragor da horrenda voz [795] emitido por sua tripla boca apavora também as sombras felizes. Então, Hércules desata os feros rictos e põe diante de si a cabeça de Cleonas e se protege com o imenso escudo; trazendo uma grande clava em sua mão vitoriosa, [800] com incessantes golpes ele a brande, ora aqui, ora lá, e reitera as pancadas. Domado, o cão cessou as ameaças e abaixou, cansado, todas as cabeças e retirou-se por inteiro da caverna. Assustaram-se ambos os senhores, assentados em seu trono, e ordenaram que conduzissem o cão; [805] entregaram-me também, como presente, ao suplicante Alcides. Depois disso, afagando com sua mão os pesados pescoços do monstro, prendeu-os com o tecido adamantino. Esquecido de si, o sempre vigilante cão de guarda do reino sombrio abaixa, tímido, as suas orelhas e - tolerando ser arrastado, reconheceu o seu dono, obediente, com a boca submissa [810] - toca ambos os lados com sua cauda anguífera. Depois que chegou às bocas do Tênaro e o brilho da luz desconhecida atingiu seus olhos não habituados, o cão vencido recobrou os ânimos e, delirante, [815] sacudiu as imensas correntes. Quase arrebatou o vencedor e lhe arrastou, inclinado para trás, deslocando o seu passo. Nesse instante, Alcides volveu os olhos para minhas mãos; com as forças duplicadas, trouxemos ao orbe o cão, enlouquecendo de ira e tentando guerras inúteis. Assim que Cérbero viu o claro dia e contemplou os puros espaços do céu resplandecente, a noite surgiu e apresentou à terra suas luzes; o cão apertou seus olhos e repeliu o detestável dia, desviou o olhar para trás e atirou-se à terra com [825] toda a sua cerviz; então, escondeu as cabeças sob a sombra de Hércules.

Mas eis que vem uma multidão numerosa com alegre aclamação, trazendo o louro nas frontes e cantando merecidos louvores ao grandioso Hércules.

* * *

CORO

Nascido de parto prematuro, [830]
Euristeu ordenara que penetrasse o fundo do
mundo. Somente este faltava ao número dos
trabalhos, espoliar o rei da terceira partilha. Ousaste

adentrar os cegos acessos, por onde uma via
conduz aos manes remotos, [835] triste e negra selva
medonha, mas frequentada por imensa turba que
nela se junta. Tal como um povo caminha pelas
cidades, ávido, aos jogos de um novo teatro, tal
como corre ao Tonante da Élida, [840] quando o
quinto estio novamente convoca os ritos; tal como
a turba - quando torna a crescer o tempo da longa
noite, e a Libra justa, desejosa de sonos tranquilos,
retém os carros de Febo - que frequenta o
mistério de Ceres [845] e, deixadas as casas, os
ligeiros iniciados de Atenas se apressam a celebrar a
noite: assim a turba é impelida pelos campos
silentes. Uma parte, vagarosa pela velhice, caminha
triste e saciada pela longa vida; outra parte, ainda,
de melhor idade, corre: virgens ainda não ligadas
pelos tálamos e efebos com os cabelos ainda não
consagrados, e o infante que há pouco aprendeu o
nome da mãe. Somente a estes foi dado, para que
temessem menos, [855] suavizar a noite com o fogo
posto adiante. Os outros caminham tristes pelas
escuras regiões.
Qual é o vosso ânimo, quando, removida a
luz, cada um, triste, sente que sua cabeça está
sepultada pela terra? [860] Jazem o denso caos e as
trevas horrendas, e a cor funesta da noite ou o ócio
do mundo silente e as nuvens vazias. Que a velhice
nos envie para lá tardiamente! Ninguém vai tarde a
esse lugar, donde, [865] uma vez que foi, nunca
pode retornar. O que ajuda apressar esse duro
destino? Toda essa multidão que vaga por grandes
terras irá aos manes e navegará até o inerte Cocito.
Tudo cresce para ti, [870] não só o que o ocaso vê,
mas também o orto; poupa os que virão: para ti, ó
Morte, nos preparamos. É lícito que sejas
preguiçosa: nós mesmos nos apressamos; a primeira
hora que deu a vida a colhe.

Um dia feliz se aproxima de Tebas. Tocai
reverentes os altares, sacrificai gordas vítimas;
jovens mulheres misturadas a varões entoem coros
solenes. Descansem, deposto o jugo, [880] os
habitantes do campo fértil. Pelas mãos de Hércules
há paz entre Aurora e Héspero e onde o sol,
ocupando o meio, nega a sombra aos corpos; [885]
todo solo que é banhado pelo extenso contorno de
Tétis o trabalho de Alcides domou. Tendo
atravessado os vaus do Tártaro, ele retornou dos
ínferos pacificados. [890] Já não resta temor algum:
nada jaz além dos ínferos.
- As eriçadas cabeleiras, ó tu que
sacrificas, cobre-as com o dileto choupo.

QUARTO ATO

HÉRCULES. TESEU (em silêncio). ANFITRIÃO. MÉGARA. CORO

HÉRCULES

Estatelado por minha destra vingadora, [895] com a face contra a terra caiu Lico; ademais, quem quer que tenha sido companheiro do tirano tombou, companheiro também de seu castigo. Agora, vencedor, ofereceria sacrifícios a meu pai e aos súperos e honrarei os merecedores altares com vítimas imoladas.

A ti, companheira e ajudante de meus trabalhos, a ti invoco, [900] ó belígera Palas, em cuja esquerda tua égide profere ameaças ferozes com sua boca petrificante. Esteja presente o vencedor de Licurgo e do rubro mar, portando sua lança coberta com o tirso verdejante; e os numes gêmeos, Febo e a irmã de Febo [905] (a irmã é mais apta para as setas; Febo, para a lira) e todo irmão meu que habita o céu, irmão que não venha de minha madrasta. Trazei para cá opimos rebanhos; tudo o que se corta dos campos da Índia, tudo o que os árabes colhem de árvores odoríferas [910] amontoai nos altares, transborde o vapor da gordura. Que a árvore do choupo enfeite meus cabelos. A ti, Teseu, cubra um ramo de oliveira, com a folhagem da tua nação. Minha mão ao Tonante adorará, e tu, aos fundadores da cidade e às grutas silvestres [915] do selvagem Zeto; cultues Dirce, de nobre água, e o Lar tírio, de rei estrangeiro - entregai o incenso às chamas.

ANFITRIÃO

Filho, primeiro purifica as tuas mãos, gotejantes pela sangrenta e hostil matança.

HÉRCULES

Oxalá que eu pudesse fazer libação aos deuses com o sangue da odiosa cabeça! [920] Nenhum líquido mais aprazível teria banhado os altares; nenhuma outra vítima mais ilustre e mais opulenta do que um rei iníquo pode ser imolada a

Júpiter.

ANFITRIÃO

Pede que teu pai ponha um fim aos teus trabalhos, e que finalmente seja concedido o ócio e o descanso aos fatigados.

HÉRCULES

Eu mesmo conceberei preces dignas de Júpiter e de mim. Permaneçam em seu lugar o céu, a terra e o mar; que os astros eternos percorram cursos desimpedidos; profunda paz alimente os povos; que o trabalho de inofensivo campo retenha todo ferro: [930] ocultem-se as espadas. Nenhuma tempestade violenta perturbe o mar; nenhum raio seja lançado pelo irado Júpiter; nenhuma torrente, alimentada pela neve do inverno, arraste os campos arruinados. Cessem os venenos, nenhuma erva perniciosa [935] se intumesça com suco letal. Não reinem tiranos cruéis ou violentos; se a terra ainda há de trazer algum crime, que se apresse, e se prepara algum monstro, que seja meu!

- Mas o que é isto? As trevas encobriram o meio-dia. Febo caminha com o rosto obscuro, [940] sem nuvem. Quem afugenta o dia para trás e o impele ao orto? Donde uma noite ignota exibe sua negra cabeça? Donde tantas estrelas diurnas enchem o céu? Eis aqui o meu primeiro trabalho: o Leão refulge em parte não mínima do céu, [945] ferve de ira por inteiro e prepara o ataque. Logo arrebatará algum astro: está ameaçador com sua ingente boca, e expele chamas e brilha, com sua cerviz agitando a juba; tudo o que o grave outono e o frio inverno trazem de volta no gélido espaço, [950] tudo com único ímpeto ele ultrapassará e também atacará e quebrará o pescoço do Touro primaveril.

ANFITRIÃO

Que súbito mal é esse? Aonde, meu filho, diriges acerbos olhares, aqui e acolá? Com perturbada visão vês um falso céu?

HÉRCULES

A terra foi completamente subjugada, cessaram as túmidas águas, [955] os reinos infernais sentiram meu ímpeto; o céu está imune, digno trabalho do alcida. Aos altos espaços do mundo, sublime seja eu elevado, seja alcançado o éter; meu pai me promete os astros. O que? Se ele negaria? A terra não aprisiona Hércules [960] e finalmente o devolve aos súperos. Além disso, eis que toda a assembleia dos deuses me chama e abre suas portas, opondo-se apenas uma. Tu me recebes e abres o céu? Ou arrasto a entrada do mundo contumaz? Ainda duvidas? Desatarei os grilhões de Saturno e, [965] contra o reino de um pai ímpio, soltarei, insolente, meu avô. Preparem guerras os Titãs delirantes, tendo-me por chefe. Rochedos com selvas transporte e arrebate montes cheios de Centauros. Com montes duplicados prepare já um caminho aos súperos. [970] Que, sob o Ossa, Quíron veja o seu Pélion; posto como terceiro degrau, o Olimpo chegará ao céu ou a ele será arremessado.

ANFITRIÃO

Afasta para longe tais sentimentos abomináveis! De teu peito pouco são, porém grande, reprime o ímpeto demente. [975]

HÉRCULES

O que é isto? Os Gigantes pestíferos agitam suas armas. Tício escapou das sombras e, trazendo o peito lacerado e inane, quão próximo ao céu ele se posicionou! Citéron se abala, a elevada Palene estremece e murcham as belezas do Tempe. Este arrebatou os cimos do Pindo, [980] aquele arrebatou o Eta; Mimante se enfurece horrendamente. Flamífera Erínis ressoa com seu agitado azorrague e estende perante minha face, mais perto e mais perto, estacas queimadas em piras funerárias. A furiosa Tisífone - a cabeça armada com serpentes - depois de ter sido raptado o cão, [985] fechou a porta vacante com a tocha oposta.

- Mas eis que se esconde a prole do rei inimigo, a descendência nefanda de

LICO

Ao odioso pai esta destra já vos devolverá. Que o arco arremesse leves flechas: assim convém serem lançados os dardos de Hércules. [990]

ANFITRIÃO

Aonde se arrojou o cego furor? Ele flexionou o vasto arco, com as extremidades pressionadas, e soltou a aljava; ressoa estrídula a flecha lançada com ímpeto. No meio do pescoço cravou-se a seta, deixando uma ferida.

HÉRCULES

Destruirei as prole restante [995] e todos os seus esconderijos. Por que me demoro? Resta-me uma guerra maior em Micenas, para que desmoronem seus rochedos de Ciclopes, arruinados por minhas mãos. Para aqui e para lá vá a sua porta, derrubado o ferrolho e rompam-se os umbrais. Empurrado, desabe o cimo do batentes. [1000] Transparece todo o palácio real: vejo aqui escondido um filho do pai celerado.

ANFITRIÃO

Eis que, estendendo as delicadas mãos aos joelhos, roga com voz miseranda. Que crime nefando, triste e horrendo por seu aspecto: com sua destra Hércules arrebatou o suplicante e, girando-o diversas vezes, [1005] arremessou-o, delirando. Sua cabeça, todavia, ressoou: os tetos impregnaram-se com o cérebro disperso. Por outro lado, mísera, protegendo em seu seio o pequeno filho, Mégara foge do esconderijo semelhante a uma louca.

HÉRCULES

Ainda que te escondas, fugitiva, no seio do Tonante, [1010] esta destra te buscará onde quer que seja e te trará.

ANFITRIÃO

Aonde vais, mísera? Que fuga ou esconderijo buscas? Com Hércules por inimigo, não existe local de salvação. Antes, tenta abraçá-lo e acalmá-lo com branda súplica.

MÉGARA

Pára agora, meu esposo, eu te suplico, [1015] reconhece Mégara! Este filho reproduz teus traços e teus modos. Percebes como ele estende suas mãos?

HÉRCULES

Observo minha madrasta. Segue-me, recebe o castigo, e liberta do torpe jugo o oprimido Júpiter; porém, antes da mãe, pereça este pequenino monstro. [1020]

ANFITRIÃO

Aonde vais, demente? Derramarás teu próprio sangue? Apavorada pelo ígneo semblante do pai, a criança perece antes do golpe: o medo arrebatou-lhe o espírito. Na esposa, agora, é lançada a pesada clava: quebrou-lhe por completo os ossos, ao corpo mutilado falta a cabeça, [1025] que não está em nenhuma parte. (dirigindo-se a si mesmo) - Ousas contemplar tal coisa, ó velhice tão duradoura? Se o luto aborrece, tens a morte preparada. (dirigindo-se a Hércules) - Crava os dardos em meu peito, ou melhor, a ele volta essa estaca impregnada com o sangue dos monstros; aniquila este pai falso e indigno de teu nome, [1030] para que não seja importuno à tua glória.

CORO

Para que, ancião, a ti próprio ofereces ao encontro da morte? Aonde vais, demente? Foge e, escondido bem longe, furta esse único crime às mãos de

HÉRCULES

HÉRCULES

Está bem: foi destruída a casa do aviltante rei. [1035] Sacrifiquei esta grei consagrada a ti, ó esposa do maioral Júpiter; com gosto cumpri estes votos dignos de ti e Argos dará a ti outras vítimas.

ANFITRIÃO

Ainda não completaste a imolação, meu filho: consuma o sacrifício. Eis aqui a vítima no altar, ela espera a tua mão [1040] com a cerviz inclinada; ofereço-me, apresento-me, sigo: mata! - O que é isto? Falha a acuidade de meus olhos e a mágoa embota minha visão ou de fato vejo as mãos trementes de Hércules? Seu rosto cai em sono e o pescoço desaba, fatigado, com a cabeça baixa. [1045] Com o joelho flexionado, ele todo já desaba à terra, como o freixo caído nos bosques ou então como o molhe que dará um porto ao mar. Vives ou porventura te entregou ao falecimento o mesmo delírio que enviou os teus à morte? É um sono profundo: um movimento produz alternadas respirações. [1050] Seja concedido o tempo de repouso, para que a força vencida da enfermidade alivie, com sono pesado, o seu peito oprimido. - Removei os dardos, fâmulos, para que não os retome o delirante.

* * *

CORO

Estejam enlutados o céu [1054] e o grande

pai do alto éter, [1054bis] e a terra fértil e as ondas

errantes do mar inconstante, e, antes de todos, tu,
[1057] que pelas terras e pelos espaços do mar
[1057bis] dispersas teus raios e a noite afugentas
com teu rosto formoso, ó fogoso Titã; [1060]
contigo, [1060bis] Alcides igualmente viu o ocaso e
o orto e conheceu as tuas duas moradas.
Livrai o seu espírito de tantos monstros, ó
súperos, livrai-o; [1064] tornai reta a sua mente, em
melhor estado. [1064bis]
E tu, ó Sono domador de males, repouso
da alma, melhor parte da vida humana, ó volátil
descendente de astrífera mãe, lânguido irmão da
dura Morte, que misturas coisas falsas com
verdadeiras, [1070] certeiro e igualmente péssimo
autor do futuro, paz das coisas, porto da vida,
descanso da luz e companheiro da noite, que vens
igualmente ao rei e ao fâmulo, que ao gênero
humano, temeroso da morte, [1075] obrigas a
conhecer a longa noite: calmo e suave, acolhe o
cansado e com pesado torpor retém o subjugado;
que o sono profundo detenha seus indômitos
membros e não abandone o torvo peito [1080] antes
que sua mente de outrora recupere seu curso.
Eis que, estendido no solo, revolve
sonhos violentos em seu feroz coração - ainda
não foi superada a desgraça de tão grande mal - e,
habituado a entregar sua cabeça cansada [1085bis] à
pesada clava [1085], busca esse peso na destra vazia,
agitando os braços em um movimento vão, e até
agora não expulsou todas as suas perturbações; mas
- como uma onda agitada por ingente Noto
conserva longos tumultos [1090] e se incha, já
cessado o vento - assim Hércules conserva suas
perturbações. Repele os insanos turbilhões da alma!
Retornem ao varão a piedade e a virtude! Ou, de
preferência, seja excitada a sua mente por
desvairado movimento: [1095] que o cego erro vá

por onde começou. Agora, só o delírio pode te
garantir como inocente; [1098] a sorte mais próxima
das mãos puras [1098bis] é desconhecer o crime.
Agora, ressoe o peito percutido pelas
mãos de Hércules. [1101] Aos braços acostumados a
carregar o mundo, [1101bis] firam os açoites com
mão vingadora. Que o éter escute os grandes
gemidos, escutem-nos a rainha do polo sombrio e
aquele, feroz, [1105] que traz seus pescoços presos
com grandes correntes, Cérbero, que jaz oculto em
seu antro profundo, escute-os também o ar [1110]
(que melhor sentira, todavia, os teus dardos!).
Peitos dominados por tamanhos males não deverão
ser feridos por um golpe leve. Com um só pranto
ressoem os três reinos!
E tu, ornato e arma durante tanto tempo
suspenso em seu pescoço, ó flecha vigorosa, e tu,
pesada aljava, [1117] lançai cruéis açoites no dorso
feroz. [1117bis] Carvalhos abatam os fortes ombros
e um tronco potente oprima seu peito com duros
nós. [1120] Que as armas lamentem tão grandes
dores!
Vós, que não fostes companheiros da
glória paterna, que a reis cruéis vingastes com a
desgraça, que não fostes ensinados a exercitar os
membros [1125] no ginásio argivo - fortes na luta,
fortes na mão [1125bis] - agora, porém, ousastes
brandir o leve dardo da aljava cita, lançado com
mão certeira, e transpassar todos os cervos em sua
fuga, mas não o dorso da fera cabeluda. [1130]
Ide aos portos estígios, ó sombras, ide, ó
inocentes, a quem - no primeiro limiar da vida -
o crime e o delírio do pai destruiu: ide, ó meninos,
infausta descendência, [1135] pelo triste caminho do
notório trabalho. Ide, visitai os reis irados.

QUINTO ATO

HÉRCULES. ANFITRIÃO. TESEU

HÉRCULES

Que lugar é este? Que região, que território do mundo? Onde estou? Sob o nascer do Sol ou sob o ponto da Ursa glacial? Porventura a terra mais remota do mar da Hespéria [1140] confere este limite ao Oceano? Que ares respiro? Que solo jaz sob este homem cansado? Certamente regressei. Donde vejo corpos ensanguentados, deitados numa casa? Acaso minha mente ainda não se livrou das imagens infernais? Também depois de retornado [1145] uma turba funesta vaga em torno de meu olhos? Envergonha-me confessá-lo: tenho medo; ignoro, ignoro que grande mal pressagia meu espírito. Onde estás, meu pai? Onde está aquela esposa orgulhosa de sua prole? Por que meu lado esquerdo está livre [1150] do espólio do Leão? Para onde foi meu escudo e também o suave leito para o sono hercúleo? Onde estão os dardos? Onde está o arco? Estando eu vivo, quem pôde me tirar as armas? Quem me tomou tantos despojos e quem não se atemorizou com o próprio sono de Hércules? [1155] Agradaria- me ver o meu vencedor, agradaria-me. - Levanta-te, virtude! A quem, novo, abandonado o céu, o pai gerou, em cujo parto a noite foi mais longa que a minha?

- Que crime contemplo? Meus filhos jazem mortos por cruento massacre, [1160] jaz perecida minha esposa. Que Lico ocupa meu reino? Retornado Hércules, quem ousou tramar tamanhos crimes em Tebas? Sejas quem for que habitas as regiões do Ismeno, que cultivas os campos da Ática, que habitas os reinos do Pélops dardânio, tocadas por um duplo mar: [1165] socorre-me, indica o autor desta cruel calamidade. Desabe minha ira sobre todos: o inimigo e quem não me mostra o inimigo. Vencedor do alcida, te escondes? Aparece, quer tu reivindiques os ferozes corcéis do sanguinário trácio, quer reivindiques o gado de Gerião [1170] ou os senhores da Líbia; não deve haver demora para lutar. Eis me aqui, desnudo; ou se o queres, é licito que com minhas armas me ataques inerme.

Por que Teseu e meu pai evitam meus olhares? Por que escondem seus rostos? Dispersai o choro; quem a todos os meus, simultaneamente, entregou à morte? [1175] Dize. Por que te calas, meu pai? Ao menos tu, ó Teseu, revela! Por tua fidelidade, Teseu. Ambos cobrem, tácitos, os rostos pudicos e furtivamente derramam lágrimas. Em meio a tamanhas desgraças, o que deve causar vergonha? Por acaso o tirânico soberano [1180] da cidade argiva, por acaso o encarniçado exército do perecido Lico nos aniquilou com tão grande flagelo? Pelo mérito de minhas façanhas, rogo-te, meu pai, e pelo poder do teu nome, sempre favorável a mim: fala! Quem abateu minha casa? [1185] Caí como presa de quem?

ANFITRIÃO

Silenciosos, assim vão-se os males.

HÉRCULES

Para que eu fique sem vingança?

ANFITRIÃO

A vendeta amiúde prejudica.

HÉRCULES

Algum covarde tolerou tamanhos males?

ANFITRIÃO

Aquele que temeu males maiores.

HÉRCULES

Pode-se temer algo ainda maior e mais pesado que isto, meu pai? [1190]

ANFITRIÃO

Quão pequena é essa parte da tua desgraça de que tomaste conhecimento!

HÉRCULES

Compadece-te de mim, meu pai, estendo-te minhas mãos súplices. Que é isto? Minha mão recua. Aqui erra o crime. Donde este sangue? Por que aquela flecha embebida com a morte de um menino. Está tingida pela morte de Lerna. [1195] Agora vejo os meus dardos. Não procuro conhecer a mão. Quem pôde flexionar meu arco ou que destra pôde curvar a corda que cede apenas a mim? Volto-me a ti, meu pai: este crime é meu? Calaram-se. O crime é meu.

ANFITRIÃO

Este luto é teu, [1200] o crime é de tua madrasta; esta desgraça carece de culpa.

HÉRCULES

Agora, desde toda parte, meu pai, troveja irado: esquecido de mim, vinga pelo menos os teus netos, com mão tardia. Ressoe o firmamento estrelado e que lancem chamas este e aquele polo. [1205] Rochas do Cáspio e ávido pássaro arrastem meu corpo amarrado. Por que estão vazios os rochedos de Prometeu? Por que esta vazio, com seu vértice imenso, o escarpado flanco do Cáucaso, alimentando feras e aves, desnudo de bosques? Aquelas Simplégadas, [1210] que reduzem o mar da Cítia, distendam minhas mãos no alto mar, de um lado e de outro; e quando, chegada a vez, as pedras se juntarem, elevem ao céu o mar que está no meio delas, agitados os rochedos de uma parte a outra, que eu fique como turbulento obstáculo desses montes. [1215] Amontoados os lenhos, empilhado o material acumulado, por que não queimo o meu corpo, espargido com ímpio sangue? Assim, assim deve ser feito: devolverei Hércules aos ínferos.

ANFITRIÃO

Ainda não privado de assombrosa perturbação, seu peito deslocou as iras, e, o que é próprio da loucura, [1220] enraiveceu-se contra si próprio.

HÉRCULES

Sinistras regiões das Fúrias, cárcere dos ínferos e plaga destinada à turba nociva! Se algum exílio se esconde além do Érebo, desconhecido para Cérbero e para mim, oculta-me nesse lugar, ó Terra; ao extremo confim do Tártaro [1225] irei para ficar.

Ó peito excessivamente cruel! Espalhados por toda a casa, ó filhos, quem vos poderá prantear dignamente? Este rosto, embrutecido pelos males, não sabe chorar. Dai- me cá o arco, dai-me cá as setas, para cá dai-me a grande clava. [1230] A ti quebrarei meus dardos, a ti, meu filho, arrebentarei meu arco; minha pesada clave, porém, queimarei para as tuas sombras; a própria aljava, repleta com os dardos de Lerna, irá às tuas piras - sejam punidas as minhas armas. Também vos queimarei, [1235] ó mãos de madrasta, desgraçadas por meus dardos

ANFITRIÃO

Quem, em algum lugar, acrescentou o nome de crime a um erro?

HÉRCULES

Muitas vezes um imenso erro ocupou o lugar de um crime.

ANFITRIÃO

Agora é necessário um Hércules: suporta esta imensidão de males.

HÉRCULES

Assim não cedeu meu pudor, extinto pela loucura, [1240] de modo que eu afugente todos os povos com meu ímpio aspecto. Minhas armas, minhas armas, Teseu, exijo que me sejam restituídas depressa as coisas que haviam sido retiradas. Se minha mente está sã, devolvei os dardos às minhas mãos; se permanece a loucura, meu pai, afasta-te: que eu encontre o caminha da morte. [1245]

ANFITRIÃO

Pelos sagrados ritos de minha família, pelo direito de ambos os meus nomes, quer me chames de tutor, quer de pai; pelos meu cabelos brancos honrados pelos piedosos, respeita a minha velhice desamparada e os meus fatigados anos, eu te suplico. Único sustentáculo de uma casa arruinada, [1250] única luz a um afligido por calamidades, preserva-te a ti mesmo. Fruto algum dos teus trabalhos me alcançou; sempre temi o dúbio mar ou os monstros; qualquer rei cruel que enlouqueça, em todo o mundo, fazendo o mal com suas mãos ou altares, [1255] é temido por mim; pai de alguém sempre ausente, reclamo a fruição de ti, o teu toque, a visão de ti.

HÉRCULES

Não há razão alguma para que eu detenha minha alma nesta luz e me demore por mais tempo. Já perdi todos os meus bens: mente, armas, fama, esposa, filhos, mãos [1260] e até mesmo a loucura. Ninguém poderia tratar um espírito corrompido; meu crime deve ser sanado com a morte.

ANFITRIÃO

Estás a destruir teu pai.

HÉRCULES

Para que não possa fazê-lo, pereço.

ANFITRIÃO

Perante teu genitor?

HÉRCULES

Ensinei-lhe a contemplar um crime nefando.

ANFITRIÃO

De preferência considerando os feitos que serão rememorados por todos, [1265] pede perdão por teu único crime.

HÉRCULES

Concederá o perdão a si próprio, aquele que a ninguém o concedeu? Os feitos que serão louvados, executei-os ordenado: este único é meu. Socorre-me, meu genitor; quer te mova a piedade, quer o triste fado ou o violado decoro de minha virtude, [1270] traze-me as armas. Por minha destra seja vencida a Fortuna.

TESEU

Por certo as preces paternas são bastante eficazes, mas comove-te também com o meu pranto. Levanta-te e aniquila as adversidades com o teu ímpeto costumeiro. Agora, recobra o teu ânimo sem igual [1275] perante nenhum mal; agora, a grande virtude deve ser desempenhada por ti; impede Hércules de irar-se.

HÉRCULES

Se vivo, cometi crimes; se morro, suportei-os. Apresso-me a purificar as terras. Há muito tempo me ronda um monstro ímpio e cruel, acerbo e feroz: [1280] vai, minha destra, tenta empreender uma obra ingente, maior que teus doze trabalhos. Covarde, protelas? Ainda há pouco eras forte contra meninos e pávidas mães? Se não me forem entregues as armas, derrubarei toda a elevada floresta do Pindo trácio [1285] e comigo queimarei os bosques sagrados de Baco e os cimos de Citéron ou todos os abrigos, com seus domésticos e senhores; os templos tebanos com todos os deuses suportarei sobre o meu corpo e ficarei sepultado na cidade destruída; [1290] e se as muralhas caírem sobre os meus fortes ombros, arrojadas como leve peso, e se, enterrado pelas sete portas, eu não for esmagado o bastante, o peso no qual meia parte do mundo se assenta e o qual divide os súperos, isso entornarei sobre minha cabeça.

ANFITRIÃO

Devolvo-te as armas.

HÉRCULES

É uma fala digna do genitor de Hércules. [1295] Eis que neste lugar o menino caiu morto por um dardo.

ANFITRIÃO

Juno atirou este dardo por meio de tuas mãos.

HÉRCULES

Que agora eu o utilize.

ANFITRIÃO

Eis o quão mísero meu coração palpita pelo medo e, ansioso, fere meu peito.

HÉRCULES

A flecha está preparada.

ANFITRIÃO

Eis que agora cometerás um crime, [1300] voluntariamente e estando consciente.

HÉRCULES

Dize, o que ordenas que seja feito?

ANFITRIÃO

Nada peço; minha dor está em segurança: só tu podes preservar o meu filho; nem tu podes arrebatá-lo de mim. Livrei-me do medo máximo: deveras não podes me tornar miserável; podes me fazer feliz. [1305] Assim, decide; o que quer que decidas, saibas que a tua causa e a tua fama estão em apuros e em perigo: ou vives ou me matas. Esta alma leve e cansada pela velhice e não menos cansada pelos males, tenho-a no começo de minha boca. Tão lentamente [1310] alguém dá a vida a seu pai? Não suportarei mais demora, cravarei o ferro letal em meu peito marcado; aqui, aqui jazerá o crime de um Hércules são.

HÉRCULES

Retém agora, meu pai, retém, recua agora a tua mão. Sucumbe, ó virtude, cumpre a ordem de meu pai. [1315] Acrescente-se aos trabalhos hercúleos também este: vivamos! Teseu, ergue do solo os membros abatidos de meu pai; minha destra criminosa evita os contatos piedosos.

ANFITRIÃO

Com prazer eu acolho esta mão, nela irei apoiado: aproximando-a de meu peito angustiado, [1320] expulsarei minhas dores.

HÉRCULES

A que lugar recorreria como prófugo? Onde me esconderia ou em que terra sepultar-me-ia? Que Tânais ou que Nilo, que Tigre violento de onda pérsica, que Reno feroz ou que Tago turbulento, a fluir com sua riqueza ibérica, [1325] poderá lavar minha destra? Ainda que a gélida Meótida em mim derrame o ártico mar e Tétis inteira corra por minhas mãos, o crime permanecerá ligado profundamente às minhas mãos.

A que terras, ímpio, tu te recolherás? Procurarás o orto ou o ocaso? [1330] Conhecido por toda parte, perdi o lugar para meu exílio. O orbe me evita; oblíquos, os astros percorrem cursos transversos; o próprio Titã viu Cérbero com melhor expressão.

Ó Teseu, leal cabeça, busca para mim um esconderijo longínquo, secreto; [1335] visto que, juiz do crime alheio, sempre amas os culpados, retribui a gratidão e a recompensa por meus méritos: devolve-me aos infernos, eu te suplico, reconduzido às sombras; entrega-me, sujeito aos teus grilhões; aquele lugar me ocultará [1340] - mas ele também me conheceu.

TESEU

A minha terra te aguarda. Lá, Gradivo restituiu às armas suas mãos, purificadas de um massacre. Ela te chama, Alcides, a terra que costuma tornar inocentes os súperos.

HÉRCULES NO ETA

LÚCIO ANEU SÊNECA

Tradução de José Geraldo Heleno

ARGUMENTO

Após conquistar Ecália, Hércules envia para casa a jovem Íole. Dejanira, temendo ser substituída, recorda o sangue que o centauro Nesso lhe entregara antes de morrer e, enganada pela promessa de um filtro amoroso, impregna com ele uma veste destinada ao marido. O veneno se ativa durante um sacrifício e consome o corpo do herói. Ao saber das consequências de seu gesto, Dejanira mata-se. Hércules ordena que Hilo se case com Íole e que Filoctetes erga sua pira no monte Eta. O fogo destrói sua parte mortal; depois, uma voz celeste anuncia a Alcmena que o filho foi recebido entre os deuses. A morte converte-se, assim, no último trabalho e na apoteose de Hércules.

Obra transmitida no corpus de Sêneca; sua autoria é discutida.

PERSONAGENS

Hércules
Licas, personagem muda
Iole
Dejanira
Ama
Hilo
Alcmena
Filoctetes
Coro das virgens ecálias
Coro das mulheres etólias
Servos de Hércules

PRIMEIRO EPISÓDIO (PRÓLOGO)

<HÉRCULES, LICAS, ESCRAVOS, CORO DAS MULHERES ECÁLIAS>

HÉRCULES

(1) Ó Pai dos deuses, de cuja mão, ambas as moradas de Febo sentem o raio atirado, reina com segurança: - eu te trouxe a paz, em qualquer lugar onde Nereu impede que as terras se estendam (mar a dentro) (5). Não precisas troar: os pérfidos reis jazem por terra; todo cruel tirano, que havia e que era para tu fulminares, nós já destruímos. Mas o céu, ó pai, ainda me é negado? Eu me mostrei certamente, digno de Júpiter, por toda parte, e minha madrasta atestou que tu és meu pai. Por que, pois, tramas demoras (10)? Por acaso sou temido? Por acaso Atlas não poderá sustentar Hércules colocado sobre si juntamente com o céu? Por que, meu pai, por que me negas os astros? A morte certamente me devolveu a ti (15). Capitulou todo o mal, que geraram a terra, o mar, o ar e os infernos: nenhum leão erra mais pelas cidades da Arcádia; a Estinfálide foi golpeada; não mais existe uma fera de Mênalo; a serpente aniquilada cobriu de sangue o bosque (das Espérides) com seus pomos de ouro, a hidra derramou seu veneno (20), e eu dispersei no Hebro os gordos rebanhos (de Diomedes) conhecidos pelo sangue dos estrangeiros, e arranquei os espólios da belicosa habitante do Termodonte. Venci aquele que tem poder sobre a morte, e não apenas voltei, como também o dia apavorado viu o negro Cérbero, e, este contemplou o sol (25); nenhum Anteu da Líbia recuperou sua energia, Busíris caiu diante de seus altares, Gerião foi dominado apenas com minha mão, bem como o horrível touro, temor de cem povos. Tudo o que a terra hostil gerou foi derrotado por minha mão direita (30): aos deuses não foi permitido permanecer irados. Se o mundo me nega as feras, a madrasta me nega a alma, devolve agora o pai ao filho, ou os astros ao forte. Não te peço que me mostres o caminho; dá-me somente a permissão, pai: o caminho eu encontrarei. Ou se temes que a terra engendre monstros (35), que ela se apresse em

(criar) qualquer mal, enquanto a terra tem e vê Hércules. Pois, quem enfrentará qualquer espécie de mal? Ou quem, digno do ódio de Juno, estará de volta pelas cidades de Argos? Conduzi com segurança minhas glórias. Nenhum país silencia sobre mim (40). Conheceram-me a raça dos Citas, sob a Ursa gelada, os Indianos que (no Oriente) habitam sob Febo, e os Líbios (que habitam) sob Câncer. A ti, brilhante Titã, tomo por testemunha: estive contigo em todos os lugares onde brilhas, e tua luz não pôde acompanhar os meus triunfos. Passei à frente dos ciclos alternados do sol, (45) e o dia ficou contido dentro da minha jornada. A natureza perdeu para mim: faltou terra para meus passos. A natureza se cansou primeiro. A noite e o caos distante correram ao meu encontro: dali, donde ninguém volta, eu voltei a este mundo. Suportei as ameaças de Oceano (50) e nenhuma tempestade foi capaz de quebrar meu barco, não importando o lugar por onde passei. Que participação é essa de meu tio paterno? O éter ainda vazio (de Hércules) não pode bastar ao ódio de tua esposa, a terra teme conceber feras que eu venha a vencer e não inventa monstros (55). Feras me são negadas. E Hércules começa a ocupar o lugar de monstro. Quantos males eu combati, quantos crimes venci desarmado! O que quer que de temível se me opôs, minhas mãos sozinhas o abateram. Nem como adolescente eu temi as feras e nem como criança. Tudo o que me é ordenado é fácil (60). Nenhum dia brilhou para mim na ociosidade. Ó quantos monstros venci, sem que nenhum rei mo tenha ordenado! A força se manifestou em mim mais terrível do que em Juno. Mas de que me aproveita ter tornado a humanidade livre dos medos? Os deuses não têm paz (65): toda a terra, uma vez purificada, vê no céu tudo aquilo que temeu: Juno para lá transferiu as feras. Câncer aniquilado circula pela região tórrida e é tido como a constelação da Líbia, e faz crescer os trigais. O leão leva para Astréia o ano fugaz (70). E ele próprio, agitando com o pescoço a juba ardente, resseca o úmido Austro e aspira as nuvens. Eis que toda fera já invadiu o céu e me antecedeu. E eu, vencedor, daqui da terra contemplo meus feitos. Juno concedeu os astros primeiro aos monstros (75) e às feras, para tornar a mim o céu temível. Ainda que ela tenha contaminado de monstros o mundo (inteiro), e, irada, torne o céu pior do que a terra e pior do que o Estige, um lugar será reservado a Alcides! Se depois das feras, depois das guerras, depois do cão do Estige (80), ainda não mereci os astros, que o (monte) Peloro da Sicília se una ao litoral de Hespéria, formando assim um único território; eu dali afastarei os mares. Se ordenares que mares sejam reunidos, que o Istmo reúna as águas, e uma vez reunidos os mares, os navios áticos sejam conduzidos por nova rota (85). Que se mude o mundo: que corra o Istro por novos vales, e o Tânais tome outras direções. Dá-me, Júpiter, dá-me, pelo menos, deuses para eu proteger. Daquela parte que eu protegerei, tu poderás retirar teu raio. (90) Se me ordenas cuidar do pólo glacial, ou da zona tórrida, considera que nessa parte os deuses estarão em segurança. Por ter matado uma serpente, Peão mereceu templos em Cirra e uma morada no céu. E, no entanto, a quantas Píton equivale só a Hidra! Baco e Teseu já se foram para junto dos deuses (95). Mas que parte do mundo representa o Oriente submetido, ou que é a Górgona diante das outras feras? Que filho mereceu de ti e da madrasta os astros por seus próprios méritos? Peço o mundo que sustentei.

(Dirigindo-se a Licas)

Mas tu, companheiro dos trabalhos de Hércules, Licas (100), anuncia meus triunfos: os lares vencidos de Êurito e seu reino destruído.

(Dirigindo-se a seus companheiros)

E vós, mais que depressa, levai o rebanho por onde a praia que conduz ao templo de Júpiter Ceneu contempla o mar da Eubéia, tão temido quando sopra o Austro.

(Sai Hércules na direção do promontório Ceneu, pretendendo aí fazer sacrifício a Júpiter)

PRIMEIRO CANTO

CORO <IOLE>

CORO

É semelhante aos deuses aquele que possuiu, ao mesmo tempo, a vida e a fortuna (105). A vida é como a morte, quando é arrastada com lentidão por aqueles que sofrem. Quem pôs sob seus pés a fatalidade voraz e o barco do rio supremo nunca entregará cativos seus braços às cadeias (110), nem se tornará nobre troféu. Nunca é infeliz aquele para quem morrer é fácil. Se seu barco o trai em alto mar, quando o África encontra o Bóreas, ou o Euro o Zéfiro, dividindo as águas (115), ele não recolhe os fragmentos do navio destroçado, como se esperasse o litoral em meio às ondas. Somente aquele que, por si mesmo, for capaz de devolver a vida, não poderá ser vítima no naufrágio. A nós, disforme magreza e lágrimas nos dominam (120), e os nossos cabelos estão sujos das cinzas da pátria. Não nos sepultaram, nem a chama devoradora, nem o fragor (da destruição). Aos que são felizes, tu acompanhas, ó morte, e aos desgraçados abandonas. Nós seguimos de pé! Mas aquele sítio será entregue, ai de nós, não mais às muralhas da pátria, mas às florestas (125); e os templos destruídos se tornarão choupanas imundas. Agora, o gélido Dólopo conduzirá seus rebanhos por onde se estende, ainda morna, a camada de cinzas que resta da destruída Ecália. No que fora outrora essa cidade, o pastor tessálico, tirando sons de sua flauta rústica, cantará o nosso tempo numa melodia triste (130). Quando, então, deus tiver feito passar uns poucos séculos, se indagará sobre o lugar que terá sido o de nossa pátria. Feliz eu habitei lugares não estéreis e glebas nada pobres do solo tessálico (135). Sou chamada para Traquine, para seus duros rochedos e suas relvas eriçadas sobre montanhas tórridas: um bosque nada agradável ao rebanho montívago. No entanto, se melhor sorte recebe algumas de nós, escravas, ou a região do Ínaco veloz as levará (140), ou elas habitarão as muralhas de Dircéia, por onde corre o Ismeno lânguido num filete d'água. Foi aí que se casou a mãe do orgulhoso Hércules. Que pedra engendrou tais rochedos da Cítia? Acaso foi o Ródope que te transportou, feroz Titã (145)? ou foi o Atos escarpado? Ou foi uma fera do mar Cáspio? Quem, de corpo raiado, te ofereceu os seios túmidos? É falsa a história das noites geminadas, quando o éter reteve as estrelas por mais longo tempo, e Lúcifer cedeu seu lugar a Héspero (150) e a deusa de Delos, retardando seu curso, impediu o sol (de aparecer)? Seus membros são imunes a quaisquer ferimentos: a espada se mostra romba e mais

cego é o aço. De encontro a seu corpo nu, a espada se quebra, a pedra recua. Despreza o destino (155), e, com seu corpo invencível, desafia a morte. As lanças não o podem trespassar, nem o arco retesado com uma flecha cítica, nem os dardos que carrega o Sármata (160) das regiões geladas, ou os habitantes das plagas soalheiras, que dirigem seus ataques contra o vizinho Nabateu, esse Parta mais certeiro em seus golpes do que os Cretenses. Os muros da Ecália, ele derrubou com seu corpo. Nada o consegue deter: tudo o que decide vencer, já está vencido. Que parte ele dominou com ferimentos (165)? Sua fisionomia se mostrava mais terrível, quando a ameaça era de morte, e ter visto as ameaças de Hércules é o bastante. Que gigantesco Briareu, que corpulento Gias, quando se ergueu sobre os montes tessálicos para atingir o céu com suas mãos de serpentes (170), mostrou tal rosto? Grandes recompensas se manifestam nas grandes destruições, o que é cômodo: (assim), nada de mau nos resta. - Infelizes, nós vimos o irado Hércules.

IOLE

Eu, de minha parte, infeliz, não lamento, nem os templos derrubados com seus deuses, nem os lares destruídos (175), nem os pais ardendo em chamas misturados aos filhos, ou os deuses misturados aos homens, ou os templos aos sepulcros. Eu não lamento nenhum mal que atinge a todos: a fortuna chama minhas lágrimas para outra direção (180): e o destino me manda chorar outras ruínas. O que primeiro lamentarei, o que chorarei por último? Chorar tudo ao mesmo tempo é vantajoso. Mas a natureza não me deu senão um peito para que os golpes (nele desferidos) soem à altura de meu destino. A mim, ó deuses, ou transformai-me (185) no lamentoso rochedo Sípilo, ou depositai-me nas margens do Eridano, onde sussurra fúnebre a floresta das irmãs de Faetonte. Ou ainda, acrescentai-me aos rochedos Sículos, onde, como a Sereia tessálica, eu lamente o meu destino (190). Ou então, transportai-me para as florestas da Edônia, qual alada Dáulia que costuma chorar o filho sob a sombra de Ísmaro. Torna apropriadas minhas lágrimas, e a áspera Traquine retumbe (195) com (a história de) meus males. Mirra, a cipriota, conserva suas lágrimas, a esposa de Ceix lamenta sua perda, a filha de Tântalo se torna a que sobrevive a si. Filomela perde seu rosto, e a Átide repete (200), em lamento, o nome de seu filho. Por que meus braços ainda não se cobrem de penas de aves? Feliz (serei eu), feliz, quando a floresta se tiver tornado a minha casa, e, como pássaro assentado em solo pátrio (205), murmurante e lastimosa, divulgar minha desventura, e a tradição falar de Íole-pássaro. Eu vi, eu vi, infeliz de mim, a sorte de meu pai, quando, atingido pela maça mortífera, caiu por terra despedaçado pelo palácio inteiro (210). Se o destino te houvesse reservado um túmulo, quantas vezes, ó pai, terias que ser recolhido! Pude eu presenciar a tua morte, Toxeu, tuas faces tenras ainda imberbes e com seu sangue ainda não forte (para a luta) (215)? Por que lamentar vossos destinos, pais meus, os quais uma morte benévola colocou em segurança? Minha sorte é que me demanda lágrimas. Brevemente, trabalharei como cativa as rocas e os fusos de uma dona (220). Ó cruel beleza e formosura que me hão de proporcionar a morte! A ti somente nossa casa deve todas (as desgraças), desde que meu pai me negou a Alcides e temeu ser sogro de Hércules. Agora, a casa de minha senhora me chama.

CORO

Por que, insensata, recordas o reino ilustre de teu pai e seu ocaso? Afaste-se de teu olhar a felicidade anterior. Feliz aquele que sabe suportar a condição de escravo e a de rei (230), e pode ir adequando sua atitude. Esvaziou de forças e poder ao mal aquele que enfrenta as quedas, com alma inalterável.

(Entra a ama de Dejanira. Segundo F. J. Miller, a cena muda para o espaço em frente ao palácio de Hércules e Dejanira em Traquine)

SEGUNDO EPISÓDIO

AMA, DEJANIRA

AMA

Ó quão sanguinária fúria incita as mulheres, quando uma casa se abre, ao mesmo tempo, à concubina e à esposa (235)! São menos temíveis Cila e Caríbdis, que agitam os mares da Sicília: qualquer outra fera é melhor. De fato, desde que reluziu a beleza da amante cativa e brilhou Iole como um dia sem nuvem, ou como um astro luminoso que cintila à noite (240), a esposa de Hércules permanece como uma desvairada; espalhando seu olhar terrível; como a tigresa parida, escondida sob os rochedos armênios, ela surge com a face ameaçadora; ou como a Mênade, que, tendo Lieu incorporado em si, recebe ordem de agitar o tirso (245), hesita duvidosa por um instante sobre para onde dirigir seus passos. Depois disso, ela corre enlouquecida pelo palácio de Hércules. A casa inteira é insuficiente (para seu furor). Ela corre, ela vacila, ela pára. Toda sua dor lhe acorre ao rosto, quase nada lhe resta no profundo peito. O choro sucede às ameaças (250). Nenhuma atitude sua é permanente, e ela não manifesta sua fúria, contida numa expressão constante: ora suas faces se inflamam, ora a palidez repele o rubor, e a dor se manifesta, instável, de todas as maneiras: ela chora, ela grita, ela implora, ela geme. Acabam de ranger as portas: eis que, com passo apressado, e com palavras confusas (255), vêm à tona os segredos de sua alma.

(Entra Dejanira, saindo do interior do palácio)

DEJANIRA

Não importa que parte da morada etérea ocupas, esposa do Deus do Trovão, envia a Alcides uma fera que esteja à altura do que quero. Se, maior do que um pântano, alguma serpente (existe, que) move sua cabeça sempre capaz de renascer (260), e nunca foi vencida; se algo (existe, que) supera as feras, por (ser) feroz, temível e aterrorizante, e ante cuja visão Hércules desvia os olhos, que saia de seu antro imenso. Se, no entanto, as feras me são negadas, converte em algo este meu ser, te peço. Na minha atual disposição, eu posso converter-me em qualquer monstro (265). Concede-me uma imagem equivalente à minha dor: Meu peito não segura as ameaças. Por que revolves o âmago da terra profunda e subvertes o mundo? Por que pedes calamidades a Plutão? Todas essas feras que ele poderá temer, tu encontrarás neste meu peito (270). Aceita esta arma para (armar) teus ódios: agora eu sou a madrasta: tu podes arruinar Alcides. Conduze minhas mãos para qualquer lugar. Por que demoras, ó deusa? Serve-te de minha fúria. Que

impiedade mandas que se faça? Eu já a criei dentro de mim. Por que hesitas? Já que te é lícito ficar indiferente (275), minha ira me será bastante.

AMA

De um peito pouco são, minha filha, reprime os gemidos e domina as chamas: freia tua dor, mostra-te como esposa de Hércules.

DEJANIRA

A cativa Iole dará irmãos a meus filhos. E, de escrava, se tornará nora de Júpiter? A chama, pois, e a torrente fluirão no mesmo curso? E a Ursa ressequida beberá no mar azul? Não partirei sem me vingar. Embora tenhas sustentado o céu, e o mundo inteiro deva a paz a ti, existe algo mais poderoso do que a hidra: o ressentimento de uma (285) esposa irada. Que fogo do ardente Etna se enfurece tão impetuoso contra o céu? Tudo o que já venceste, este meu arrebatamento o vencerá. Uma cativa usurpará meu leito conjugal? Até agora, eu temia os monstros, mas já não há mal algum: cessaram as desgraças, e em lugar das feras, existe (290) a detestável amante. Ó supremo senhor dos deuses, e tu, brilhante Titã, fui tão somente a esposa do Hércules incerto quanto à vitória; os votos que dirigi aos deuses deram resultado para a cativa; fui fecunda em benefício da amante: foi para ela, ó deuses superiores, que ouvistes minhas preces, é (295) para ela que ele retorna incólume! Ó dor, que nenhuma vingança aplaca, procura suplícios horríveis, inéditos, infandos. Ensina a Juno o de que é capaz o ódio: ela (que) não sabe irar-se o bastante. Em meu favor, tu fazias as guerras; por minha causa (agora) foges (300). Aquelôo tingiu as águas com seu próprio sangue, quando em lenta serpente se transformou e, em seguida, a serpente transformou-se em um touro feroz e ameaças dirigiu-te; e tu, num único inimigo, venceste mil feras. Agora não te interesso mais, uma cativa é preferida a mim (305). Mas não será preferida: o dia, que há de ser o último de nosso casamento, este também o será de tua vida. Mas, o que é isto? Minha alma recua e depõe as ameaças? Agora a cólera recrudesce? Por que te prostras, infeliz ressentimento? Perdes a fúria (310)? Tu me devolves novamente a fidelidade de uma esposa virtuosa? Por que não deixas que se alimentem as chamas? Por que apagas este fogo? Conserva-me este impulso. Sejamos iguais: fazer votos não será preciso. Estará presente a madrasta para nos conduzir as mãos, mesmo sem ser invocada.

AMA

Que crime tu preparas, insensata (315)? Matarás teu marido cuja glória conhecem o Ocidente e o Oriente, e cuja fama, elevada até o céu, mantém sob seu domínio os povos? A terra dos gregos se insurgirá contra tua casa. Primeiro a raça de teu próprio sogro, em seguida (320) toda a raça dos Etólios será destruída. Logo em seguida, pedras e tochas serão atiradas contra ti: toda a terra defenderá seu vingador. Tu, sozinha, a quantos castigos serás submetida! Acreditas que tu podes fugir da terra e do gênero humano? O pai de Alcides tem nas mãos o raio (325). Olha agora, no céu, o fogo ameaçador de sua ira e o dia que reboa quando o raio é atirado; Teme essa mesma morte que tu crês em tuas mãos. É senhor, aqui, um tio paterno de teu Alcides. Ali, infeliz (330), encontrarás deuses da família de Júpiter,

não importando para onde vás.

DEJANIRA

É o maior crime que se pode cometer, eu mesma o reconheço; mas a dor manda que seja cometido.

AMA

Morrerás.

DEJANIRA

Morrerei, sem dúvida, mas como esposa do famoso Hércules; e nenhum dia, dissipada a noite, me encontrará sozinha (335); nenhuma escrava concubina usurpará meu leito. O dia nascerá no Ocidente; até o gelado pólo envolverá os indianos, ou Febo, em sua trajetória morna, aquecerá os Citas, antes que me vejam abandonada as noras da Tessália. Apagarei, com meu sangue, as tochas nupciais (340). Que pereça ele, ou que me faça perecer. Às feras esmagadas acrescente também sua esposa. Seja possível a Hércules relacionar até a mim entre seus trabalhos; e eu, moribunda, pelo menos, abraçarei, com meu corpo, o leito de Alcides. Ir, partir para as sombras, agrada a esposa de Hércules (345), mas não sem antes vingar-se. Se algo concebeu Iole de meu Hércules, eu o arrancarei com minhas próprias mãos, mas antes atacarei a amante, em meio a suas tochas nupciais. Que, como inimigo, sacrifique-me ele como vítima nesse dia de suas núpcias, contanto que eu caia sobre Iole morta (350). Morre feliz aquele que, (em sua queda), esmaga os que odeia.

AMA

Por que alimentas, tu própria, tuas chamas (de ódio), e fomentas tanto a tua dor? Infeliz, por que temes sem motivo? Amou ele Iole, é verdade, mas enquanto estava ainda de pé seu pai, e ele procurava nela a filha de um rei. A rainha rebaixou-se para o lugar de escrava: o amor perdeu as forças, e a situação infeliz arrancou dela muito (de seu atrativo). Deseja-se o ilícito, enquanto se despreza o que é lícito.

DEJANIRA

Sua pior fortuna mais inflama o amor de Hércules. Ele ama nela justamente o que lhe falta do pátrio lar (360), o fato de seus cabelos penderem livres do ouro e das pedrarias. Talvez, tomado de compaixão, ele ame as próprias desventuras. Isto é freqüente em Hércules: ele ama suas cativas.

AMA

De fato, a irmã do dardânio Príamo, por ele amada, foi cedida a um escravo. Soma a isso quantas mulheres casadas (365) e quantas virgens ele amou antes: inconstante, ele amou à vontade. Com efeito, a virgem arcádia, Auge, enquanto conduzia o coro de Palas, tendo sofrido a violência da desonra, perdeu para ele a importância, e não reteve nenhum vestígio do amor de Hércules. Por que evocarei outras? Faltam, de fato, as Tespíades (370). Por elas, Alcides ardeu de paixão por pouco tempo. Hóspede de Tmolo, ele cortejou a mulher Lídia, e, tomado de amor, postou-se junto a seus fusos ligeiros, que torciam, com sua mão potente, o fio úmido. De sua parte, seu ombro desnudou-se da pele do monstro (375), cobriu com

uma mitra seu cabelo, e, como um criado, continuou de pé, e, lânguido, untou sua cabeleira hirsuta com a mirra sabéia. Por toda parte, inflamou-se ele (de amor), mas (sempre) ardeu em chama passageira.

DEJANIRA

Os amantes costumam fixar-se, depois de viverem paixões errantes.

AMA

Ele vai preferir a ti uma escrava descendente de inimigo (380)?

DEJANIRA

Assim como grande beleza se apossa das florestas da primavera, quando o primeiro calor reveste o bosque nu, mas em seguida o Bóreas expulsa o Notos enfraquecido, e o inverno rigoroso faz cair totalmente as folhas, e vês, em seus troncos desolados, o bosque disforme (385), da mesma forma, nossa beleza, ao percorrer o longo caminho (da vida), perde sempre alguma coisa, e brilha menos, e nunca mais reverdecerá. Tudo o que em nós foi outrora desejado, acabou, e está perdido para sempre. A maternidade, muito daquele encanto já roubou de mim (390). A velhice (outro tanto) me arrancou com passo rápido. Vês como a escrava não perde sua grande beleza? Cessaram completamente seus cuidados, e a sujidade a acompanha. No entanto, sua beleza brilha mesmo nos seus sofrimentos, e nada tirou dela o infortúnio nem seu triste destino (395), senão seu reino. Este temor, ó minha ama, inquieta meu coração; este pavor me rouba o sono. Eu era uma esposa ilustre para todas as gentes; e toda mulher, com desejo invejoso, elegia para modelo o meu casamento (400); assim como qualquer espírito que suplicasse a deus. Fui, para as mulheres argólicas, a medida de suas ambições. Que sogro semelhante a Júpiter eu terei, ó minha ama? Que marido me será dado sob este céu? Mesmo que aquele que manda em Alcides, Euristeu, me unisse a si pelos laços do himeneu, isso valeria (405) menos. Ter sido privada do leito real é coisa leve: sofre grande queda, no entanto, aquela que perde Hércules.

AMA

A geração de filhos concilia quase sempre os ânimos dos cônjuges.

DEJANIRA

Não obstante isto, essa geração mesma dividirá os nossos leitos.

AMA

Por ora, ela é trazida escrava, como presente para ti (410).

DEJANIRA

Este que vês, coberto de glória, percorrer cidades, levando sobre as costas o espólio fulvo de uma fera, que dá o cetro aos infelizes e o arranca aos poderosos; envergado pela enorme clava em sua mão temível, cujos triunfos os Seres longínquos cantam (415), bem como quaisquer outros povos que habitam o mundo, é indiferente (a tudo isso), e o ornamento da glória não o estimula. Ele erra pelo mundo, não para se igualar a Júpiter, ou para se exibir pelas cidades argólicas. Ele está à procura do que amar: ele deseja o leito das virgens. Se (420), por

qualquer razão, uma lhe é negada, ela é raptada, e ele se enfurece contra seus povos, busca, entre as ruínas, as mulheres casadas; e esse vício desenfreado é chamado de virtude. A ilustre Ecália foi destruída. Um mesmo sol e um mesmo dia viram-na de pé e em escombros. O motivo dessas guerras é o amor (425). Tantas vezes haverá temor, quantas vezes um pai tiver que negar sua filha a Hércules. Quem se recusa a se tornar sogro, se torna sempre inimigo; se ele não se torna genro, torna-se violento. Depois disso, por que conservo inocentes minhas mãos, até que ele finja estar louco, e, com sua mão violenta (430), entese o arco e esmague a mim e a meu filho? Assim Alcides expulsa suas esposas: assim são os seus divórcios! Nem pode apresentar-se como culpado: ele fez com que sua madrasta parecesse a toda terra a causa de seus crimes. Por que te enches de torpor, furor estéril (435)? O crime precisa ser iniciado. Prossegue, enquanto a mão ferve em ódio.

AMA
Matarás teu marido?

DEJANIRA
Certamente o de minha rival.

AMA
Matarás o filho de Júpiter?

DEJANIRA
Na verdade, o concebido por Alcmena.

AMA
Pela espada?

DEJANIRA
Pela espada.

AMA
Se não o podes?

DEJANIRA
Matá-lo-ei à traição.

AMA
Que furor é este?

DEJANIRA
Aquele mesmo que me ensina meu marido (440).

AMA
Matarás este varão, que nem a madrasta pôde matar?

DEJANIRA
A ira celeste torna desgraçados aqueles que ela oprime; a ira humana os aniquila.

AMA

Contém (tua ira), infeliz, e teme!

DEJANIRA

Menospreza a todos, aquele que primeiro desprezou a morte. Ir ao encontro da espada é que eu quero.

AMA

Tua dor (445), ó menina, é maior do que o crime. A culpa pede o ódio na mesma intensidade. Por que estabelecer tamanha crueldade para delitos tão pequenos? Sofre apenas na medida em que és ultrajada.

DEJANIRA

Acreditas ser um mal pequeno para uma mulher casada uma amante? Tudo o que alimenta essa dor é muito pesado, acredita-o!

AMA

O amor do famoso Alcides desapareceu de teu coração (450)?

DEJANIRA

Não desapareceu, minha ama; permanece, e está arraigado, profundamente fixo nas entranhas, crê nisso! Mas um amor irado é uma grande dor.

AMA

Quase sempre, com artes mágicas misturadas a preces, as esposas amarram seus casamentos. Eu já mandei a um bosque reverdecer em meio ao frio e (455) a um raio deter-se após lançado. Agitei o mar, tendo cessado o vento, e aplaquei o oceano agitado. A terra seca se abriu em novas fontes. Os rochedos adquiriram movimento; enfrentei as portas e as sombras de Plutão; e, por ordem de minhas preces, os (460) manes falam, e o cão do inferno se calou. O mar, a terra, o céu e o Tártaro me ficaram submissos. A meia-noite contemplou o sol, e o dia contemplou a noite: nada faz valer suas leis diante de meus encantamentos: nós o reverteremos. Minhas palavras mágicas encontrarão o teu caminho (465).

DEJANIRA

Que ervas produz o Ponto, ou que ervas alimenta o Pindo sob as rochas da Tessália, em que encontre o malefício diante do qual ele se detenha? Ainda que, com uma reza mágica, dos astros, a lua descesse à terra; o inverno visse a colheita de grãos; e, com um canto mágico, o raio ligeiro parasse (470); e, invertidos os turnos, o meio dia fervesse de estrelas forçadas (a aparecer): nem tudo isso o faria ceder.

AMA

O Amor venceu até os deuses.

DEJANIRA

Talvez só mesmo por ele será vencido o amor, a quem será entregue espólio; e o amor se tornará o último trabalho de Alcides (475). Mas, te suplico, por todas as divindades do céu, e por esse meu temor: o quanto de misterioso estou tramando,

que tu escondas num lugar inacessível; e o guarde sob juramento de silêncio.

AMA

Que é isso que me pedes para manter em segredo?

DEJANIRA

Não são flechas, não são armas, não é o fogo ameaçador.

AMA

Confesso que posso prestar o juramento de silêncio (480) se isso não é um crime: por vezes a lealdade é crime.

DEJANIRA

Olha ao redor, vamos, que ninguém roube nossos segredos, e que teu olhar siga investigando por toda parte.

AMA

Sim! O lugar é seguro, e está livre de qualquer juízo (485).

DEJANIRA

Há em um lugar afastado do palácio real, uma gruta silenciosa que guarda meu segredo. Esse lugar não recebe os primeiros raios do sol, e nem os raios da tarde, quando Titã, ao ocultar o dia, mergulha seu carro cansado no oceano avermelhado (490). Ali se esconde a garantia do amor de Hércules. Minha ama, te farei uma confissão: o autor dessa poção mágica é Nesso, que a grávida Nefele gerou para o chefe tessálico, lá onde o Pindo adentra seus cumes por entre os astros, e o monte Ótris se ergue rijo para além das nuvens (495). Com efeito, logo que, vencido pela clava de Hércules, Aquelôo, hábil em tomar todas as formas, depois de se disfarçar de todas as feras, por fim revelou-se (ele mesmo), e baixou sua cabeça disforme (guarnecida) de um único chifre. Alcides, vencedor, voltava para Argos, tendo-me por esposa (500). Por acaso, o (rio) Évenos, transbordando pelos campos, e arrastando para o mar um grande turbilhão de água, estava turbulento, e quase atingia as árvores mais elevadas. Nesso, acostumado a atravessar a vau a correnteza, pediu um preço para me transportar; e, já me carregando sobre o dorso (505), na parte em que a coluna que falta ao cavalo, liga o homem, vencia as ameaças do rio transbordado. O impetuoso Nesso já havia saído totalmente das águas, e Alcides ainda se debatia no meio da correnteza, fendendo com passos largos a torrente ameaçadora (510). Ele, então, viu que Alcides estava longe: “tu serás minha presa” - disse - e “também minha mulher; teu marido está retido pelas águas”. E me levando abraçada, acelerou os passos. Águas não seguram Hércules. “Transportador infiel” - diz ele - “ainda que o rio Ganges e o Istro (515) corram com suas águas juntas num só leito, eu vencerei a ambos, e, com meu dardo, te atingirei na fuga”. Seu arco precedeu suas palavras. Em seguida, sua flecha, levando-lhe um profundo ferimento, paralisou-o em sua fuga, e o feriu de morte. Aquele, desejando agora a luz do dia, recolheu, com sua destra, o líquido putrefato que corria da ferida e mo entregou dentro de um casco seu, que ele arrancara com extrema violência com sua mão furiosa. Em seguida, enquanto morria, acrescentou estas palavras: “Com esta poção” - continuou - “as feiticeiras me disseram que o

amor pode ser segurado (525). Isto ensinou Micale às noras tessálicas, a única entre todas as magas que a lua segue, deixando abandonadas as estrelas. Tu mesma oferecerás a teu marido as vestes untadas com este líquido poderoso" - recomendou - "se alguma amante odiosa usurpar teu leito, e se teu esposo levianamente der (530) (outra) nora ao pai altíssono. Que nenhuma luz incida sobre isto, que somente trevas espessas o cubram: assim, este sangue poderoso preservará suas virtudes". A quietude interrompeu suas palavras, e o torpor levou a morte a seus membros fatigados (535). Tu, que a lealdade dá acesso a meus segredos, esforça-te para que o líquido aplicado penetre em sua veste brilhante, atinja, através de suas articulações, a sua mente, e, avançando em silêncio, penetre suas entranhas.

AMA

Executarei, o mais rápido possível, os teus mandados, minha menina. Invoca, porém, com tuas preces, o deus invencível, que, com sua mão delicada, lança dardos certeiros.

DEJANIRA

Eu te imploro, a ti, a quem temem, tanto o céu quanto os deuses, quanto o mar; e aquele que atira o raio do Etna, ó menino alado, motivo de temor até para tua mãe, lança ligeiro uma flecha com tua mão certeira. Tira-a, não dentre as flechas leves, mas dentre a categoria mais pesada, te peço, uma que tuas mãos jamais arremessaram contra alguém. É necessária uma flecha não leve, para que Hércules possa amar. Mantém firmes tuas mãos e prepara o arco com seus dois cornos se tocando (550). Agora, neste momento, toma a flecha, com a qual outrora, atingiste brutalmente Júpiter. Tendo deposto o raio, o deus, com a testa guarnecida (de chifres), se inchou e, (sob a forma de) um touro, rompeu veloz o mar, levando consigo a donzela assíria. Envia-lhe o amor, que ele ultrapasse todos os exemplos (de paixão) (555). Que ele aprenda a amar sua esposa. Se a beleza de Iole acendeu quaisquer chamas no peito de Hércules, apaga a todas, e ele se sacie com minha paixão. Ó tu, que muitas vezes venceste a Júpiter, o deus do raio; ó tu, (que muitas vezes venceste) aquele que porta o cetro sombrio do pólo tenebroso (560), o condutor da multidão mais numerosa e senhor do Estige. Tu, que és um deus mais temível do que a madrasta irada, conquista este triunfo: sê o único vencedor de Hércules. (A ama retorna com a veste e o filtro)

AMA

A substância foi trazida, bem como aquilo que, tecido na roca de Palas, extenuou todas as mãos servis (565). Acrescente-se agora o filtro, para que a roupa de Hércules absorva essa desgraça. Com minhas preces, (Enquanto elas estão ocupadas com a veste, percebem que Licas se aproxima) aumentarei seu poder maléfico. Nesse exato momento, surge o diligente Licas. É preciso esconder esta substância temível, para que o truque não seja descoberto.

(Entra Licas)

DEJANIRA

Ó espécie, igual a quem nem os palácios soberbos têm (570), nome sempre fiel aos reis, Licas, toma estas vestes que nossas mãos teceram, enquanto, sem rumo, vagava Hércules pelo mundo, e, enquanto dominado pelo vinho, ele apertava contra seu corpo impetuoso a mulher lídia; e agora se apossa de Iole. Quem sabe, por merecimento (575), dobrarei seu rude coração: merecimentos já venceram os maus. Pede que meu esposo não ponha estas vestes antes de alimentar, com incenso, as chamas, e tornar favoráveis os deuses, depois de ter cabeleira hirsuta cingida pelo choupo branco. (Licas toma o vestido e parte para sua missão) Quanto a mim mesma, dirigirei meus passos para o interior do palácio real (580), e louvarei, com preces, a mãe do terrível deus do amor. (Para suas companheiras etólias) Vós, companheiras que eu trouxe dos lares pátrios da Calidônia, chorai a minha sorte, digna de lamentação. (Dejanira sai)

SEGUNDO CANTO

CORO DAS MULHERES ETÓLIAS

CORO

Turma de companheiras dos primeiros anos (de tua vida), nós choramos tuas desgraças, filha de Eneu (585); choramos, ó venerável senhora, teu leito ameaçado. Nós, acostumadas a contigo brincar nas rasouras do Aquelôo, quando, no fim da primavera, o rio amainava suas águas caudalosas, e, tênue, serpenteava em seu volume habitual (590), o louro Licormas, ao precipitar-se de sua fonte, não corria como um rio turbulento, nós, costumávamos ir contigo aos altares de Palas e freqüentar os coros das virgens, e levar, nos cestos cadmeus (595), os objetos sagrados de Baco, quando, já expulsa a estrela do inverno, a terceira estação faz sair o sol, e quando a Ática Elêusis, consagrada à deusa da colheita, fecha o período de seu culto (600). Agora, não importa a desgraça que tu temes, recebe-nos como companheiras fiéis de tua sorte; pois a fidelidade é rara, depois que a boa sorte se desfez. Tu, quem quer que sejas, que deténs o cetro do poder (605), ainda que todo o povo bata, ao mesmo tempo, às cem portas em teu palácio, e que caminhes rodeado de toda uma multidão, mesmo com tanta gente em torno, dificilmente numa turba tão numerosa, numa única (pessoa) confiarás. Uma Erínia guarda teu umbral dourado (610), e quando se abrem as grandes portas, entram as astúcias e as trapaças matreiras, bem como a espada oculta. E quando tu te preparas para apresentar-te em público, a inveja é tua companheira. Quantas vezes a aurora sucede à noite (615), podes crer, tantas vezes o mesmo rei terá nascido. Poucos honram os reis, e não os reinos: à maioria atrai o brilho da corte; este deseja, triunfante, caminhar pelas cidades em festa, ao lado do próprio rei (620): a glória queima seu peito infeliz. Aquele deseja saciar sua fome de riquezas, e nem toda a região do Istro gemífero o satisfaz, e nem toda a Lídia lhe mata a sede; nem a terra exposta ao Zéfiro, que se extasia com o famoso Tago irradiante em sua correnteza dourada (625). Nem mesmo se todo o Hebro ficasse sob seu domínio, e o rico Hidaspes unisse (uma margem e outra de) seus campos, e ainda ele visse

correr dentro de seus domínios o Ganges com todo o seu volume (630): para os avarentos, para os avarentos o universo é pouco. Este cultiva os reis e os palácios reais, não para que, com o arado sempre em ação, nunca pare de trabalhar o encurvado arador ou (para que) lavrem o campo milhares de lavradores (635); este deseja as riquezas somente para controlá-las. Aquele freqüenta os reis, para calcar a todos (sob os pés), levar à desgraça alguns, e não ajudar ninguém. Ele deseja ser poderoso apenas para fazer o mal. Que (pequena) parte (desses) morre no tempo do destino! (640) (Estes) que a lua vê feliz (à noite), o romper do dia os vê na desgraça! É raro a felicidade e a velhice coincidirem. Mais suave do que a púrpura do Tiro, um prado relvoso costuma acalentar sonos tranqüilos (645). Tetos de ouro quebram o sossego, e a púrpura cria noites insones. Oh, quem dera se abrissem os corações dos ricos! Quantos temores planta em seu âmago uma grande fortuna! Até o mar de Brútio é menos agitado quando o Cauro (650) agita suas vagas. O pobre vive uma vida segura. Ele possui taças feitas da frondosa faia, mas não as segura com mão trêmula. Ele colhe alimentos fáceis e comuns, mas (655) não contempla sobre si espadas desembainhadas. O sangue usa copos de ouro. A mulher casada com um marido comum não usa, em forma de colar, os famosos presentes do mar avermelhado (660), nem lhe pesa as orelhas enfeitadas de pérola a pedra colhida no mar do Oriente, nem sua lã delicada, levada tantas vezes ao vaso brônzeo de Sidon, bebe a cor vermelha, nem, com a agulha meônia, ela adorna (665) os tecidos que o Ser, exposto a Febo Oriental, obtém das árvores orientais; ervas quaisquer tingiram as lãs toscas que suas mãos teceram. Mas ela não aquece leitos hesitantes (670). A Erínia, com sua tocha funesta, persegue aquelas cujo dia os povos celebraram, já a (mulher) pobre não se dá por feliz, senão depois de ter visto que as felizes sucumbiram (675). Todo aquele que abandona a via da moderação não anda jamais em caminho seguro. Quando aquele jovem pediu para dirigir o sol por um dia apenas, e sentou-se no carro paterno, e não o guiou pelo caminho costumeiro, mas dirigiu-se, errante por rota desconhecida, para as regiões celestes que escapam aos raios de Febo, arruinou junto consigo o próprio universo. Enquanto sulca o caminho do céu à meia altura, Dédalo alcança o litoral tranqüilo, e não dá seu nome a mar algum (685); Ícaro, por sua vez, como ousa desafiar os pássaros de verdade, e, jovem, olha com desprezo as asas de seu pai, e voa próximo ao próprio sol, empresta seu nome a um mar desconhecido. O orgulho é terrivelmente pago com a ruína (690). Que outro se proclame feliz e grandioso; a mim, que multidão alguma proclame poderoso (695). Que minha embarcação modesta costeie o litoral, e que nenhum vento impetuoso obrigue meu barquinho a romper o alto mar. A Fortuna passa ao largo das velas precavidas, e persegue, em alto mar, os navios cujas velas tocam as nuvens. Mas, por que, aterrorizada, com o semblante pávido, surge, com passos precipitados, a rainha, qual Tíada atingida por Baco? Segue-a a ama silenciosa e tensa, e agita a cabeça. Que revés te envolve novamente? Responde, infeliz: mesmo que tu te negues, teu rosto diz tudo o que ocultas (705).

TERCEIRO EPISÓDIO

DEJANIRA, AMA <CORO>

DEJANIRA

Corre um tremor geral através de meus membros convulsos. De horror, arrepiam-se meus cabelos. O terror se assenta em minha alma ainda agitada, e o coração dispara estupefato. Minhas entranhas assustadas pulsam através das veias latejantes. Como o mar, agitado pelo Austro (710), permanece ainda assim revolto, mesmo serenado o dia com o acalmar dos ventos, assim meu espírito permanece atormentado, não obstante afastado o medo. Uma vez que a divindade começa a perseguir os felizes, com toda certeza, ela lhe vai ao encalço. As grandes coisas têm este desfecho (715).

CORO

Que desgraça tão insuperável te tumultua, infeliz?

DEJANIRA

Logo que foi enviada a vestimenta impregnada do veneno de Nesso, e gemendo, conduzi meus passos para os aposentos nupciais, não sei o quê minha alma temeu, e (se) eu preparava uma catástrofe. Interessa-me fazer uma experiência. O malvado Nesso me proibiu que seu fero sangue fosse exposto ao sol (720) e ao fogo. Esse artifício mesmo me alertou que se tratava de um embuste. Casualmente, os raios do sol não estavam embaçados por nenhuma nuvem, o ardente Titã dava livre curso a um dia causticante. O temor agora suporta apenas que se me abram os lábios: Atirada no meio do sol e de seus raios luminosos (725), o pincel com o qual tinha sido tingido o tecido e impregnada a veste, me aterroriza, e, ao contato com os terríveis raios de Febo, ele se incendeia e se avoluma; o filtro incendeia. Coisa monstruosa! É como o Euro ou o tépido Noto que derretem as neves que o escarpado Mimante perde no início da primavera (730), e como no mar Jônio, Leucade, em frente, quebra as ondas, e o vagalhão serenado se desfaz em espuma no próprio litoral, ou como os incensos, derretidos pelo calor do fogo, se esvaem na direção dos deuses (735). Assim, toda a lã se dissolve, e perde seus flocos. E enquanto eu observo estupefata, a causa mesma de meu espanto desaparece; mais do que isso: a própria terra produz tremores e espuma (738), e tudo o que é tocado por aquele veneno se arruína. (Vê-se Hilo se aproximando) Vejo meu filho apavorado, e com pés ligeiros (740) conduzindo seu andar. (A Hilo) Dize-me que novidade trazes.

<AS MESMAS>, HILO

HILO

(Correndo em cena). Vai, foge, procura, se algo existe para além das terras, do mar, dos astros, do Oceano, dos infernos: foge, mãe, para além dos trabalhos de Alcides!

DEJANIRA

Não sei que grande calamidade minha alma pressente (745).

HILO

Corre para os reinos da Trívia, ou para os templos de Juno: estes te estão abertos; todos os outros santuários te estão fechados.

DEJANIRA

Dize que desgraça se abate sobre mim, inocente.

HILO

Aquela glória e segurança única do universo, que o destino dera à terra para o lugar de Júpiter (750), ó mãe, desapareceu. Uma peste queima os membros e os músculos de Hércules, e eu não sei como. O dominador de monstros, ele mesmo, aquele vencedor, está vencido, se lamenta, e chora. Que queres saber mais?

DEJANIRA

Os desgraçados têm pressa em conhecer suas desgraças (755). Dize-me em que situação se encontra a nossa casa. Ó lares, lares infelizes! Agora viúva, agora rejeitada, agora ficarei aniquilada.

HILO

Não somente tu deves chorar Hércules. Vencido, ele é motivo de choro para o mundo inteiro. Não penses que tuas desgraças, ó mãe, sejam somente tuas (760). Todo o gênero humano já está em pranto. Eis que essa mesma dor que tu lamentas, todos lamentam. Tu padeces uma desgraça comum ao mundo inteiro. Experimentaste a dor da perda: és apenas a primeira, mas não a única, ó infeliz, a chorar por Hércules.

DEJANIRA

Quão próximo da morte se encontra o meu Alcides, fala, explica, por favor (765).

HILO

A morte, que uma vez foi vencida por ele em seu próprio reino, dele se afasta, e nem o destino ousa cometer tão grande impiedade. Talvez, Cloto tenha afastado o fuso de sua mão trêmula, e o destino tenha medo de concluir (seu trabalho) em relação a Hércules. Ó dia! Que dia abominável (770)! Um final destes atingirá aquele grande Alcides?

DEJANIRA

Tu dizes que ele me precede (no caminho) para a morte e para as sombras, e para o mundo mais temível? Ou posso, primeiro, experimentar a morte? Responde-me se ele ainda não morreu.

HILO

A terra eubéia, que se eleva num imenso pico (775), é batida por todos os lados (pelas ondas). O promontório Cafareu cinde o mar de Frixo; por isso, seu flanco se expõe ao Austro. E no lado em que sofre a fúria do Aquilão nevoso, o Euripo

instável faz refluir as águas errantes; e sete vezes eleva as vagas, e outras tantas as abaixa (780), até que o Titã mergulhe no oceano suas parelhas cansadas. Aí, numa rocha elevada, que muitas nuvens envolvem, brilha o antigo santuário de Júpiter Ceneu.

Logo que todo o rebanho a ser imolado se postou em volta do altar, e todo o bosque ecoou ao mugido dos touros enfeitados de ouro (785), Hércules despiu a pele do leão, suja do sangue corrompido. Depôs o peso de sua clava, e livrou seus ombros da pesada aljava. A seguir, refulgente com a tua veste, cingindo, com o choupo branco, sua cabeleira hirsuta, ele acendeu o altar: "Recebe em teu altar estes frutos, meu pai verdadeiro", diz ele, "e o fogo sagrado se avive pelo incenso em profusão, que o rico árabe, adorador de Febo, colhe das árvores sabéias. A terra está pacificada", diz, "e também o céu e os mares. Subjugados todos os monstros, estou de volta vencedor (795). Depõe o raio". Estupefato o próprio Hércules, um gemido cai em meio a suas preces. Nesse momento, ele enche o céu com um clamor horrendo: semelhante ao touro que foge com o cutelo de dois gumes e que leva (em sua fuga) a ferida e o cutelo, e enche com seu vasto urro o templo que estremece (800); ou semelhante ao raio que reboa atirado no firmamento. Assim ele fere, com seu grito, os céus e o mar. A vasta Cálcis retumba, e toda a Cíclade lhe recebe os sons. Em seguida, os rochedos de Cafareu, e depois, todo o bosque repete os gritos de Hércules (805). Nós o vemos chorar. O povo acredita ter voltado sua antiga fúria. Então seus servidores empreendem a fuga. Mas ele, virando o rosto inflamado para um lado e para o outro, segue apenas um entre todos: ele procura Licas. Este, abraçando o altar com sua mão trêmula (810), experimenta, só de medo, a morte, e pouco resta de si para o castigo. E enquanto, com sua mão furiosa, (Hércules) segura o cadáver: "Por esta mão, esta", diz, "pensarão, ó destinos, que fui vencido? Licas vence Hércules. A calamidade é outra. Hércules destrói Licas (815). Sejam meus feitos manchados: seja este o meu último trabalho." Num arremesso, Licas é atirado para os céus, e esparge as nuvens com seu sangue derramado; da mesma forma se lança contra o céu a flecha que se vê atirada pela mão do Geta (820), ou aquela que arremessa o Cidão. Até esses dardos, no entanto, irão menos alto. O tronco cai no mar, a cabeça sobre os rochedos: um só corpo jaz em dois lugares ao mesmo tempo. "Resiste!", diz: "a loucura não me tirou a razão. Este mal é mais sério do que a loucura e a cólera: agrada-me contra mim mesmo enfurecer-me". Tão logo identifica o mal (825), ele se enfurece. Ele próprio dilacera seus membros, e arranca grandes pedaços, separando-os com a própria mão. Tenta se despir de suas roupas. Somente isto eu vi que o próprio Hércules não podia. Tendo, no entanto, insistido em arrancá-las, ele arrancou as próprias carnes: a própria roupa é parte de seu corpo horrendo (830). A vestimenta se mistura à pele. A causa da terrível desgraça não é claramente visível, mas há, sem duvida, uma causa. Suportando com dificuldade o mal, ora lânguido, com a face debruçada, ele toca o chão (835), ora ele pede água: a água no entanto não lhe vence o mal. Ele procura a praia com o ruído das ondas, e penetra no mar. A turma dos servidores contém-no em seu caminhar errante. Ó sorte acerba! Tornamo-nos iguais a Alcides. Neste momento, um barco o retira do

litoral de Eubéia (840), e o leve Austro carrega o pesado Hércules. A alma deixa seu corpo. A noite lhe serra os olhos.

DEJANIRA

Por que não ages, ó minha alma? Por que te paralisas? O crime foi consumado. Júpiter reivindica seu filho, Juno seu rival. Ele deve ser restituído ao universo. Exibe, pelo menos, o que é possível restituir. Que uma espada cravada trespasse o meu corpo (845). Assim, é assim que se deve fazer. Uma mão tão frágil executa um castigo tão grande? Destrói, com teus raios, sogro, esta nora celerada. Que tua mão não se muna de uma arma leve: lança do céu aquele raio, com o qual, se não tivesse, de ti, nascido Alcides (850), terias fulminado a hidra. Fere-me como a uma calamidade desgraçada insólita, e como a um mal pior do que o de uma madrasta irada. Lança um dardo semelhante ao que outrora foi lançado contra o Faetonte errante. Eu também pus a perder os povos, ao perder apenas Hércules. Por que pedes uma arma aos deuses (855)? Poupa agora teu sogro. Envergonhe-se a esposa de Alcides de implorar a morte. Esta mão será uma prece mais eficiente: a morte seja buscada por mim mesma; apanha o mais rápido possível uma espada. Por que tem que ser uma espada? Qualquer coisa que leve à morte é uma arma além do suficiente: atirar-me-ei de uma pedra altíssima (860). Esta, esta que, por primeiro, recebe o dia que nasce; seja eleito o Eta, daqui me agrada atirar meu corpo. Que uma rocha abrupta me rasgue, e toda pedra arranque um pedaço de mim; que minhas laceradas mãos fiquem penduradas, e todo o flanco do escarpado monte se torne vermelho (865). Uma morte só é breve: breve?... Mas ela pode ser prolongada. Não sabes escolher, minha alma, sobre que arma te jogarás. Quem dera estivesse, oh quem dera, pendurada em meu quarto nupcial a espada de Hércules! Sobre esse ferro eu deveria morrer. Mas, morrer por uma única mão me será bastante (870)?... Juntai-vos, nações; e o mundo inteiro me lance pedras e tochas acesas; que mão alguma se abstenha agora. Apanhai as armas: eu vos roubei o vingador. A partir de agora, os reis cruéis impunemente portarão seus cetros (875), monstros invencíveis também nascerão impunemente. Os altares acostumados a receber vítimas semelhantes ao sacrificador ressurgirão. Eu abri o caminho para os crimes. Tendo-vos roubado o justiceiro, eu vos expus aos tiranos, aos reis, aos monstros, às feras e às divindades cruéis. Tu não fazes nada, companheira do deus Troante (880)? Imitando teu irmão, não espalhas o fogo roubado a Júpiter, não o atiras e não me destróis tu mesma? Por mim, foi de ti roubada tua glória ilustre e teu triunfo ingente. Eu, Juno, antecipei a morte de teu rival.

AMA

Por que pões a perder tua casa abalada (885)? Tudo isso é (fruto) de um erro, mesmo que se trate de um sacrilégio. Não é culpado quem quer que, sem vontade, se torne culpado.

DEJANIRA

Todo aquele que se desculpa no âmbito do destino mereceu errar: agrada-me ser punida com a morte.

AMA
Deseja parecer culpado aquele que procura morrer.

DEJANIRA
A morte só torna inocentes os enganados (890).

AMA
Fugirás a Titã?

DEJANIRA
O próprio Titã me foge.

AMA
Deixarás a vida?

DEJANIRA
Uma vida infeliz, para seguir Alcides.

AMA
Ele ainda está vivo, e respira o ar dos céus.

DEJANIRA
Do momento em que Hércules pôde ser vencido, a partir daí ele começou a morrer.

AMA
Abandonarás teu filho e romperás o fio de tua vida (895)?

DEJANIRA
Tendo o filho sepultado não importa qual mãe, esta viveu muito tempo.

AMA
Seguirás teu homem?

DEJANIRA
As castas costumam precedê-los.

AMA
Se tu própria te condenas, tu mesma te argúis de crime.

DEJANIRA
Nenhum culpado pode, ele próprio, derrogar suas penas.

AMA
A muitos, cujo culpado fora um erro e não sua mão direita, a vida foi poupada (900): quem pode condenar seu próprio destino?

DEJANIRA
Qualquer um que tenha recebido um destino iníquo.

AMA

Este mesmo (Hércules) estendeu morta Mégara trespassada por suas flechas, como seus jovens filhos (905), cravando-lhes, com sua mão furiosa, as flechas envenenadas pela hidra. Tornado triplamente parricida, ele concedeu o perdão a si mesmo, e não à loucura. Na fonte cinífia, sob o céu da Líbia, ele lavou seu crime e purificou sua mão direita. Para onde vais, infeliz? Por que condenas tuas próprias mãos?

DEJANIRA

É Alcides derrotado (que) condena minhas mãos (910). Eu quero punir meu crime.

AMA

Se conheço Hércules, ele sairá, sem dúvida, vencedor desse mal cruento, e a dor recuará diante de teu Alcides.

DEJANIRA

Essa terrível peste destruiu o corpo de meu esposo (915).

AMA

Conforme se diz, o veneno da hidra devorou os membros. E tu acreditas que o veneno da serpente morta não possa ser vencido por aquele que resistiu ao monstro vivo? Mesmo com o dente dela cravado, ele, vencedor, se ergueu no meio do pântano; seus membros, mesmo banhados no veneno (por ela) derramado, estrangularam a hidra. O sangue de Nesso vencerá este que venceu as próprias mãos do terrível Nesso (920)?

DEJANIRA

Em vão se retém aquele que decidiu morrer: além disso, está decidido por mim que vou fugir à luz. Viveu o bastante quem morre com Alcides.

AMA

Suplicante (925), por esses cabelos senis, e por esses seios quase maternos, eis que te conjuro: afasta de teu coração ferido as ameaças desmedidas, e repele esta decisão horrível de uma morte sinistra.

DEJANIRA

Quem, por acaso, dissuade de morrer a um infeliz, é ele mesmo cruel: muitas vezes, morrer é um castigo (930), mas com freqüência, é um presente; para muitos foi uma indulgência.

AMA

Defende, pelo menos, tua mão direita, infeliz. E saiba ele que o crime resultou de uma fraude, e não é de uma esposa.

DEJANIRA

Eu serei defendida lá em baixo: os infernos absolverão a ré. Por mim mesma sou condenada; que Plutão purifique estas mãos (935). Estarei imémore diante de tuas margens, ó Letes, e, como uma triste sombra, receberei o meu esposo. Mas tu, que

tiranizas os reinos do pólo sombrio, prepara-me o suplício. (Este meu erro ultrapassa os crimes que um qualquer tenha ousado: Juno não ousou arrebatar Hércules da terra) (940). Prepara-me um suplício horrível. Que a cabeça de Sísifo descanse e a pedra pese sobre meus ombros. Que a água inconstante me fuja e que a onda enganadora iluda minha sede. Eu mereci oferecer minhas mãos a teu turbilhão (945), ó roda que torturas o rei dos Tessálios. Que um abutre faminto espicace por toda parte essas entranhas. Falta uma Danaide: eu farei sua vez. Abri as portas, Manes. Recebe-me em tua companhia, esposa de Fásis. Esta mão direita é pior (950), pior que teus dois crimes; és tanto mãe culpada, quanto irmã cruel. Acrescenta-me, como companheira, a teus crimes, esposa trácia. Acolhe tua filha, minha mãe Altéia, e reconhece em mim tua verdadeira descendência (955). O que de tão grande tuas mãos já destruíram? Fechai-me os Elísios, vós todas, esposas fiéis, que habitais as entranhas do bosque sagrado. Se, por outro lado, alguma manchou as mãos com o sangue de seu homem, ou, esquecida do casto himeneu, tal uma cruenta descendente de Belo, se ergueu de espada em punho (960), reconheça ela nas minhas, as suas próprias mãos, e as exalte. Para o meio dessa turba de esposas quero ir. Mas essa mesma turba de esposas rejeitará minhas mãos sinistras. Invencível esposo, tenho a mão criminosa, mas a alma é inocente. Ó meu espírito, crédulo demais (965)! Ó Nesso enganador! Justamente pelos ardis de um meio-monstro, desejando afastá-lo da concubina, eu o afastei de mim. Afasta-te, ó Titã; e tu, ó vida, que conservas na doce luz os desgraçados. Para quem estará privada de Hércules, esta luz de nada vale. Eu te punirei (970), e abandonarei a vida. Ou prolongo meus dias, meu esposo, e me salvo da morte para tuas mãos?... Alguma força inda te resta... e tuas mãos armadas são capazes de retesar o arco que lançará as flechas? Ou tuas flechas não voam mais, e, tendo a mão enfraquecida, o arco não obedece a ti (975)? Se tu podes me dar a morte, ó valente esposo, eu a espero de tua mão direita. Minha morte seja adiada: quebra-me como (fizeste) ao inocente Licas. Espalha meus restos por cidades estranhas, e lança-me num mundo desconhecido de ti. Mata-me, como ao monstro da Arcádia (980), e como a todos os outros que te resistiram e dos quais, meu esposo, tu saíste vencedor.

HILO

Pára agora, mãe, eu te peço. Perdoa-te essa fatalidade: teu erro é isento de culpa.

DEJANIRA

Se posso esperar de ti uma verdadeira piedade, ó Hilo, mata agora tua mãe. Por que treme de pavor a tua mão (985)? Por que desvias o rosto? Este crime será um ato de piedade. Hesitas, covarde? Eu te roubei Hércules. Estas, estas mãos mataram o pai a quem tu deves o ter por avô o deus do trovão. Maior honra eu te roubei pela morte (de Hércules), do que a que lhe proporcionei, dando-te à luz. Se te é desconhecida a impiedade (990), aprende-a com tua mãe; quer escolhas mergulhar a espada em meu pescoço, quer prefiras perfurar o ventre materno, tua mãe te mostrará uma alma intrépida. O crime não será praticado por ti somente. Eu serei abatida pela tua mão (995), mas com decisão minha. Tu temes, filho de Alcides? Então, não cumpras quaisquer tarefas mandadas, e nem erres pelo universo combatendo os monstros. Se algum monstro nascer, faz renascer teu pai.

Prepara tua mão intrépida. Eis que se abre diante de ti um peito cheio de misérias: fere-o (1000). Eu perdôo teu crime: as próprias Eumênides abster-se-ão ante tua mão direita - Soou um som de açoites. Quem é esta que agita a cabeleira eriçada de serpentes e bate suas asas negras sobre as têmporas medonhas? Por que me persegues, ó cruel Megera, com tua tocha ardente (1005)? Vens pedir vingança por Alcides? Eu o vingarei. Já tomaram assento, ó deusa terrível, os juízes do inferno? Vejo abertas as portas do cárcere. Quem é esse homem já velho que carrega sobre os ombros alquebrados essa enorme pedra? Eis que a pedra já dominada (1010) começa a rolar de volta. Quem é aquele cujos membros são torturados pela roda? Eis que aqui se põe de pé a pálida e cruel Tisífone. Ela me interroga. Poupa-me das pancadas, te peço; poupa-me, Megera: suspende as tochas infernais; meu crime é de amor. Mas o que é isso? A terra treme (1015) e o palácio desaba, com seu teto desmanchado. Donde vem toda essa multidão ameaçadora? O universo inteiro se atira contra mim. Daqui e dali os povos gritam de indignação, e toda a terra exige seu vingador. Agora, poupai-me, nações: para onde dirigirei, às pressas, minha fuga (1020)? Só a morte resta como porto para as desgraças minhas. Tomo por testemunha o disco flamejante do irradiante Febo! Tomo por testemunhas os deuses superiores! Eu, que vou morrer, ainda deixo na terra Hércules. (Ela sai rapidamente de cena)

<*HILO, A AMA*>

HILO

Ela foge atônita: ai de mim! Seu papel de mãe está terminado: ela decidiu morrer (1025). Agora, sobrevém o meu papel: tirar seu ímpeto de morte. Ó desgraçado amor de filho! Se tu impedes de morrer a mãe, és criminoso junto ao pai; se, ao contrário, consentes que ela morra, tu pecas contra a mãe: de um lado e de outro, a impiedade me acua. De qualquer forma, ela deve ser impedida: é justo que lhe impeça um crime (1030). (Ele se retira após a mãe)

TERCEIRO CANTO

CORO

É verdade o que, aplicando-se à lira piéria, o sagrado Orfeu, filho de Calíope, aos pés das montanhas do Ródope Trácio, cantou (afirmando) que nada nasceu eterno (1035). Diante dos cantos dele, cessou o ruído da torrente rápida e, esquecida de prosseguir seu curso, a água perdeu o ímpeto e, quando os rios pararam (1040), os Bistones distantes julgaram que o Hebro do território dos Getas tinha desaparecido. O bosque trouxe seus pássaros, e os habitantes da mata vieram. E se, por acaso, uma ave errante percorria os ares em seu vôo, ouvidos seus cantos, ela caía desfalecida (1045). O Atos arrancou suas rochas, levando em sua marcha os Centauros, e se deteve junto ao Ródope (1050), estando a neve derretida por seus cantos; e a Dríade, abandonando seu carvalho, se lança na direção do vate. As próprias feras vêm com seus disfarces, para onde está a música (1055). Junto ao rebanho, sem lhe causar temor, senta-se o leão marmárico. Nem as corsas tremem diante dos lobos, e a serpente abandona seu antro, esquecida de seu veneno (1060).

Há mais: quando, através das portas do Tênaro, ferindo a lira lamentosa, ele vai para junto dos Manes silenciosos, com seu canto soturno, ele vence o Tártaro e os deuses tristes do Érebo (1065), e não teme os lagos

do Estige, ligados por juramento aos deuses superiores. A roda perpetuamente em movimento, com seu turbilhão vencido, lânguida parou. O fígado de Tício cresceu, enquanto (Orfeu) entretinha as aves com seu canto (1070). Tu também escutas, marinheiro: a barca do rio infernal desliza sem nenhuma ação dos remos. Então, pela primeira vez, esqueceu-se o velho Frígio (1075), mesmo com as águas imóveis, e não zombou da violenta sede, e nem estendeu as mãos para pegar os frutos. Assim, quando Orfeu deixou os infernos, espalhando sua música (1080), a cruel pedra pôde não só ser vencida, como seguir o vate. As deusas supriram novamente os fusos de Eurídice, exauridos (de vida)! Mas quando o distraído Orfeu (1085) se virou, não acreditando que Eurídice, a si restituída, o seguia, ele perdeu a recompensa de seu canto: aquela que renascera, morre de novo (1090). Então, procurando, nos cantos, o consolo, Orfeu, numa toada dolorosa, aos Getas cantou esta canção: as leis estão acima também dos deuses, e daquele que, senhor do tempo, dispôs (1095) as quatro estações do apressado ano; para ninguém as parcas apressadas deixam de tecer o destino em sua roca. Tudo o que pôde nascer, poderá morrer. Hércules vencido nos manda acreditar no vate trácio (1100). Já já, um dia virá para o universo, quando, estando aniquiladas suas leis, o pólo austral esmagará tudo o que existe nas terras líbias (1105) e tudo o que possui o Garamante nômade. O pólo ártico destruirá tudo o que existe abaixo de seu eixo, e açoita o Bóreas seco. O

alarmado Titã (1110), uma vez perdido o céu, fará precipitar-se o dia. O palácio celeste, em sua queda, arrastará consigo o Levante e o Poente, e, de igual maneira, algum tipo de morte atingirá os deuses nesse caos (1115). E a própria morte pronunciará contra si mesma a sentença capital. Que lugar conterá o céu? A porta do Tártaro ficará escancarada, de modo a conter todo o céu desintegrado (1120)? Ou o espaço que separa da terra as regiões celestes é bastante, é suficientemente grande para acolher as ruínas do mundo? Que lugar acolherá tamanha impiedade? Ó Deus, que lugar receberá os deuses (1125)? Que único lugar acolherá esses três reinos: o mar, o Tártaro e o Firmamento? Mas que imenso estrondo fere meus ouvidos atônitos? É sim, é a voz de Hércules (1130).

(Entra Hércules no auge de seu sofrimento)

QUARTO EPISÓDIO

HÉRCULES, CORO

HÉRCULES

Faz retroceder, ó preclaro Titã, os teus cavalos esbaforidos, e faz-nos cair a noite. Perca o universo este dia em que morro, torne-se, com uma nuvem negra, medonho o firmamento; detém os passos à madrasta. É agora, ó pai, que convém restabelecer o escuro caos, e que, daqui e dali, rompidos seus apoios (1135), ambos os pólos deveriam se quebrar. Por que poupas os astros? E perdes Hércules, pai?

Agora, Júpiter, vigia todos os recantos do céu, para que nenhum Gias atire as montanhas tessálicas, e para que o Ótris não se torne um fardo leve para o Encélado (1140). Tão logo o soberbo Plutão tenha aberto as portas do sombrio cárcere, ele quebrará as cadeias de seu pai e lhe devolverá o céu. Eu, aquele que havia nascido para o serviço de teu raio e de teu fogo, estava na terra, e retorno ao Estige: O feroz Encélado ressurgirá (1145), e lançará contra os deuses o fardo pelo qual está contido agora. Minha morte tornará todo o reino do céu, ó pai, uma incerteza para ti. Antes que o céu inteiro se torne um espólio (subtraído) de ti, envolve-me, pai, na ruína total do universo, destrói o céu que perdes (1150).

CORO

Não temes em vão, descendente do deus Tonante. Então o Pélio pesará sobre o Ossa tessálico, e o Atos, colocado sobre o Pindo, misturará seu bosque aos astros celestes. Logo, Tifeu vencerá os rochedos (1155), e arrastará consigo a tirrena Inárime; em seguida arrastará o fogo do Etna e rasgará a encosta da montanha aberta, o Encélado ainda não vencido por teu raio: O reino do céu vai te seguir (1160).

HÉRCULES

Eu, que, depois de deixar para trás a morte, tendo desprezado o Estige, atravessando o meio estagnado das águas do Letes, voltei com o espólio, diante do qual Titã quase caiu, por causa de seus cavalos disparados; eu, a quem experimentaram os três reinos dos deuses, morro, e nenhuma espada range perpassando meu lado (1165), e a arma de minha morte não é um rochedo, nem uma pedra de peso igual ao de uma montanha escarpada, ou ao do Ótris inteiro; nenhum gigante de fauce feroz enterrou meu cadáver sob o Pindo inteiro (1170). Sou vencido sem inimigo, e o que mais me atormenta, (ó valor desgraçado!) o último dia de Alcides não deitou por terra nenhum monstro; não uso minha vida, ai de mim, para façanha alguma. Ó árbitro do mundo, ó deuses outrora testemunhas das obras de minha mão direita, ó terra inteira, agrada-vos que a morte de vosso Hércules se perca (1175)? Ó vergonha terrível para nós! Ó desonroso destino! Uma mulher será propalada como autora da morte de Hércules: este Alcides causador (da morte) a tantos. Se o destino inflexível queria que eu morresse pela mão de uma mulher, e se minha morte perpassou tão torpes fusos (1180), eu poderia ter caído, ai de mim, pelo ódio de Juno: teria caído pela mão de uma mulher, mas pela mão de quem possui o céu. Se isso fosse demais, ó deuses, que a Amazona (1185), nascida sob o céu da Cítia, subjugasse minhas forças; - pela mão de que mulher sou vencido eu, o inimigo de Juno! A partir desse fato, tens, madrasta, a desonra mais grave. Por que chamas de feliz a este dia? Que semelhante ser a terra gerou algum dia para tua ira? Uma mulher mortal te superou no ódio. Até agora admitias estar abaixo de Alcides (1190): és suplantada por dois. Envergonhem-se os deuses de sua cólera. Oxalá o monstro de Neméia tivesse saciado suas fauces com meu sangue ou, cercado por suas cem víboras, com meu sangue putrefato, eu sucumbisse ante a hidra! Oxalá tivesse sido dado como presa aos Centauros (1195). Oxalá eu, vencido entre as sombras, permanecesse infeliz atado eternamente a um rochedo, quando, eu arranquei à morte estupefata seus

espólios mais longínquos. Assim, pois, do Estige infernal, eu recuperei a luz, triunfei dos obstáculos de Plutão, por toda parte em que a morte me fugia (1200), para ficar privado de uma morte (própria) de uma sorte ilustre. Ó monstros, vencidos monstros! Tendo visto a luz do sol, o cão triforme não me reconduziu ao Estige. Sob o céu de Hespéria, não me venceu a turba ibera do pastor feroz, nem as duas serpentes (me venceram) (1205). Quantas vezes perdi uma morte honrosa, ai de mim: qual será meu título derradeiro?

CORO

Vede como seu valor, cônscio de sua glória, não se assusta com as ondas do Letes? Ele se envergonha do autor da morte; a morte mesma não o faz sofrer. Ele arde em desejo de encerrar seu último dia (1210) esmagado sob a imensa mole de um gigante enorme, e de sofrer os golpes de um titã armado de montanhas, e de dever sua morte a um monstro furioso. Mas é tua mão, infeliz, a causa (de tua morte), porque não existe mais monstro nenhum e nenhum gigante (1215). Afinal, que força ainda sobre-existe, capaz de matar Hércules, senão tua própria mão?

HÉRCULES

Oh! Que escorpião se instalou dentro de mim, que câncer, arrancado de sua zona tórrida, incrustado fundo, queima minhas entranhas? Meu fígado, outrora cheio de sangue (1220), distende as fibras calcinadas de meu pulmão inchado. Com seu fel ressecado, meu fígado arde, e um lento vapor exaure todo o meu sangue. Primeiramente consumiu minha pele, daí o flagelo fez uma incursão nefasta dentro de meu corpo, e a peste destruiu meu flanco (1225). O mal devorou meus membros até o fundo e minhas costelas; absorveu minhas entranhas, e se assenta em meus ossos vazios; e os próprios ossos não resistem, mas, com as juntas rompidas, desfazem-se numa massa informe. Meu corpo imenso definha; e os membros de Hércules não são suficientes para esta peste (1230). Oh! Quão grande é este mal para que eu possa julgar sua extensão, ó calamidade terrível! Eis, observai, ó povos, o que resta daquele Hércules. Reconheces teu Hércules, pai (1235)? Foi com estes braços, que eu estrangulei o pescoço sufocado do monstro de Neméia? Retesado por estas mãos, meu arco derrubou dos astros mesmos as aves de Estinfalo? Com estes pés, eu venci, na corrida, o monstro veloz que sustenta uma cabeça famosa por sua fronte radiante? Com a força destas mãos, a Calpe abriu passagem para o mar (1240)? É graças a estas mãos que tantos monstros, tantos criminosos, tantos tiranos jazem por terra? Sobre estes ombros, se apoiou o universo? Esta é a grandeza de meu corpo? Esta é aquela nuca? Estas mãos é que eu contrapus ao céu que caía? Que guardião do Estige será, doravante, arrastado por minha mão? Onde estão minhas forças? Sepultadas antes de mim (1245)? Por que chamo de pai a Júpiter? Por que, desgraçado, reivindico o céu por intermédio do Tonante? De agora em diante, se acreditará ser meu pai Anfitrião. Monstro, não importa quem tu sejas, que te escondes em minhas entranhas, mostra-te! Por que me atinges com este ferimento oculto (1250)? Que mar da Cítia sob o pólo gelado, que preguiçosa Tétis te engendrou? Ou, que ibera Calpe que comprime o litoral da Mauritânia? Ó mal cruel! Acaso és uma serpente horrível que vibra a cabeça encimada por uma crista? Ou és algum mal desconhecido de mim (1255)? Ou,

quem sabe, foste gerado do sangue do monstro de Lerna? Ou foi o cão do Estige que te deixou na terra? És todo mal e não és nenhum. Que cara tu tens? Concede-me, pelo menos, saber de que mal eu morro. Qualquer monstro, ou qualquer fera que tu sejas (1260), face a face, tu temerias. Quem te ofereceu um lugar no interior de minhas entranhas? Eis que arrancada minha pele, minha mão pôs a nu minhas vísceras, mas um esconderijo mais profundo foi achado. Ó mal semelhante a Hércules! De onde vem este lamento? De onde vêm as lágrimas para estes olhos (1265)? Meu rosto outrora invicto e jamais acostumado a oferecer lágrimas às suas desgraças - envergonho-me! - aprendeu agora a chorar. Que dia, que terra viu alguma vez o choro de Hércules? Sem lágrimas, suportei minhas desventuras. Diante de ti somente, cedeu aquela força que venceu tantos males (1270), ó monstro, que por primeiro e antes de qualquer outro, me arrancaste o choro. Meu rosto, mais duro do que a pedra escarpada, do que o aço, e do que a Simplégade errante, abateu minha expressão e me fez correrem as lágrimas. Ó supremo condutor do universo, a terra me viu chorando e gemendo (1275), e - o que me atormenta ainda mais - a madrasta também o viu. Eis que se incendeiam novamente minhas entranhas, e se aviva o calor. De onde (conseguir) neste momento um raio para mim?

CORO

O que não pode a dor vencer? Ele, outrora mais duro do que o Hemo Gético (1280) e tão inflexível quanto o pólo Parrásio, abandonou seus membros à violência da dor; e, agitando, com o pescoço, sua cabeça fatigada, ele vira, sob seu peso, de lado alternadamente. Algumas vezes, sua força engole o pranto (1285). Assim o Titã não ousa derreter as neves árticas, com seu raio ainda tépido; e a brancura glacial vence os raios do potente sol.

HÉRCULES, ALCMENA, <SERVOS>

HÉRCULES

Volta teus olhos para os meus infortúnios, pai (1290). Alcides nunca recorreu a tuas mãos, nem mesmo quando a hidra enlaçava seus membros com sua cabeça fecunda. Aprisionado, no meio dos lagos infernais, pela negra noite, quando me defrontei com o Destino, não te invoquei. Venci tantos monstros horríveis (1295), reis, tiranos, e nem sequer voltei meu rosto para os astros: estas mãos se responsabilizaram sempre por minha decisão. Nenhum raio brilhou jamais, por causa de mim, no céu sagrado. Este dia me manda pedir alguma coisa. Seja ele o primeiro e também o último a ouvir minhas súplicas (1300): peço-te tão somente um raio; considera-me um gigante - não menos do que eles, eu pude reivindicar para mim o céu - enquanto te julgo meu verdadeiro pai, e que eu respeitei o céu. Se és cruel, pai, ou se és compassivo, estende tua mão ao filho (1305), apressando-lhe a morte, e assegura para ti esta glória. Se, no entanto, te desagrada isso, e tua mão rejeita uma impiedade, manda, contra mim, do monte Siciliano, os ardentes titãs. Que, em suas mãos, carreguem o Pindo ou o Ossa, e eles me esmaguem, ao atirar-me uma montanha (1310). Que Belona, com sua espada desembainhada, rompa as barreiras do Érebo e me ataque. Envia o feroz Gradivo, e que ele se arme,

terrível, contra mim: ele é, de certo, meu irmão, mas a partir da madrasta. Tu também, irmã de Alcides, tão somente da parte do pai, atira tua lança contra teu irmão, Palas (1315). A ti estendo, madrasta, minhas mãos suplicantes: atira pelo menos, te peço, um dardo (eu posso morrer pela mão de uma mulher). Já apaziguada, já saciada - por que alimentas ameaças? O que pretendes mais? Tu vês Alcides suplicante (1320); ora, nenhuma terra, nenhum monstro me viu implorando-te. Agora me é necessária - é claro - uma madrasta irada. E agora, teu ressentimento cessa? Agora tu depões ó ódio? Tu me poupas quando meu desejo é de morrer. Ó terra, ó cidades, ninguém trará para Hércules uma tocha? Nem armas (1325)? Tu me subtraíste os dardos? Assim, nenhuma terra conceba monstros cruéis depois de meu sepultamento, e que jamais o mundo implore (pelas) mãos de Hércules. Se quaisquer monstros vierem a nascer, que nasça (também) um deus. Imolai minha desventurada cabeça com pedras de toda parte (1330). Vencei minhas tribulações. Ficas parado, mundo ingrato? Já não existo para ti? Estarias ainda dominado por monstros e feras, se não me tivesses concebido. Livrai de seus males vosso vingador, ó povos: esta ocasião vos é dada (1335) para recompensar meus méritos: minha morte será a paga de tudo.

ALCMENA

Que terras procurarei eu, a infeliz mãe de Alcides? Onde está meu filho? Onde está? Minha visão me revela o que é certo, ei-lo deitado. Com as vísceras ofegantes, ele arde (1340); e geme: acabou. Que me seja permitido abraçar teus membros, pela última vez, meu filho. O suspiro que te foge seja recolhido pela minha boca. Braços, recebei meus abraços! Mas, onde estão os membros dele? Onde está aquela nuca portadora dos astros que sustentou o mundo? Quem te reduziu a uma pequena parte de ti mesmo (1345)?

HÉRCULES

Vês, de fato, teu Hércules, mãe. Ou melhor, vês sua sombra e não sei que vil parte de mim. Reconhece-me, mãe: por que voltas o rosto para trás, e por que ocultas a face? Tens vergonha de que se diga que Hércules é teu filho?

ALCMENA

Que céu, que terra gerou um novo monstro? Que crueldade tão terrível triunfa sobre ti (1350)? Quem é o vencedor de Hércules?

HÉRCULES

Tu vês Alcides abatido por ardil da esposa.

ALCMENA

Que ardil é tão grande a ponto de vencer Alcides?

HÉRCULES

Aquele que é suficiente para uma mulher irada, mãe.

ALCMENA

E donde vem este mal que se apodera de membros e de ossos (1355)?

HÉRCULES

Uma túnica deu acesso aos venenos dessa mulher.

ALCMENA

Onde está essa túnica? Eu vejo teus membros desnudados.

HÉRCULES

Foi consumida comigo.

ALCMENA

Encontrou ela uma peste tão pavorosa?

HÉRCULES

Acredita, mãe, que a hidra de Lerna erra pelo interior de minhas entranhas e, com ela, mil monstros (1360). Que tão potente chama corta as nuvens da Sicília? Que ardente Lemnos? Que região do céu ignífero impedidora da passagem do dia em seu espaço ardente? Atirai-me no mesmo mar, companheiros meus, e no meio dos rios: - que Istro me é suficiente (1365)? Nem o oceano, ele próprio maior do que as terras, mitigará meu abrasamento. Todo o elemento líquido será pouco nestes tormentos meus. Toda a água secará. Por que, senhor do Érebo, me devolveste a Júpiter? Devias ter-me retido: reconduz-me a tuas trevas (1370). Mostra o Hércules neste estado, aos infernos (por ele) vencidos. Nada trarei daí; por que temes de novo a Hércules? Ataca-me, sem receio, morte: agora posso morrer.

ALCMENA

Contém, pelo menos, as lágrimas, e vence essas calamidades, e restitui-nos o Hércules invencível diante de tão (1375) grandes males, e suspende a morte: vence o inferno, como costumas.

HÉRCULES

Se o horrendo Cáucaso me oferecesse, preso em suas cadeias, como alimento, à ave voraz, mesmo que gemesse a Cítia, nem um frágil gemido me escaparia. Se as Simplégades errantes me prensassem entre os dois rochedos (1380), eu, intrépido, enfrentaria os choques de suas idas e vindas. Caia sobre mim o Pindo e também o Hemos, e o Atos que rompe as ondas do mar da Trácia, e o Mimante, que quebra o raio de Júpiter. Nem mesmo se o próprio firmamento, mãe, caísse sobre mim (1385), e o carro de Febo explodisse em chamas sobre meus músculos, um clamor indigno subjugaria a vontade de Hércules. Que se lancem mil feras e (me) dilacerem ao mesmo tempo; que de um lado se lancem, com seus gritos selvagens, as aves de Estinfalo; e que do outro, com toda (a força de) seu pescoço, me ataque o touro ameaçador (1390), e tudo o que, separadamente, é também temível; que surja daqui e dali um bosque, e que o cruel Sínis arranque meus membros: ao ser esquartejado, manterei silêncio - nem os monstros nem as armas me arrancarão gemidos, nem qualquer coisa que possa ser lançada contra mim (1395).

ALCMENA

O veneno da mulher, meu filho, não consome teus membros, mas a dura série de tuas obras e teu prolongado trabalho (é que) talvez alimentaram essas enfermidades sangrentas.

HÉRCULES

Onde a doença? Onde está ela? Há ainda no mundo algo de mau (coexistindo) comigo? Que ele venha; alguém me traga o arco até aqui (1400): a mão desarmada me bastará: Vamos! Vem logo até aqui. (Ele cai numa tristeza profunda).

ALCMENA

Ai de mim. Com seu choque, a dor excessiva arrancou-lhe também os sentidos. (Às acompanhantes) Afastai, peço-vos, seus dardos, e tirai daqui, imploro, suas flechas mortíferas: ruborizadas pelo fogo, suas faces ameaçam um crime (1405). Que refúgio procurarei eu, uma anciã? Essa dor é a loucura: o único (mal) capaz de dominar Hércules. Por que ainda eu, insensata, procurarei esconderijo ou fuga? Alcmena mereceu morrer por um braço forte: ou melhor, pereça ela por um crime, antes que algum covarde me cause a morte (1410), e uma mão indigna triunfe sobre mim. Eis que, um torpor aperta suas veias enfraquecidas pelos males e cansadas pela dor, e seu peito ofegante se agita com um movimento pesado. Sede propícios, deuses. Se a mim, infeliz, recusastes o filho ilustre (1415), pelo menos, vos suplico, conservai na terra seu vingador. Desapareça a dor, expulsa, e o corpo de Hércules recupere suas forças!

HILO, ALCMENA, HÉRCULES,

FILOCTETES <SERVOS>

HILO

Ó luz amarga, dia cheio de crimes! A nora do Tonante morreu, seu filho jaz no solo (1420) e eu, seu neto, sobrevivo. Este perece pelo crime de minha mãe. E ela foi presa de uma fraude. Que ancião, através do impacto dos anos e numa vida inteira, poderá experimentar tão grandes infortúnios? Um só dia me arrebatou ambos os pais. E para me silenciar sobre outros males (1425), e para me conter quanto ao destino, perco meu pai, que é Hércules.

ALCMENA

Domina tuas palavras, ilustre descendente de Alcides e neto de Alcmena, e, quanto ao destino, semelhante a essa infortunada: talvez um longo sono vencerá a dor de Hércules. Mas, eis que a quietude abandona sua alma (1430) enfraquecida, entrega seu corpo à enfermidade e a mim a aflição.

HÉRCULES

(Acordando em delírio)

Que é isto? Vê-se Traquine sobre o rochedo escarpado; ou eu, situado em meio aos astros, libertei-me enfim do gênero mortal? Quem me prepara o céu? Já te vejo, já te vejo, pai, contemplo também a madrasta pacificada (1436). Que som celeste toca meus ouvidos? Juno me chama de seu genro. Eu vejo o resplandecente

palácio do luminoso éter, e a região desgastada pela roda de Febo. Vejo a morada da noite; daí saem as trevas (1440). (Começando a sair do delírio) Que é isto? Quem fecha, pai, a cidadela celeste e me faz sair dos mesmos astros? Agora há pouco, o carro de Febo bafejava meu rosto: tão perto do céu estive. - Vejo Traquine! Quem me devolveu à terra? Imediatamente, o Eta se descortinara abaixo de mim, e abaixo de mim o mundo inteiro se apresentou (1445). Quão prazerosamente te afastaras, dor! Tu me obrigas a confessá-lo: pára, e guarda esta revelação. (A Hilo) Vês, Hilo: os presentes de tua mãe resultaram nestas dádivas. Oxalá me fosse possível, com um golpe de minha maça, destruir-lhe impiedosamente a vida, como eu subjuguei a monstruosa Amazona (1450) perto dos flancos do nevoso Cáucaso. Ó querida Mégara, eras tu a minha esposa, quando eu estava enfurecido? Dai-me a maça e o arco. Seja maculada minha mão direita: imprima eu uma mancha em minha honra: seja escolhida a morte de uma mulher como o último trabalho de Hércules (1455).

HILO

Contém, pai, as terríveis ameaças de tua ira. Ela está vencida! Acabou-se. Os castigos que reclamas, ela já os sofreu. Trespassada por sua mão, minha mãe está morta.

HÉRCULES

Ela morreu dolosamente: ela merecia morrer pelas mãos do irado Hércules. Licas perdeu uma companheira (1460). A enfurecer-me contra seu corpo, mesmo inanimado, obrigam-me o ímpeto e a ira. Por que seu próprio cadáver escapa a minhas ameaças? Que as feras o recebam como pasto.

HILO

A infeliz sofreu mais do que fez sofrer. Quererias, desse fato, arrancar também algum merecimento? Ela morreu de sua própria mão, mas também de tua dor (1465). Ela sofreu mais castigos do que reclamas. Mas não jazes aí por causa de crimes de uma esposa sanguinária, nem pela traição de minha mãe: Nesso, que perdeu a vida ferido por tuas flechas, construiu esses ardis. A túnica foi tingida pelo sangue dessa semi-fera, pai (1470). E Nesso te inflige agora esta vingança.

HÉRCULES

Estou vencido. Está tudo acabado. Meu destino se torna claro. Esta é a última luz. O carvalho fatídico, certa vez, me previra esta sorte, e, no Parnaso, o bosque, sacudindo o templo de Cirra com seu mugido (proclamou) (1475): “Vitorioso, ó Alcides, um dia jazerás pela mão do homem aniquilado. Esse fim derradeiro te está reservado, quando tiveres percorrido os mares, a terra e os infernos”. Nada mais eu lamento: a mim se deveu dar este fim, para que nenhum vencedor de Hércules lhe sobrevivesse (1480). Seja escolhida agora uma morte ilustre, memorável, célebre, perfeitamente digna de mim. Tornarei famoso este dia. Que se corte toda esta floresta, e que o bosque do Eta seja amontoado: uma grande pira receba Hércules, mas antes de sua morte. (A Filoctetes) Tu, jovem da estirpe de Peante (1485), executa para mim este triste ofício. Que a chama de Hércules arda durante o dia inteiro. (A Hilo) A ti, Hilo, dirijo agora meus últimos pedidos. Há, entre as cativas,

uma jovem ilustre, que mostra no rosto sua raça e sua realeza: Iole, filha de Êurito (1490). Toma-a para tuas núpcias e himeneu. Vencedor sanguinário, eu lhe suprimi a pátria, seus penates, sem nada oferecer à infeliz, senão o próprio Alcides: e este mesmo agora lhe é arrebatado. Que ela compense seus infortúnios, estreite-a em seus braços o neto de Júpiter e filho de Hércules (1495); que ela gere para ti o que ela concebeu de mim. (A Alcmena) E tu também, deixa teus prantos fúnebres, suplico, ilustre mãe: para ti, Alcides vive. Graças a meu valor, consegui que tua rival seja tida por madrasta. Quer, no nascimento de Hércules (1500), aquela noite tenha sido prolongada, quer meu pai seja um mortal; - mesmo que seja falsa minha linhagem, cesse a culpa de minha mãe, bem como o crime de Júpiter - eu mereci ter Júpiter como pai: eu proporcionei honra ao céu, e minha mãe concebeu-me para glória de Júpiter (1505). E o que é mais: o próprio deus, ainda que Júpiter, se alegra por ser considerado meu pai: contém logo as lágrimas, mãe. Tu serás gloriosa entre as mães argólicas. Juno, que porta o cetro celeste, e é esposa do Tonante, gerou alguém assim? Não obstante seres uma mortal, a rainha do céu teve inveja de ti (1510): desejou que Alcides fosse chamado seu filho. Agora, segue sozinho o teu caminho, Titã. Aquele que foi teu companheiro por toda parte, vou para o Tártaro e para os manes (1515). Lá para baixo, levarei, no entanto, esta glória insigne: a de que nenhum monstro venceu Alcides às claras, e a de que todo monstro Alcides venceu, às claras. (Ele sai na direção da pira que lhe fora preparada).

QUARTO CANTO

CORO

Ornamento do mundo, ó radiante Titã, ante cujos primeiros raios, Hécate alivia as bocas fatigadas de sua biga noturna (1520), diz aos Sabeus que vivem sob a Aurora, diz aos Iberos que habitam o Ocaso, e aos que sofrem sob o carro da Ursa, e aos que são fustigados pelo carro abrasador (1525), diz que Hércules se precipita para os manes eternos e para o reino do cão vigilante, de onde nunca mais voltará. Então as nuvens sigam os cavalos velozes. Pálido, contempla a terra entristecida, e sombras disformes flutuem diante de tua cabeça (1530). Quando, ó Titã, onde, sob que céu seguirás na terra um outro Hércules? Que mãos este universo infeliz invocará, se, sob o pântano de Lerna, alguma peste multiforme espalhar sua fúria com suas cem serpentes (1535); se algum javali tornar ameaçadoras aos antigos povos da Arcádia, suas florestas; se algum filho do Ródope trácio mais duro do que as terras da nevada Hélice espargir novamente com sangue humano a estrebaria (1540)? Quem devolverá a paz ao povo amedrontado, se os deuses irados ordenarem que (algum monstro) nasça no universo? Sucumbe de forma igual a todos aquele que a terra gerou igual ao Tonante. Que o pranto retumbe através de todas as cidades sem fim (1545), e as mulheres, com seus cabelos livres de qualquer amarra, firam suas espáduas nuas, e, excluídos os templos dos (demais) deuses, somente os templos da madrasta tranqüila permaneçam abertos. Tu vais para o Letes e para as margens do Estige (1550) donde nenhum navio te transportará; infeliz, vais para os manes, de onde, após venceres a morte,

conquistaras o triunfo: chegarás como uma sombra, com seus músculos descarnados, o rosto lânguido, e o pescoço débil (1555); e não transportará somente a ti aquela barca. Não obstante, não serás um (homem) vulgar entre as sombras: entre Éaco e os gêmeos cretenses, julgando as ações, abaterás os tiranos. Sede clementes, ó grandes, contende vossas mãos (1560). Digno de louvor é teres mantido limpa a espada, e, quando reinavas, teres minimamente tolerado as mortes violentas contra tuas cidades. Mas a virtude tem seu lugar entre os astros. Terás um lugar na morada do Ártico (1565), ou onde o grave Titã expõe o seu calor? Ou brilharás sob o poente morno, de onde ouvirás Calpe ressoar no encontro dos mares? Que regiões do céu tranqüilo submergirás? Qual será, por ter recebido Alcides (1570), o lugar seguro entre os astros? Que teu pai te dê, pelo menos, um lugar distante do Leão horrível e do ardente Câncer, para que os céus assustados diante de tua presença, não perturbem suas leis, e nem o Titã trepide (1575). Enquanto vierem as flores com a primavera morna, ou enquanto os invernos cortarem as comas às florestas, ou enquanto o verão chamar de volta às florestas sua coma, e os frutos cessarem ao fugir o outono, o tempo jamais te apagará da terra (1580). Companheiro de Febo, como companheiro segui-lo-ás para os astros. Nascerá seara no fundo do mar, ou o mar ressonará com água doce; descerá a constelação da Ursa Glacial e gozará do mar proibido (1585), antes que os povos esqueçam tuas glórias. A ti, pai da natureza, os infelizes te suplicamos: não nasça nenhum monstro, nenhuma desgraça, não se horrorize a miserável terra com chefes cruéis. Nenhum palácio seja governado (1590) por alguém que julgue ser a única glória do reino, manter a espada sempre no ar. Se de novo algo vier a ser temido na terra, pedimos um vingador para essa terra abandonada. Ei! Que é isto? O céu ressoa. Eis que ele geme (1595), geme o pai de Alcides; ou é o clamor dos deuses, ou a voz da temerosa madrasta, e, à vista de Hércules, Juno foge do firmamento? Ou é Atlas que, sofrendo seu peso, vacilou? Ou os manes terríveis tremeram ainda mais (1600) diante de Hércules, e o cão dos infernos, quebradas as cadeias, fugiu assustado ante a visão (de Hércules)? Enganamo-nos: eis que, com uma expressão alegre, surge aquele que Peante gerou e traz sobre os ombros as flechas e a aljava famosa junto ao povo (1605): o herdeiro de Hércules.

QUINTO EPISÓDIO

FILOCTETES ou MENSAGEIRO, CORO

CORO

Narra-nos, jovem, te pedimos, os sofrimentos de Hércules, e com que disposição Alcides enfrentou a morte.

FILOCTETES

Com aquela com que ninguém (enfrentou) a vida.

CORO

Ele se lançou, portanto, com alegria, sobre as últimas chamas?

FILOCTETES

Ele demonstrou que as chamas já não são nada (1610). O que, sob este céu, Hércules terrivelmente deixou sem ser vencido? Eis que tudo está dominado.

CORO

Entre as chamas, que lugar coube ao homem corajoso?

FILOCTETES

Único mal que ele ainda não tinha vencido sobre a terra, o fogo foi (finalmente) vencido; este também ele somou aos monstros (1615): o fogo contou-se entre os trabalhos de Hércules.

CORO

Dize, portanto, de que modo as chamas foram vencidas.

FILOCTETES

Logo que todo o nosso triste grupo chega ao monte Eta, derrubada por este aqui, uma faia perde sua sombra, e jaz por terra com seu tronco inteiro. Um outro abate impetuosamente um pinho (1620) que ameaçava os astros, e o busca do meio das nuvens: em sua queda, ele abala os rochedos e arrasta consigo a vegetação menor. Um carvalho de Caônia, muitas vezes loquaz, se ergue a grande altura e impede a luz de Febo (1625), e estende completamente seus ramos sobre todo o bosque. Ele geme ameaçador, muito atingido pelos ferimentos, e quebra as cunhas; o ferro, brandido contra ele, é repelido, e a ferramenta sofre o ferimento e foge ao tronco. Abatido enfim, enquanto cai, produziu grande destruição. Imediatamente, todo o lugar recebe os raios do sol (1630). Expulsas de suas moradas, e com o bosque destruído, as aves revoluteiam na luz, e, gárrulas, com asas fatigadas, procuram suas casas. Já todas as árvores haviam rugido, e os próprios carvalhos sagrados haviam sentido, no ferro, a mão terrível, e o antigo prestígio não foi proveitoso a qualquer árvore. Toda a floresta é amontoada, e seus troncos alternados elevam até os astros, para Hércules, a augusta pira: o pinheiro que fará nascer as chamas, o duro carvalho e a menor azinheira. Uma árvore de choupo (1640) branco, ornamento da fronte de Hércules, completa a pira. Quanto a ele, como um leão imenso sob o bosque nasamão muge deitado sobre o peito ferido, ele se deixa transportar: quem acreditaria que ele era carregado para as chamas? Seu rosto era de quem se dirigia aos astros, não ao fogo (1645). Logo que pôs seu peso sobre o Eta, com seus olhos, ele examinou toda a pira. Depositado ali, ele esmagou a lenha. Pediu seu arco: “recebe estas dádivas”, diz ele, ó filho de Peante, toma este legado de Alcides”. Estas (flechas), a hidra provou; com elas sucumbiram as aves de Estinfalo (1650) e todos os outros monstros que eu venci à distância. Jovem feliz por sua coragem, jamais atirarás em vão estas (armas) contra o inimigo. Mesmo que do meio das nuvens quiseres derrubar as aves, elas descerão (1655), e as presas choverão do céu com teus dardos certeiros. Este arco jamais enganará tua mão direita. Ele aprendeu a equilibrar o dardo, e a dar a direção certa a suas flechas. Os próprios dardos, uma vez lançadas pela corda, não erram o percurso. Tu, peço-te, somente prepara-me o fogo e a tocha final (1660). “Esta clava”, diz ele, “que mão alguma segurou, arda comigo em meio às chamas. Somente esta

arma seguirá a Hércules. Esta também tu receberias", diz ele, "se a pudesses carregar. Que ela engrosse a pira de seu dono". Em seguida, pede que os horríveis despojos do monstro de Neméia ardam com ele (1665). E a pira desapareceu sob os despojos. Toda a nossa turba gemeu, e a nenhum, sua dor poupou das lágrimas. Sua mãe, louca de sofrimento, abre seu peito sôfrego e fere, com grandes golpes, seus seios desnudados até o ventre (1670). E acusando, com seus gritos, os deuses superiores, e até o próprio Júpiter, encheu todo o lugar com seu grito de mulher: "Tornas indigna, mãe, a morte de Hércules; contém tuas lágrimas", diz ele, "que essa dor de mulher aconteça dentro de ti mesma; por que, com teu choro, proporcionas a Juno um dia feliz (1675)? Ela se alegra ao ver as lágrimas da rival. Domina teu coração ferido, mãe: é ímpio macerar teus seios e o ventre que me gerou." E rugindo de um modo terrível, como quando conduziu (1680), pela cidade de Argos, o Cão infernal e voltou vencedor do Érebo, diante do próprio Dite desprezado, e da morte trêmula, deitou-se sobre a fogueira. Quem, vencedor, em seu carro ficou, dessa maneira, de pé, alegre e triunfante? Que tirano ditou leis aos povos com aquela expressão? Quanta paz lhe trouxe a morte (1685)! Nossas lágrimas se estancaram, a dor caiu vencida, até nossa própria dor; e ninguém chorou pelo que ia morrer: chorar agora já é uma vergonha: aquela mesma cujo sexo manda chorar, Alcmena, com suas faces enxutas, mantém-se de pé, como mãe já quase igual ao filho (1690).

CORO

Aquele que ia arder no fogo nenhuma prece dirigiu aos deuses, ou não elevou a Júpiter seus olhos suplicantes?

FILOCTETES

Ele permaneceu estendido, seguro de si, e, observando o céu, procurou, com os olhos,

(para ver)

se de algum lugar o pai o contemplava. Logo, estendendo as mãos, ele diz (1695): "De qualquer lugar donde observas teu filho, ó pai, eu te imploro, a ti, para quem, com uma noite a outra reunida, um único dia suprimiu-se. Se cantam minhas glórias ambas as costas de Febo, e a raça dos Citas, e toda a região que o sol ardente tosta (1700); se a terra está plena de paz; se nenhuma cidade geme, e ninguém mancha impiamente os altares; se não há mais crimes, recebe entre os astros, eu te peço, este meu espírito. Nem a morada da morte infernal, nem os reinos sinistros do Júpiter tenebroso me aterrorizam (1705). No entanto, eu me envergonho de ir como sombra, para junto daqueles deuses que eu venci, ó pai. Dissipadas as nuvens, clareia o dia, para que o olhar dos deuses veja teu Hércules ardente. Ainda que tu me negues os astros e o firmamento, para um dos dois lugares serás obrigado a me levar. Se a dor me arrancar algum gemido (1710), abre-me então os pântanos do Estige e entrega-me novamente à morte; antes disso, submete teu filho à prova: este dia fará com que eu me mostre digno do céu. Tudo o que foi feito antes é de pequena importância. É este dia, ó pai, que será, ou a consagração, ou a condenação de Hércules. Depois que disse estas palavras (1715):

"a madrasta veja como eu suportei as chamas", ele pediu as chamas. "Agora age, companheiro de Alcides, depressa", diz, "agarra a tocha do Eta. Por que treme tua mão direita? Acaso tua mão temerosa foge de um crime ímpio? Devolve-me imediatamente a aljava (1720), covarde, incapaz, inútil; é essa a mão que deve retesar meu arco? Por que se assenta a palidez em tuas faces? Lança-te sobre o facho com coragem, com a expressão com que vês jazer Alcides. Contempla, infeliz, aquele que vai arder. Eis que o genitor já me chama e me abre os céus (1725). Estou indo, pai." E seu porte não era o mesmo: com minha mão tremente, introduzi (na pira) o pinho em chamas. Recua o fogo, e as chamas relutam e evitam seus membros, mas o próprio Hércules persegue o fogo que lhe foge. Acreditarias que o Cáucaso, ou o Pindo, ou o Atos (1730) ardiam em chamas: nenhum som irrompe, tão somente o fogo geme. Ó coração invencível. O horrendo Tífon, posto sobre aquela pira, teria gemido ele próprio, e aquele que pôs sobre os ombros o Ossa arrancado (do chão), o feroz Encélado (1735). Aquele, por sua vez, levantando-se no meio das chamas, semi-queimado e (todo) lanhado, diz, lançando um olhar intrépido: "Agora

és mãe de Hércules: assim te convém estares firme junto à fogueira, mãe", diz ele, "assim convém que se chore Hércules". Posto no meio das labaredas e das ameaças da chama (1740), imóvel, inabalável, não torcendo para lado algum seus membros calcinados, ele exorta, ele aconselha; faz algo aquele que arde. Ergue frente a todos os seus servidores sua alma forte, de modo que julgarias que aquele que ardia em fogo é que queimava (o fogo). Todo o povo fica estupefato. Parecia incrível haver fogo ali (1745), tão tranqüila estava sua face, tal majestade tinha aquele homem: ele não tem pressa de ser consumido; e quando pensou que o alcançado já era suficiente para uma morte virtuosa", ele reúne daqui e dali os troncos inflamados, em que a menor labareda crepita (1750), e os volta todos para o fogo. Intrépido e indomável, busca aqueles donde transborda o fogo mais intenso. Em seguida, cobre seu rosto com as chamas, e luzem suas espessas barbas; e quando o fogo ameaçador já tinha alcançado seu rosto, e as chamas já tinham lambido sua cabeça, ele nem fechou os olhos (1755). Mas o que é isso? Vejo sua mãe carregando no regaço os restos do grande Hércules; e, deixando cair seus cabelos desalinhados, Alcmena geme.

(Entra Alcmena carregando em seu colo uma urna funerária)

ALCMENA, FILOCTETES, <CORO>

ALCMENA

Temei, ó deuses, o destino: (levantando a urna) tão poucas cinzas são as de Hércules! Nisto, nisto, acabou aquele gigante! Que massa enorme, ó Titã, se reduz a nada (1760). Meu seio de velha, ai de mim, recolhe Alcides. Este é o túmulo dele: eis que Hércules mal preencheu a urna inteira; quão leve é para mim o peso deste sobre quem o céu inteiro descansou como um fardo leve. Tu ias outrora ao Tártaro e aos reinos inferiores como alguém que voltaria (1765): - Quando retornarás novamente do Estige infernal? Não digo que deves, novamente, trazer troféus, e nem que Teseu, de volta, te deva a luz: - Mas quando voltarás daí

sozinho? O mundo, pesando sobre ti, reterá tua sombra? E o cão do Tártaro poderá impedir a tua volta (1770)? Quando baterás às portas de Tênaros, ou a que gargantas por onde se atinge a morte, me dirigirei eu, tua mãe? Tu vais para os manes, com caminho só de ida? Por que gasto meu dia em queixas? Por que continuas, vida infeliz? Por que te agarras à luz (1775)? Que outro Hércules posso de novo gerar para Júpiter? Que filho tão notável me chamará, a mim, Alcmena, de sua mãe? Ó felicíssimo, meu felicíssimo esposo tebano, entraste nas regiões do Tártaro, quando teu filho estava no auge de sua glória. E os infernos certamente temeram a ti que chegavas (1780), tão somente porque eras pai de Hércules, mesmo que o fosses falsamente. Que países procurarei eu, já velha, odiada por reis cruéis (se é que algum rei cruel ainda restou), ai de mim! Qualquer filho que chora seus pais eliminados (1785) buscará vingança em mim, todos se lançarão sobre mim. Se qualquer pequeno Busíris, ou qualquer pequeno Anteu aterrorizarem a região da terra ardente, serei eu a conduzida como presa. Se qualquer habitante do Ísmaro vingar os rebanhos do sanguinário Trácio, esses cruéis rebanhos despedaçarão meus membros (1790). Talvez a irada Juno me buscará castigos: toda sua mágoa se inflamará. Segura, pois, ela está livre do Alcides vencido, e a rival continua viva. Oh! Quantos suplícios ela me infligirá, para que eu não possa dar à luz! Este filho tornou temível o meu ventre (1795). Que refúgios procurarei eu, Alcmena? Que lugar, que região, que paragem do universo me defenderá? Ou para que esconderijo me conduzirei, mãe conhecida por toda parte por causa de ti? Se me dirigir para minha pátria e para meus lares infelizes? Euristeu é senhor de Argos (1800). Procurarei Tebas e Ísmaro, reinos de meu esposo, e nosso leito nupcial em que, preferida, vi um dia a Júpiter? Ó felicíssima, felicíssima de mim, se eu mesma tivesse sentido Júpiter atirando o raio! Antes, criança, tivesse sido Alcides arrancado de minhas entranhas (1805)! Mas agora me é dado um tempo: é-me dado ver meu filho rivalizando-se em glória com Júpiter; e isto é para que me fosse dado conhecer o que o destino me podia arrancar. Que povo vive lembrando-se de ti, meu filho? Já todo o gênero humano te é ingrato (1810). Dirigir-me-ei a Cleonas? Ao país dos Arcádios me dirigirei, e procurarei essas terras enobrecidas por teus méritos? Aqui sucumbiu a terrível serpente, ali (foi) uma ave feroz, acolá um rei sanguinário, aniquilado por tua mão, o leão que, enquanto teu corpo é sepultado na terra, brilha no céu (1815). Se a terra é grata, todos os povos defendam tua Alcmena. Procurarei o país dos Trácios e os povos do Hebro? Esta região também foi defendida graças a teus méritos: estão destruídos os estábulos juntamente com seu reino. Aqui, abatido o rei sanguinário, foi estabelecida a paz (1820). Onde, pois, ela foi negada por ti? Que sepulcro, eu, uma velha infeliz, procurarei para ti? Que o mundo inteiro dispute teu túmulo. Que povo, que templos, que nações reclamam os restos do grande Hércules? Quem, quem procura, quem

reivindica o fardo das mãos de Alcmena (1825)? Que sepulcro, meu filho, que túmulo te será bastante? Todo o universo será um monumento à tua glória. Por que tremes, minha alma? Tens em tuas mãos as cinzas de Hércules, abraça seus ossos. Estes restos te darão ajuda, eles te serão uma proteção suficiente. Até tuas sombras

aterrarão os reis (1830).

FILOCTETES

Apesar de devido a teu filho, contém teu pranto, mãe do ilustre Alcides. Não deve ser chorada, nem pressionada à força de reza qualquer pessoa que, com seu valor, tenha conduzido até à morte seu próprio caminho. A virtude eterna de Hércules proíbe que se chore Hércules (1835). Os heróis dispensam que os choremos; os fracos o exigem.

ALCMENA

Farei cessar minhas queixas, eu, esta mãe que perdeu o justiceiro da terra, do mar, e de toda parte onde brilha o sol purpúreo, que clareia os dois lados do oceano? Quantos filhos sepultei, esta mãe infeliz, num único filho (1840)? Eu não tinha reino e, no entanto, eu podia conceder reinos. Única entre todas as mães que a terra nutre, eu me abstive de (fazer) votos, nada pedi dos deuses, enquanto incólume estava o filho: o que não poderia dar-me o ardor de Hércules? Que deus poderia negar-me qualquer coisa (1845)? A eficácia dos votos estava nesta mão: tudo o que me negasse Júpiter, dar-mo-ia Hércules. Que outra mãe mortal portou em seu seio alguém como ele? Uma certa mãe continuou petrificada, quando ficou privada de todos os seus filhos, e chorou, de uma só vez, sua dupla grei de sete filhos (1850). A quantas greis poderia ser comparado aquele meu filho? Faltava, ainda, a essas mães infelizes seu modelo completo: eu, Alcmena, darei (esse exemplo). Cessai, mães, se uma dor obstinada ainda vos manda chorar, e aquelas que uma aflição intensa transformou em pedras (1855). Recuai todas diante destas minhas desgraças. Vamos, mãos infelizes, feri este meu peito senil. Uma única anciã, velha e alquebrada, é bastante para (chorar) um funeral tão grandioso, que em breve todo o mundo lamentará? Para te bateres, solta teus braços, ainda que cansados (1860): para que, com teus lamentos, causes inveja aos deuses. Conclama todo o gênero humano a se bater.

(Aqui segue-se o canto formal de luto de Alcmena acompanhado dos usuais gestos orientais de lamentação)

Ide, chorai o filho de Alcmena e do grande Júpiter, para cuja concepção um dia foi suprimido, e a aurora reuniu (1865) as duas noites. Perde-se (agora) algo mais do que a própria luz. Chorai todas juntas, nações cujos tiranos cruéis ele mandou entrar para a morada do Estige, e a depor a pesada espada banhada no sangue de seus povos (1870-1871). Derramai o pranto ante tão grandes serviços, e ressoe ele por todo o universo, pelo universo inteiro. Chore Alcides a azulada Creta, terra querida do grande Tonante: que seus cem povos golpeiem seus braços (1875b-1876a). Agora, Curetos, agora, Coribantes, brandi nas mãos vossas armas sobre o Ida. As armas são próprias para celebrar Hércules. Agora, neste momento, lamentai um verdadeiro funeral: Alcides está morto, ó Creta, (este Alcides) não menor do que o próprio Tonante. Chorai a morte de Hércules, habitantes da Arcádia, povo (existente) quando Febo nem era nascido. Ressoem as colinas do Partênio e do Feneu (1885), e que os fortes golpes ecoem no Mênalo. Pedem gemido para o grande Alcides, o javali abatido em vossos campos, e a ave que

embaçava todo o sol com a asa, e que foi obrigada a seguir suas flechas (1890). Chorai, Cleonas argiva: aí certa vez a direita de meu filho aniquilou o leão que aterrorizava vossas muralhas. Mães de Bistônia, feri-vos com açoites, e o gélido Hebro ecoe com seus golpes (1895). Chorai Alcides, pois já não nascem crianças para (alimento dos) estábulos, nem o rebanho devora vossos ventres. Chore a terra libertada de Anteu, bem como a região por ele arrancada ao feroz Gerião (1900). Feri junto comigo vossos peitos, nações infortunadas, e ouçam vossos golpes uma e outra Tétis. Vós também, turba do apressado céu, ó deuses, chorai a sorte de Hércules. O meu Alcides, ó deuses, carregou em seus ombros, o vosso mundo e o céu (1905), quando o transportador do Olimpo estrelado, Atlas, livre de seu peso, respirou. Onde estão agora, Júpiter, vossas cidadelas? Onde o palácio do céu, a ele prometido (1910)? Certamente Alcides morreu como um mortal, e, com certeza, foi objeto de funerais. Quantas vezes, ele te poupou de usar os dardos e o fogo! Quantas vezes terias que lançar o fogo (1915)! Lança, pelo menos, tua chama contra mim e me considera como Sêmele. Tu já tens, meu filho, a morada dos Elísios? Já (tens) as margens para onde a natureza chama o gênero humano? Ou o escuro Estige, depois de ter o cão raptado, te fechou a passagem, e o destino te retém nos umbrais de Plutão (1920)? Que tumulto perturba agora, meu filho, as sombras e os manes? Foge o barqueiro, levando sua barca, e, com os centauros assustados, o barqueiro provoca ferimentos, com a unha tessálica (dos centauros), nos manes atônitos, e a hidra aterrorizada mergulha sob as águas suas serpentes (1926b-1926a). As vítimas de teus trabalhos têm medo de ti, filho. Eu me engano, delirante, eu me engano! Nem os manes nem as sombras te temem (1930). A pele roubada ao leão de Argos, coberta por uma juba avermelhada, não cobre mais, sinistra, teu ombro esquerdo, e nem os dentes da fera guarnecem tuas têmporas (1935). Tuas aljavas, tornadas um presente, não são usadas, e uma direita menor lançará seus dardos. Tu vais sem arma, filho, através das sombras, junto às quais permanecerás para sempre.

VOZ DE HÉRCULES E OS MESMOS

VOZ DE HÉRCULES

(Vinda de cima)

Por que (agora), que tenho o reino do pólo estrelado, e que finalmente fui devolvido ao céu, tu me mandas com lamentação, que sinta o destino (1940)? Basta: minha virtude já me preparou o caminho para os astros e para junto dos próprios deuses.

ALCMENA

(Desorientada)

Donde vem, donde vem essa voz que fere meus ouvidos inquietos? Donde (vem) esse ruído que interrompe minhas lágrimas (1945)? Reconheço que o Caos está vencido. Novamente voltas do Estige para mim, meu filho, e mais de uma vez foi vencida por ti a horrível morte. De novo venceste o reino da morte e as águas lúgubres da barca infernal (1950). O Aqueronte lânguido já te é acessível, e a ti somente é permitido revisitá-lo. Nem o destino pode reter-te após teus funerais. Ou

Plutão te fechou o caminho, e pessoalmente amedrontado, ele temeu por si (1955)? Com certeza, eu te vi estendido sobre florestas em brasas, enquanto o medo enorme da chama se enfurecia contra o céu. Tu te queimaste. - Por quê? Por que as moradas

infernais não retiveram tuas sombras (1960)? O que de ti temeram os manes? - Eu te suplico. Para Plutão, até como sombra, és por demais temido?

HÉRCULES

(Sua silhueta toma forma agora no espaço acima)

Não me retêm os pântanos do lamentoso Cócito, nem a barca sombria transportou minhas sombras. Agora, mãe, chega de lamentos (1965): vi uma única vez os manes e as sombras. Tudo o que, (vindo) de ti, era mortal em mim, o fogo por mim vencido, o levou: a parte paterna foi entregue ao céu, e a tua, (foi entregue) às chamas. Por isso, renuncia aos prantos que manifesta uma mãe diante de um filho sem glória. Que o luto fique para os infames (1970). A coragem tende para os astros; o temor (tende) para a morte. Contemplando-te dos astros, mãe, eu, teu Alcides, predigo: agora o sanguinário Euristeu te pagará o castigo, e tu, conduzida por um carro, elevar-te-ás acima de sua cabeça soberba. A mim, convém agora subir para a morada celeste (1975). Eu, Alcides, venci mais uma vez, as regiões infernais.

(E ele desaparece das vistas)

ALCMENA

Permanece um pouco mais; - ele sumiu (do alcance) de meus olhos. Ele se dirige para os astros. Eu me engano, ou meus olhos acreditam ter visto meu filho? O espírito dos infelizes é incrédulo. És uma divindade, e a eternidade te recebe eterno. Acredito em teus triunfos (1980). Procurarei o reino de Tebas, e cantarei um novo deus acrescentado aos templos. (Sai)

QUINTO CANTO

CORO

A grande virtude nunca é levada para as sombras do Estige: vivei corajosamente, e a morte cruel não vos arrastará através das águas do Letes (1985). Ao contrário, quando a vida consumada exigir seus momentos finais, a glória vos abrirá o caminho para os deuses superiores. Mas tu, grande vencedor de monstros, e, ao mesmo tempo, pacificador do mundo, fica conosco (1990). Agora mesmo, volve teus olhos para nossa terra e, se qualquer monstro de aspecto desconhecido sacudir os povos com grave terror, aniquila-o, tu, com os raios trissulcos: que tu atires teus raios com força ainda maior do que a de teu próprio pai (1996).